

(Versão eletrônica em elaboração)

ANTES QUE AS ESTRELAS BRILHEM

LINO VITTI

Piracicaba, Gráfica e Editora Degaspari, 2001

Prefácio

...

Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil Sobrinho
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Lino Vitti, o Sonetista

Maria Cecília Machado Bonachella

Não existe contrapeso no prato para um exato equilíbrio em que o fiel da balança demarque algum outro potencial poético e de especialização vocabular no nível de Lino Vitti.

Piracicaba não pode prescindir – pois não teria sentido toda a poesia desta terra sem o nome do grande sonetista de altíssimo quilate - de legítimo e verossímil, tanto quanto transcendental e transtemporal, compositor- arquiteto da arte poética.

Infinita liberdade casa-se com a rígida vocação para a estrutura perfeita, equilibrada e estética. Por toda essa gama de qualidades, que só se conquista através do fazer e mais fazer, ao longo das folhas do tempo... o universo poético de Lino Vitti se alarga a cada soneto de quartetos melódiosos e tercetos bem fechados,

Ninguém pode exigir deste vate, ou propor a esta sumidade, honra e glória piracicabana, que nos aponte o que de melhor possa nos apresentar, numa auto-crítica minuciosa, mesmo que ele indique sua preferência por esse ou aquele soneto.

Sua poesia é carregada por um subjetivismo tal, que pode até deixar passar despercebida, ao leitor mais distraído, a grandiosidade iluminada, embora qual faceta ínfima de diamante lapidado, reflita intensamente, mesmo se achando por detrás do sentido exato do vocábulo, explodindo na conotação correta, na expressão magnífica, na apoteose esplendorosa.

Jamais notei em todo o universo de sua poesia, um deslize, uma “semi-intenção”, uma escorregadela técnica.

O estilo colhido por Lino Vitti – o soneto - requer a preciosidade das rimas. Em momento algum o poeta as vulgariza, pelo contrário, a leitura de seus versos só nos aperfeiçoa a busca da palavra figurada.

Diz António Feliciano de Castilho, que “os bons versos soltos são muito bons, os versos bem rimados são muito melhores”. Assim os sonetos vittianos: inigualáveis, todos!

Era uma vez

...

Ivana Maria França de Negri

Algumas apreciações do Autor

...

Professor Elias Salum

Prefácio de um aprendiz

...

Esio Antonio Pezzato

Comentário

...

Heitor Gaudenci Junior

Secretário Municipal de Ação Cultural

O porquê do título e a imagem da capa

Lino Vitti

Não é fácil batizar-se um livro. Dar-lhe as águas lustrais de um título. As buscas se perdem num emaranhado de propostas , num cipoal de comparações , numa infinidade de motivos. Essa dificuldade , afinal, advém pelo fato de se tratar de um livro de poesias que inclui em seu bojo uma parafernália de assuntos . Muitos autores, de modo especial , poetas, apanham um poema e o sapecam como título da obra. Pronto, problema resolvido. Optei pelo “ANTES QUE AS ESTRELAS BRILHEM” entendendo que a vida chega ao entardecer que é a ante-sala da noite .E o que se faz , mesmo se trate da variedade de motivos versejados , deve ser feito antes que as estrelas pisquem no céu escuro. Serão elas o testemunho de tudo aquilo que as páginas conterão em seu bojo. O seu brilho há de iluminar o caminho do olhar para aqueles que se aventurarem a percorrê-las.

A capa deste livro é obra de arte de minha filha Fabíola S.S. Vitti Moro, engenheira –agrônoma pela ESALQ e aluna do grande pintor Manoel Martho. Vê-se um pôr-de-sol e a aproximação da noite , ou melhor um crepúsculo ao fundo que é o prenúncio das estrelas que chegam para brilhar. Justifica-se assim o título do livro.

Palavras de um súdito

...

José Machado

Prefeito

POR QUE MAIS UM LIVRO?

Lino Vitti

Porque, como propalam por aí, os poetas são meio ou inteiramente loucos. Não de loucura mental insanável, como muitas que andam pelo mundo afora, mas de uma loucura boa, aceitável, sonhativa.

Aos quase oitenta e dois anos, não perdi, graças a Deus, essa coisa a que chamam inspiração, esse impulso mesclado de prazer de compor, compor, metrificar, metrificar, rimar, rimar, sonetar, sonetar. Pode para muitos parecer isto uma loucura, mas para o próprio poeta é razão de ser, é missão a ser cumprida por mandamento divino, atender à chave de ouro de um de meus sonetos: a divina ilusão de haver sido poeta.

Estão muito enganados aqueles que supõem ser a poesia coisa de juventude, coisa infantil, algo assim sem muita importância para si e para os semelhantes. Peço licença entretanto para afiançar aos leitores de versos e poemas o valor que a poesia sempre teve, tem e terá, no passado, no presente e no futuro para a cultura e sentimentalidade humanas, bastando para isso constatar a presença iniludível dos poetas dentro da História do mundo de todos os tempos .

Reúne este livro sonetos e poesias inéditos e vem a lume graças ao intenso amparo à cultura em geral que o prefeito José Machado tem dedicado em suas duas administrações públicas, através de sua Secretaria da Ação Cultural, ponto alto do órgão municipal merecedor de uma compreensão administrativa do mais alto quilate.

Não sei se este livro poderia ser o canto do cisne, oxalá não fosse nunca para confirmar a imortalidade da poesia e de seus cultores, certamente o tempo, os anos, o marchar da vida, o dirão porque são transes inevitáveis da vida, enquanto a esperança do amanhã se apresenta em cada acordar do dia, quando os olhos se abrem, mais uma vez, ao espetáculo feliz da existência humana.

Jamais me arrependerei do tempo dedicado à poesia. Deixo-o, juntamente com meus livros, aos poetas e poetisas de Piracicaba, como exemplo de um caminho de complementação pessoal e como uma afirmativa de que a poesia não faz mal a ninguém, pelo contrário é remédio, é bálsamo, é felicidade e uma das melhores coisas que se pode legar aos filhos, netos, familiares, à cidade e aos concidadãos..

E sobretudo a convicção de haver cumprido a mais bela das missões na terra: ser poeta e transformar em realidade das letras os sonhos da alma e dos sentimentos.

CURRICULUM VITAE

(Síntese de vida)

- NOME - Lino Vitti
- IDADE - 08/02/1920
- ESTADO CIVIL - Casado em únicas núpcias com professora Dorayrthes Silber Schmidt Vitti.
- FILIAÇÃO - José Vitti e Angelina Vitti.
- NATURALIDADE - bairro Santana, Distrito de Vila Rezende, Piracicaba SP

VIDA FAMILIAR

Casamento civil e religioso em comunhão de bens. Pai de sete filhos: Ângela Antônia, Dorinha Miriam, Rosa Maria, Fabiola, Lina, Rita de Cássia, Eustáquio.

VIDA PROFISSIONAL

APOSENTADO - como Diretor Geral da Secretaria da Câmara de Vereadores, e como Redator do Jornal de Piracicaba.

Exerceu atividades no comércio, como professor de Cursos da Madureza, na lavoura até os 13 anos, na Prefeitura Municipal como bibliotecário, lançador de impostos, protocolista, Secretário Municipal.

VIDA CULTURAL

ESCOLA PRIMÁRIA - Grupo Escolar do bairro de Santana, seminarista por seis anos no Colégio Santa Cruz de Rio Claro, onde cursou humanidade, línguas, religião, ciências, matemáticas, música.

CURSOS - Formou-se Técnico em Contabilidade, pela Escola de Contabilidade, “Prof. Zanim”, onde lecionou Datilografia e Francês.

Lecionou ainda Português, Latim em Escola de Madureza e em escola própria de sua responsabilidade.

VIDA RELIGIOSA

Católico, apostólico, romano fez curso de religião em seu ensino de Seminário, foi coroinha e organista da Catedral e da Igreja de São Benedito, Congregado Mariano.

VIDA LITERÁRIA

Bafejado pelos ensinamentos de sábios sacerdotes em colégio de formação religiosa, recebeu extraordinária formação literária que lhe propiciou enveredar pelo caminho da

poesia, da crônica, dos contos, do jornalismo, havendo editado de 1959 a 1996 seis livros de poesia, com edições em milheiro de exemplares, os quais estão por aí a satisfazer o gosto daqueles que apreciam a arte literária.

São seus livros; “Abre-te, Sésamo!”, 1959; “Alma Desnuda”, 1988, “A Piracicaba, Minha Terra”, 1991, “Sinfonia Poética”, de parceria com Frei Timóteo de Porangaba; “Plantando Contos, Colhendo Rimas”, 1992, “Sonetos mais Amados”, 1996.

O poeta piracicabano conta ainda com a satisfação de haver composto Hinos para diversos municípios, bairros rurais e entidades várias, continuando a colaborar ainda, após os oitenta e um anos, em colunas literárias e com artigos de ordem geral em jornais da cidade.

Faz parte da Academia Piracicabana de Letras que lhe outorgou por eleição o título honorífico de “PRÍNCIPE. DOS POETAS DE PIRACICABA”.

Foi-lhe concedida pelo Município de Piracicaba, através de sua Secretaria da Ação Cultural a MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL ‘PROF. OLENIO DE ARRUDA VEIGA’, é detentor do troféu Imprensa concedido pelo Lions Clube de Piracicaba, Centro, e da Medalha Italiana concedido pelo governo Benito Mussolini, aos alunos de escolas e seminários de origem daquele país que se tivessem destacado em redação de trabalhos literários escritos na língua de Dante.

O Município de Saltinho, para o qual contribuiu com a feitura do hino dessa comunidade, conferiu-lhe o título de “Cidadão Saltinhense”.

ANTES QUE AS ESTRELAS BRILHEM

Lino Vitti

ANTES QUE AS ESTRELAS BRILHEM

Antes que brilhem as estrelas no alto,
num estranho chegar do lusco-fusco;
antes que a noite com seu negro assalto
me tire a santa luz que tanto busco ;

antes que as trevas – esse horrendo asfalto
do céu – onde de dor a alma chamusco,
os meus ideais a poetar ressalto ,
veja perto um crepúsculo velhusco.

O sol já não quer ver-me com carinho,
sem águas vou , aos passos , no caminho ,
vão as flores e as aves debandadas.

Restam somente as rimas por conforto,
eu já alcancei o derradeiro porto,
brilhem pois as estrelas namoradas.

LUZES DO OCASO

Quando o céu se colore e como um pálio
se desdobram luzores no horizonte,
dou por findo o meu rústico trabalho,
do versejar selou-se a minha fonte.

É preciso parar ânsias do atalho,
é preciso deter o afã do monte.
É preciso secar o doce orvalho
antes que o sol, no céu, fulvo tramonte.

Toda a vida me foi um belo acaso,
quanto pude galguei o meu Parnaso
dispersando poesia estremecida.

Tudo finda na vida, tudo finda,
mesmo assim vejo sempre muito linda
a aventura enigmática da vida.

A BANDEIRA DO SONHO E DA ESPERANÇA

Vede a nave que vai. É a vida que navega,
às vezes calmaria, às vezes sol bonito.
Pelos mares boreais agora nos carrega,
por oceano feliz, estival e bendito.

Esta nau é latina, esta outra é vela grega,
qual vem de Gibraltar, qual vem do velho Egito.
Hoje o Mediterrâneo em torno a si as congrega,
amanhã já não sei em que quadrante as fito...

E quem sabe, Senhor o rumo dessas naves,
ora ao Norte, ora ao Sul, tempestades, bonanças,
furor de vendavais, quiçá rotas suaves!

O que vejo, porém, em toda a nau que avança,
vencendo furacões, à voz de roucas aves,
é a bandeira do Sonho e o mastro da Esperança.

TERRA NATAL

(Santanense com orgulho)

Nesse chão, onde guarda a santa natureza
as minhas ancestrais, genéticas raízes,
vi florir-me da vida os sonhos de beleza,
desfrutei do viver, os dias mais felizes.

Deram-me as fontes a água pura posta à mesa,
da sede refrescando as fundas cicatrizes.
O céu – cúpula azul – de enorme azul-turquesa,
se enfeitava de sol e de nuvens atrizes.

Pássaros musicais, saudando a manhã nobre,
a escola, as plantações, as estrelas em penca,
as estradas que vão, de um sino o triste dobre...

Uma terra não há como a minha Santana:
Tem o terno verdor de um vazinho de avenca,
e o gosto sazonal de um cacho de banana.

POESIA MODERNA

Minha cara Poesia alegre e modernista,
inestética, irreal, síntese, paradoxo.
Desrimada, a mancar qual manca altivo coxo
mas sincera, jovial, enigmática, artista.

Protestante, genial, lírica arte golpista,
bela como o Brasil, ou feia como um mocho,
ora clara manhã, ora poente roxo,
revolução feliz, a se perder de vista.

Sem métrica, sem rima, e sem qualquer estrofe
és, Poesia moderna, um grande regabofe,
artística, revolta, amada e senvergonha.

Assim mesmo sem rima ou métrica que a cantem,
não importa porém que os outros mais se espantem,
enquanto teu cantor divinamente sonha.

“PORTAL DOS SONHOS”

(Ao seu autor Esio Pezatto)

Poeta peregrino, após tantas andanças
à procura do Belo, em busca de um tesouro
erguendo o olhar ao céu das doces esperanças,
feitas de imenso azul, feitas de estrelas de ouro;

poeta caminheiro, afinal, quando alcanças
do teu longo viajar feliz ancoradouro?
Quando te acolherão aquelas terras mansas
do encantado país, dos sonhos sorvedouro?

Responda-me, poeta, até quando essa busca,
até quando essa vida que a incompreensão ofusca,
muitas vezes sem sol, muitos dias tristonhos!?

Eis a tua resposta, alucado poeta:
ter a glória imortal de um telúrico esteta
e a pérola nos dar desse “PORTAL DE SONHOS”.

A LAGOA DOS SAPOS

O ouro da luz, no azul do céu, transborda
golfões sangüíneos do horizonte escapos.
E das sombras da várzea a voz acorda
polífona, metálica, dos sapos.

Uns sons oblongos de redondos papos,
guaiados bambos de distesa corda.
Pancadas surdas como um dar sopapos,
num bumbo fundo, de selvagem horda.

Gaiatos gritos e ancestrais glús-glús,
fanhoso coro, estúpido e arabesco,
musicando o estertor final da luz.

E, a enxamear pequeninos holofotes,
a lagoa é um salão carnavalesco
retumbando batuques e fox-trotes.

O BESOURO E O POETA

I

Doidamente – besouro encabulado – às voltas
com cegante clarão de uma luz enigmática,
quantas vezes, poeta, em andanças revoltas,
da poesia ao redor giras a alma emblemática.

Como o mísero inseto a essa chama a alma soltas,
em regiros mortais, que ela é enganosa e estática.
De que vale reunir dos sonhos as escoltas
Se ela, como a poesia, é doida e problemática?

A lâmpada que atrai o cético besouro
tem a força abissal de brilhante tesouro
que convida e reluz, atraíçoa e assassina.

Assim nós, assim nós, poetas sonhadores
ao redor dessa luz de ilusórios fulgores
seguimos do besouro a tirânica sina.

BESOUROS E POESIA

II

Um Hércules do esterco, em meio dos escombros
dos fétidos currais, de podres galinheiros,
é o besouro – couraça a levar sobre os ombros
os restolhos fecais de pútridos chiqueiros.

Peso descomunal, força feita de assombros,
a empurrar rolos vis de excrementos caseiros,
é o besouro-esterqueiro a mostrar desassombros
em pertinácia audaz de heróis e de guerreiros.

Já vos disse que são – os poetas – besouros
a empurrar para adiante hercúleos, persistentes,
não o esterco vilão, mas Andes de poesia.

Tão fortes como aqueles impelem seus tesouros
– o esterco celestial das estrelas luzentes –
Hércules são do Sonho, Amor e Fantasia.

A OUTRA HISTÓRIA

Quantas vezes a sós, à luz de um candelabro,
momento de silêncio, e saudades, e sonho
alma de anacoreta, as páginas entreabro
do livro do passado e a relê-las me ponho.

Muitos dias tão bons! Um momento macabro!
Tanta felicidade a rever me disponho!
Empurro para trás fugazes descalabros,
Transformo em alegria o que era então tristonho!

Como é bom recordar os momentos felizes,
esquecer de uma vez agruras e deslizes,
as páginas de dor que o volume me aponta.

Eu penso ser assim que todo mundo vive,
e, fica a ler, tal qual numa hora como eu tive,
A outra história feliz que a vida às vezes conta.

A UMA PÁGINA POÉTICA

(à poetisa Maria Cecília Bonachella)

Nesta página, sonham os poetas,
sonha também a lira das poetizas.
É um céuzinho diria, onde os estetas
jogam estrelas a suar camisas.

Aqui valem tão só líricas metas,
temos brilhos de sol, frescor de brisas...
Coisas transcendentais, vozes secretas,
o encantado, o feliz, santas divisas.

É cascata jorrando belas rimas,
frondosa e florescida árvore linda,
mais linda quando dela te aproximas.

Este caminho é grande, nunca finda...
Guarda o olor capitoso das vindimas
país de amor com que o “Jornal” nos brinda.

CREDO IN UNUM DEUM

Creio, sussura a Fé, no Soberano Sonho,
de um Deus Criador de Si, Criador da Eternidade!
E nessa Crença eterna o Espírito deponho
e dúvidas de Deus minha alma ter não há-de.

Creio, brado de luz! Eu ouço e me proponho
fazer dele fanal de Excelsa Liberdade.
Creio – música ideal que no íntimo componho
e canto a cada vir do sol que o céu invade.

Creio! Deviam crer todos os corações,
numa unanimidade espantosa e feliz,
mãos postas para cima em gratas orações.

Creio na vida que amo o quanto devo e posso!
Na profundidade d'alma há uma força que me diz:
“murmura, simplesmente, eu creio meu Pai Nosso!”

MIRAGEM

Caminho é a vida, longo, íngreme, escuro e torto,
abarrancado e poento, esquecido e medonho!
É caminho sem fim, dorido e ingrato sonho,
não saberás jamais se dará nalgum porto.

Vais por ele ao país do grande desconforto,
onde a semente pões, onde a semente ponho
da descrença e ilusão (oh! que país tristonho!)
Tudo ali finda em dor, tudo é árido e morto!

Se esperavas o Amor, nada encontraste; nada!
Felicidade foi-se em grande debandada,
nem sequer ver pudeste um tico de paisagem!

De tudo o que ficou ao rumor de teus passos,
uma certeza só trouxeste em teus cansaços:
é ver que atrás ficou nada além de miragem!

PARNASIANA

Minha velha Poesia, oh! santos parnasianos,
embranquiçadas cãs, rostos de fundas rugas!
Sob o peso de mais de oitenta e tantos anos,
as lágrimas de dor e de amor, Poesia, enxugas!

Sonhas da Musa os musicais ou vis arcanos
- óperas divinais, baladas, largos, fugas!
Para onde vais, ó nave, ao luar abrindo os panos
e os teus sonhos a quem, presentemente, alugas?

Bilaqueano rimar, em que mundo esquisito
enterraste o luzor de um falar tão bonito,
tanto ouro, tanta luz, tanta riqueza enfim?

Ó clássica Poesia, a que plagas te leva
esse estulto poetar que mais parece treva
- paupérrimo estertor de um finado jardim?

SOL A PINO

Profuso o sol caustica a natureza
e, no ar, treme irisada ofuscação
qual se a paisagem se encontrasse presa
em gigantesca bolha de sabão.

Pesadamente cai sobre a devesa
o torpor formidando da estação.
E, ao longe, a areia branca põe, acesa,
revérberos de luz pelo estradão.

O silêncio acolheu debaixo d'asa
as dependências todas da vivenda
donde nenhuma fala se extravasa.

Verão ... Mas, de repente, em algazaras
acodem os meninos à merenda
e o pomar rompe um coro de cigarras.

OUTONAL

Caem dos galhos as folhas uma a uma,
ressequidas de sol; e a ventania
em fuga leve conto leve pluma
com elas baila e, louca, rodopia.

Além, soturna, avulta a nostalgia
de uma árvore desnuda que se apruma
e o poente, todo outono, ao fim do dia
se tingem de dourada e tênue bruma.

A alma da gente - árvore de sonhos -
somando os anos vai se desfolhando
do sofrimento aos vendavais tristonhos.

E quantas vezes no horizonte, em riste,
vemos - galhos desnudos - se elevando
o espectro de um amor frustrado e triste.

DIVINA LUZ

A riqueza dos astros no infinito
faz do céu luminoso milionário.
As estrelas das flores são um grito
de luzes pelo chão gracioso e vário.

Em cada rosto humano fulge escrito
o sol do olhar – luzente lampadário –
que as almas guardam como o mais bonito,
e profundo, e sublime relicário.

Luz das estrelas – universo imenso;
luz das flores – o solo enriquecido;
luz dos olhos – de brilho tão intenso!

É tão rico esse cosmos estupendo!
Tanta luz, tanta luz que, pobre, eu penso,
que Deus é a própria luz que agora eu estou vendo!

Dr. CERA SOBRINHO

(Médico benemérito)

Centenária bondade enche-lhe a alma nobre,
qual torrente de amor, caridade e esperança.
Foi médico e amigo, amando a gente pobre,
foi médico e amigo, amando adulto e criança.

Viu de perto a miséria atroz em que se encobre
do mísero o viver e o viver da abastança.
É justo pois que Deus o prêmio lhe redobre,
concedendo-lhe a Luz da Bem-aventurança.

Dr. Cera, sincero, humilde, requestado,
a cura pelo Bem, imensa caridade,
um símbolo imortal de médico afamado.

Muitos o lembrarão com intensa saudade,
Piracicaba está pois de luto fechado,
olhe por nós, doutor, da eterna eternidade.

LUA ESQUECIDA

Pobre, esquecida, anêmica, tristonha,
– trapo astronômico dos namorados –
mostrou-me o céu a estulta carantonha
da Lua pelos espaços estrelados!

Tive medo, piedade, e até vergonha
do astro pálido, inútil. Os amados
seus poetas cujo estro ainda sonha
desertaram, parece, malogrados.

Que fizeram dessa alma peregrina,
– peregrina do amor e do infinito –
e quem lhe decretou tão triste sina?

Eu quisera gritar, morre-me o grito
do verso, a rima falha, a estrofe afina...
Que se fez daquele astro tão bonito?

O SONETO: FELIZ TORTURA

(Aos sonetistas piracicabanos)

És humano! És divino! És apenas um sonho?
A que mundo pretende a tua ânsia chegar?
Teu planeta não é este globo bisonho,
vai além teu querer, vai além teu buscar!

Peregrino do Belo, a esse Belo, suponho,
aspiras, ó Poeta, em teu sonho alcançar!
A Poesia, ora é chama, ora é abismo medonho,
mesmo assim – vagalume – a luz queres tocar!

Sofres também suponho – o estranho sofrimento
de atingir o ideal sublime do tesouro
a que chamas: Soneto; – a que eu chamo: Portento!

Nessa estrela de luz, qual, mísero besouro,
te envolves, mas sorris! É um divino momento!
- É a tortura feliz da feliz “chave de ouro!”

AO ZÉ DO PRADO – O POETA

Amigo Zé do Prado, você – creia –
é um enorme poeta da cidade...
Sua alma – quem não vê? – sempre anda cheia
de poesias de amor, e de saudade.

Seus versos, numerosos como areia,
nos encantam de vida e de verdade!
Seus poemas são fogo que incendeia,
e suas rimas têm eternidade.

Meu nobre companheiro de idealismo,
como velho cultor das velhas musas,
qual príncipe dos versos, te saúdo.

Poesia não tem fim, é um santo abismo,
trouxeram-na até nós as naves lusas,
levêmo-la ao porvir em versos de veludo.

RECORDAR É VIVER

A Elias Salum

“Recordar é viver”, muitas vezes me dizes,
como estimado irmão, como prezado amigo.
“Recordar é viver”, de coração eu digo,
é tão bom recordar os momentos felizes!

É viver. E esquecer dores e cicatrizes
sob o mais encantado e fraternal abrigo.
Em sonhos repassar tudo o que foi antigo,
– à tona lhe trazer as mais fundas raízes.

“Recordar é viver”. Vivamos pois aquilo
que é lembrança, é ternura, e saudades de outrora,
tão doce é recordar o passado, e sentí-lo.

Sentí-lo como força e prazer, vida afora,
e não deixar jamais que algo possa destruí-lo,
“recordar é viver”, antes, depois e agora!

ESFÍNGICO

Eu, você, somos nós, neste mundo, uma esfinge
contemplando da vida horizontes que somem.
Quantas vezes eu finjo, outras mais você finge,
e os mistérios d'além nossas mentes consomem!

Uma esfinge é o retrato emblemático do homem
a fitar, mas não ver, o que o longe restringe.
Eis o enigma fatal que toda mente atinge
embora eu seja um nada, e você um super-homem.

À frente, nada mais que um deserto escaldante,
aos lados, o silêncio, as soalheiras tiranas,
parece-nos estar num Inferno de Dante!

Distantes vão passando as doidas caravanas,
das dunas, o desfile, à ventania arfante
– espelhantes visões das tolices humanas.

COVARDES

Ó caravana do ódio, ó líderes convardes,
ladrando como cães malditos sobre a presa,
tentaram com mentiras e déspotas alardes
tripudiar a honradez , a verdade, a clareza.

Como, tristes incrêus quereis assim provardes
com toda a sordidez dos fatos a certeza,
se vosso íntimo é sujo a ponto de mostrardes
da própria corrupção a lídima crueza?

Lobos sois todos vós , encapados de ovelha
amizades corroendo , injustiças sacando
cochichando a traição, ao pé de cada orelha.

A Justiça porém, soberana julgando
dos lobos arrancou pele e cara vermelha
e pôs em debandada o diabólico bando.

FULGORES

Luzes do dia em céu róseo amanhecendo
num grande festival cambiante que desperta.
Luzes imemoriais da lua cheia vendo
os idílios do amor em hora vaga e incerta.

Luzes que à noite estão treme-tremendo
na infinita amplidão , misteriosa e deserta,
Quanta estrela, meu Deus! Juro que não compreendo
a cósmica visão que brilha, e encanta, e alerta.

Luzes de cada olhar, fitando rosto a rosto,
uma felicidade, um sonho, até um desgosto
que vem desse fanal de vida – a alma humana.

Muitas luzes porém existem sem ser vistas:
são as luzes do amor , recônditas , egoístas,
que o coração jamais de si mesmo dimana.

SOLIDÃO

1945

– Vê o que fizeste! Estou sozinho agora
sob a noite de amarga solidão.
para mim foste apenas uma aurora,
do sol do amor, um tímido clarão.

Eu sei que vou sofrer, pois tenho um alma
que vibra ao menor hálito da dor...
vês-me impassível, com a face calma?
não creias, é mentira, eu sou um sofredor.

E vou tragando , pouco a pouco a taça
do abandono que pões em minha boca.
E cada dia e cada hora que passa
mais me embriaga essa bebida louca.

Qual ave que destino zombeteiro
trancou por entre as grades da prisão,
eu também me debato prisioneiro
na atroz tortura dessa solidão.

E como o pássaro infeliz gorjeando
no cárcere dourado da gaiola
definha, em breve, o coração cantando,
dentro do peito meu aos poucos se estiola.

Eu sofro , e sofrerei, oh! muito ainda
sem que tenhas sequer conhecimento !
E o sofrer é maior e a dor é infinda
quando assim, solitário, é o sofrimento.

E toda a vez que penso estar sozinho
mais se aguçam as ânsias que carrego
por ter perdido a luz do teu carinho
E andar Tateando, às tontas como um cego.

Só quem teve na vida igual desdita
poderá compreender quanto é humilhante
viver qual na prisão de ilha maldita
a erguer as mãos para um amor distante.

Não importa ! Daqui do meu retiro
onde fechas-te-me com as chaves do “jamais”,
agonizo por ti, por ti suspiro
e assim mesmo hei de amar-te quanto mais!

SER FELIZ

Enquanto as horas fogem tu meditas
sobre as horas que fogem, incontáveis,
misturando as felizes e as malditas
e mesclando as mutáveis e imutáveis.

Eu e tu, nós e vós, coisas bonitas
desejámos todos, mas instáveis
são as coisas e os homens; infinitas
são as lutas, e , as dores – detestáveis.

Como estão longe os bens de que precisa
a pobre humanidade que maldiz
o belo, o sonho, às vezes até a brisa.

Esquecemos – oh! infausta e atroz cerviz –
dos encantos da vida que anarquiza
a glória divinal de ser feliz!

“VIAGEM POÉTICA”

Este poema foi escrito em homenagem ao poeta Ézio Antonio Pezzato quando do lançamento de seu livro “Viagem Poética”

Viajar! Apanha a imensa espaço-nave
e num vôo silente, longo, suave,
conquista o céu azul !
Vai ao reino dos astros do infinito
a esses astros que à noite tanto fito
ora ao norte, ora ao sul.

Viajar no bojo louco de um “Concorde”
ter a glória de ser viajor recorde,
em viagens siderais.
Astronauta feliz , sem termos e sem porto
da azulina amplidão fazer meu aeroporto...
à Terra, nunca mais!

Viajar! Correr distâncias quilométricas
para fugir de tantas coisas tétricas,
num fantástico trem!
Em navio infundir as naus atômicas,
em naves abissais e supersônicas
perder-nos pelo além.

Não são essas porém tais míticas viagens,
preso a estranhas e insólitas roupagens,
que o vate quer viajar.
Ele quer uma nave das mais belas
para enfrentar espaços e procelas
e a outros reinos chegar.

Quer a poesia e, nauta do infinito,
voar num sonho lindo nunca escrito
por páramos astrais.
E planar em sublime viagem poética
por espaços de sonhos e de estética
rumando mais e mais .

Ésio Pezzato, genial piloto etéreo
com as asas do sonho e do mistério,
viajar qual herói.
E a viagem poética é tão linda
que a gente fica triste quando finda,
apagam-se mil sóis.

Na viagem surgem os poetas grandes
como ciclóricos e altivos Andes,
poemas a cantar,
Ésio Pezzato um a um nos vai dizendo
o que deixaram de sublime e horrendo
em tanto navegar.

A “Viagem Poética” é epopéia ,
repositório excelso de uma idéia,
de uma glória ideal.
É uma viagem diria temerária,
nesta era de viagem planetária,
de busca universal.

Ésio sai perlustrando a nau do verso
e em páginas de estilo enorme e terso
nos leva a um reino astral.
O abraço principesco deste amigo
que pede vênua pra viajar contigo
nesse barco eternal.

CIGARRAS

Sob a glória do sol da tarde agonizante
ouço a estrídula voz da cigarra cigana
às vezes em coral, barulhento, rascante,
às vezes triste e só, doridamente insana.

A cigarra a cantar, tal qual um sonho errante
e angustioso ritual, machucando a alma humana.
Alvorço febril, orquestração ovante,
sonoridade verde, estulta e doidivasas.

Quando a mata recolhe o ouro do poente
a cigarra reluz as asas cor de prata
e canta, canta, canta... E morre estultamente.

E só resta a impressão, no recesso da mata,
do eco azucrinador a morrer lentamente,
da vida que se esvai efêmera e insensata.

QUADRAS AO CRUCIFIXO

Nessa efígie, Senhor, depomos nossos sonhos
alçamos nessa cruz esperanças e amor.
Tuas bênçãos envia e dos males medonhos
afasta a maldição e a desgraça, Senhor.

Instrumento de um Deus crucificado e morto,
és símbolo de amor e da crença és fanal.
Traz pois aos que aqui estão teu sublime conforto,
assista-nos de cima o mais santo sinal.

Crucifixo de Deus entronizado agora
olhando com amor os teus filhos mortais,
esse gesto de fé nos descortina a aurora
com que vencer o mal e inimigos infernais.

Sob o níveo esplendor de uma branca parede
teu brilho divinal é força para nós .
E essa cruz onde um Deus sofreu dores e sede
nos fale desse trono em santa e ínclita voz .

PINGOS SALGADOS

Quantas vezes as lágrimas furtivas
apossaram-se quentes dos teus olhos,
como se foram provas fugitivas
que a tua alma guardava em seus refolhos.

Elas têm sempre a unção dos santos óleos,
são gotas de cristal móveis e vivas.
Acompanham o pranto dentre abrolhos,
brilham, às vezes, trêmulas, festivas.

Contrastes da alma, as lágrimas, suponho,
trazem o sal do oceano que em nós temos,
simbolizam o fim de um feliz sonho.

Sempre estão num instante que vivemos:
na infância, num olhar doce e risonho;
na velhice, enfeitando os seus extremos.

POESIA

Quem penetra os umbrais – qual bandeirante ousado
desse imenso país de sonho e maravilha
em busca de um tesouro em arcas tão guardado
onde mora essa que é de Deus sublime filha?

Quem busca com carinho essa terra que brilha
onde alma e coração afloram no encantado
jardim da poesia, e em música dedilha
a beleza sem par de um mundo sublimado?

Quem? Ora vos direi, é um caro peregrino,
– Peregrino do verso e rei da rima rica,
diante dos quais eu tremo, eu vibro, desatino.

Onde? Onde encontrar a poesia? Ele explica
– segue o belo caminho enflorado e divino
dos sonhos e do amor onde ele frutifica.

NASCE UM DEUS

Receberam-te a palha, os animais,
e o coruscar dos astros celestiais!
Receberam-te ovelhas e pastores
e o perfume das ervas e das flores!
Não foi festa de reis, de potentados,
nem o marchar de exércitos armados.
A música suave dos arcanjos
divinizara a noite em mil arranjos!
Maria – a mãe – envolta em luz da aurora
e José de joelhos reza e chora.

Veio ao mundo Jesus – a Suavidade –
Messias da Justiça e da Verdade.
a Salvação dos povos e nações ,
trazendo Amor e Paz às multidões.

O estrépito da glória se esmaece
porque é momento de humildade e prece,
é a hora do falar dos corações,
é a hora divinal das emoções,
porque Cristo nasceu – Criança loura –
no berço de ouro de uma manjedoura.

O Esperado chegou, com ele vem a Paz,
com Ele vem o Amor e tudo se refaz.
Sob o encanto divino dessa criança
Rei da Fé, Rei do Amor, Rei da Esperança,
a Fé dos pequeninos e do sonho,
do Eterno Pai a despontar risonho ,
abrindo portas à felicidade,
beijo de luz , vindo da Eternidade.

Doce Menino, ao teu presépio corro,
necessito de amparo e de socorro,
precisamos demais de Tua presença
para que a humanidade se convença
que, sem Deus,
não há Paz, nem Amor,
nem qualquer Felicidade.

MINHA ESCOLA DE INFÂNCIA

Recordo a minha infância e vejo minha escola
qual uma ilha de luz que longe vai ficando.
Quanto amor lá deixei! Na saudade se atola
todo um passado bom, em prantos mergulhado.

Os mestres eu amei, amei minha sacola,
dos amiguinhos fiz o mais querido bando.
Os livros eu amei e uma singela bola
era um sonho encantado a que vivia amando.

Hoje sei quanto a escola me foi útil,
jamais considereei a escola triste e fútil,
sempre a vi como porta aberta e franca.

Esse templo – “Dr. Samuel de Castro Neves”-
onde os dias vivi tão bonitos mas breves,
tempo que ao recordar as lágrimas me arranca.

MEDITAÇÃO

Quando o sol se despede em desperdícios de ouro
– nababo que o sol é de tais preciosidades –
e vai – nave de luz – fundear no ancoradouro
desse porto feliz de luminosidades;

Quando a sonhar inquieto, em lento e triste agouro
vai atacando a terra em vis obscuridades
desdobrando lá em cima o universal tesouro
dos astros celestiais, trêmulos de ansiedades;

Há uma angústia sem fim que bate a minha porta
uns resquícios de amor que teimam ressurgir,
uns trapos de esperança há muito tempo morta.

A cada pôr-do-sol há sonhos a ruir:
é a vida que se esvai, é a vida que se entorta
é o medo do que foi, pavor do que há de vir.

ENVELHECER

Envelhecer! Envelhecemos juntos,
lado a lado sorrindo ou batalhando.
Muita vez a enterrar sonhos defuntos,
outras mil ilusões desenterrando.

Hoje um trecho da vida lindo e brando,
depois, cantos e lágrimas conjuntos .
Muitas horas felizes conversando,
muitas outras estéreis, sem assuntos.

Envelhecer é isto, me interrogo?
È definhar de tudo quanto a vida
oferece e nos foge logo, logo?

Envelheçamos pois, minha querida:
você, vendo que em prantos eu me afogo,
eu, vendo-a me enxugar a face ardida.

ELA PASSA...

Andamos todos nós preocupados deveras
com a busca de ser um pouco mais felizes.
Queremos viver sempre ao sol das primaveras,
não carregar jamais o horror das cicatrizes.

Sonhamos todo o dia à sombra das quimeras,
tentando do ópio vil cavar fundo as raízes.
Que fazemos senão acumular esperas
para escapar da rede enganosa das crises.

Nada vale esse afã, qual maratona louca
– momento de lazer que súbito se evade -
é um fogo artificial que em lágrimas espouca.

O bem de ser feliz é difícil verdade
pois nunca vê sequer nossa alma – burra e louca –
o quão perto passou dona felicidade.

A TAIUVEIRA

Vivia tão alegre a verde taiuveira
acariciada pelo azul do céu feliz.
Amava a doce luz da cálida soalheira,
acolhia o cantar dos lindos bentevis.

Os pássaros , em bando, joviais e gentis,
vinham lhe debicar a amora, em pagodeira.
Rolinhas e sabiás, sanhaços e puvís,
era uma festa só na árvore altaneira.

Eis um dia a tristeza, em forma de machado,
roubou a verde copa e os galhos decepou,
deixando apenas nu o tronco desolado.

Adeus, aves do céu, que a taiuveira amou!
Não mais flores! Não mais frutos! Oh! que pecado!
Da folhagem tão verde, agora, o que restou?

POEMA IMPRESSIONISTA

Olho a cidade adormecida e taciturna,
Placidamente adormecida e quieta.
E a apatia das luzes dentro da noite fuma
Lembra-me a cisma de uns olhares de poeta.

Lembra-me só. Nem sei porque impressiona.
É uma coisa assim, uma espécie de ansiedade
Que vem, devagarinho, vem me invade
E depois me abandona
Na barcarola azul de um sonho de saudade.

Dorme a cidade.
E os cubos monstruosos das casas geométricas
Diluem-se, lentos, na dormência das elétricas.
Tenho a impressão exquisita
De navegar sobre um lago adormecido
De metal diluído.
Acompanhado pela voz bonita
De um violino sonhador
Traçando uma espiral de sons na alma da noite.

Aspiro sofregamente
Um perfume de rosas acanhadas,
De rosas delicadamente abandonadas
Na delícia arabesca de um jardim taciturno.

A cidade desfruta seu sono noturno.
E ninguém se recorda das estrelas,
Ninguém levanta os olhos para vê-las!
Também andam tão altas, tão distantes,
E são tão poucos os poetas, seus amantes?!
Poesia silenciosa
Que inunda aveludada o sono da cidade.
Vem-me, outra vez, a impressão caprichosa,
Uma impressão sem sentido,
De me achar navegando na gôndola da saudade
Por sobre um lago de metal diluído.

A PÁTRIA ESTÁ CONFUSA, A NAÇÃO AGONIZA.

Recebeu-te, Colombo, a Terra da Esperança,
Pedro Álvares Cabral, num gesto soberano,
contigo formulou a mais grata Aliança
despertou o Brasil além do azul oceano.

Era a Terra feliz, o Futuro - Criança,
um orgulho a surgir do mais sonhado arcano.
O Progresso acenou, a riqueza, a abastança,
- Vela imensa da Fé, aberta a todo o pano - .

Foi inútil, parece a grandiosa aventura,
o sopro divinal da valorosa brisa
que as caravelas trouxe ao Porto da Fartura.

Esfomeada, sem paz, sem sonhos, sem baliza,
numa tristeza atroz que a machuca e tortura
a Pátria está confusa e a Nação agoniza.

O PAPA

Carinhoso Pastor das sedentas ovelhas
é assim que nós fiéis com carinho o chamamos.
E dizemos também ser Pai que muito amamos,
cujas palavras são milagrosas centelhas.

E Sua Santidade, a cuja sombra andamos
em colmeia afanosa imitando as abelhas
e a cuja voz divina humilde te ajoelhas,
é o Cristo, árvore – luz, da qual somos os ramos.

Vinte e um anos de Fé, peregrinando o mundo
em andanças de Amor, ensinando a Esperança,
afugentando o Mal insidioso e iracundo.

Missionário de Deus – Santo que não se cansa,
é o Papa que não pára, é João Paulo Segundo,
Líder de Deus na terra e chave da Aliança.

A TORTURA DE UM SONHO ESMAGADO E DESFEITO

As virtudes, o amor, os sonhos, a amizade
deveriam florir no jardim da alma humana.
perfumar - nos a vida ao fugir da vaidade,
que destrói, sacrifica, estulta e desumana.

Ser gente nada custa, e querer quem não há-de?
Quem deseja ser mau ? Compôr a caravana
do bando malfeitor que cultua a maldade
e passa, qual tufão, diabólica e prussiana ?

Odeiam-se as nações, os homens como fera
odeiam-se também, renegam o direito
de viver lado a lado em longa primavera!

E a humanidade assiste, ao retumbar do peito,
a triste destruição da mais santa quimera
e a tortura de um sonho esmagado e desfeito!

VIVER

É tão belo viver, sonhar é tão divino,
quando o mundo é sorriso, e amar é tão sublime !
Ouça o canto da vida igual ao som de um hino,
como é santo o perdão que enobrece e redime !

Viver e ser feliz, eis o nobre destino,
de quem ama o trabalho e não se entrega ao crime.
Que o teu passo jamais te leve ao desatino,
atira para traz tudo o que dói e oprime.

Nem sempre, todavia, a estrada segue em flores
nem sempre se ouve o canto alegre da avezinha
ou brilha grande sol em cálidos fulgores.

É preciso atentar para o mal que caminha
sem nunca se esquecer dos fantasmas traidores
do prazer que se vai, e a dor que se avizinha.

SOB O PISCANTE OLHAR DO INFINITO ESTRELADO

Tão logo o fogaréu do ocaso desvanece
e a noite, - negra dama - a passeio se vai,
a impressão fantasmal que se tem mais parece
de ribalta teatral a cortina que cai.

Sucumbe toda a vida, é o mundo que adormece,
tudo vasqueja em dor, agoniza e decai.
De joelhos sempre há alguém murmurando uma prece
sente-se que o universo apequena e contrai.

Humilha-te, alma humana, ante noite que clama
com sua voz soturna, e profunda, qual brado
que pelo espaço além em trevas se derrama.

Levanta o rosto em pranto e saudoso, e alquebrado,
pois existe lá no alto um Ser que muito te ama
sob o piscante olhar do infinito estrelado.

OLHARES

Abrem-se olhos sociais, abrem-se olhos maternos,
e olhos onde a vaidade exhibe o seu orgulho.
Muitos vemos se abrindo em fogos como infernos,
sequiosos por encher apenas o bandulho.

Outros olham, porém, carinhosos e ternos
quais pombinhas de amor em empírico arrulho.
Muitos trazem a dor de múltiplos invernos,
aqueles há que são do crime atos entulhos.

Enquanto a vida leva em seu bojo os abrolhos
variados e fatais de tantos tristes olhos,
mesclados outro tanto a olhos que são aurora,

numa estulta, e feroz, e insana indiferença,
num mundo doloroso, estúpido e sem crença,
a humanidade geme, agoniza, estertora.

PULSAR

Pulsa o grande universo em convulsões telúricas,
em vascas infernais e maremotos pulsa.
O enfermo pulsa em dor, pulsa em febres purpúricas,
e a humanidade inteira, em pulsações, convulsa.

Pulsa o seio da terra emanações sulfúricas
quando louco vulcão terrível lava expulsa.
São espasmos fatais as dores glicosúricas
no pulsar infeliz que deprime e compulsa.

Mais dorido e maior do que o pulsar do mundo
a ocorrer a cada hora, a vir cada segundo,
sem nunca reduzir seu bater exigente,

motivo de sofrer, força que abate a fé,
nesse pulsar tremendo e irreprimível é
o angustioso pulsar de um coração ardente.

AGOSTO

Tenho dentro de mim um céu fumento,
Um céu de agosto, quente e sertanejo,
Sem um arquejo cálido de vento,
Alargando-se todo num bocejo ...

Num bocejo amplo e enorme de fornalha
Pelo ar lançando o fumo das queimadas
Que se alastram, chiando, pela palha
Ressequida e poeirenta das roçadas.

Minha alma é esse céu, sempre tristonho,
Coberto pelo fumo da amargura;
por onde mal se cõa o sol de um sonho
E não perpassa a brisa da ventura.

São roças meus ideais, que as labaredas
Da ilusão pouco a pouco vão queimando,
Deixando para trás as cinzas quedas
Das saudades que sinto e vou levando...

VÁ EMBORA, FELICIDADE !

No âmago da carne, dentro da pele louca
vegeta a vida em ânsias desmedidas.
Para tanta pletora a alma é pouca,
desvio fúnebre da linha reta.

Abraço-me na sistólica tortura
do querer ser, do querer viver.
Hipérboles de sonhos,
tripudiar dos eventos
da tolice dos obstáculos,
das barreiras antológicas !

Faltam-me pés andejos,
falta-me cérebro desejoso,
falta-me uma luz qualquer
que me diga os caminhos
que amanhã se deslindam à frente.

Sob a pele maluca
do âmago da carne,
todos os caminhos findam...
“Havia uma pedra no meio do caminho ...”

Ri, felicidade, irônica
perversidade da vida. Ri.
Esta massa – sangue e tecidos –
que estruturam as personalidades
não a quer, felicidade !
Vá, vá, fogo fátuo, corre
pelas ínvias veredas sepulcrais.

O âmago da minha carne,
dentro da pele louca, não a quer,
nem vê-la, quanto mais ficar com você !

DESPERTAR

Aurora – espada – luz decapitando a terra -
banho de vida nova e canto de criação.
Eis a mão de Jeová que abençoa e se eleva
como um hino de amor, como um beijo de unção.

É o cosmos que desperta em convulsão primeva,
é a grandeza de um mundo em viva convulsão.
É a mesma essa manhã que, um dia, Adão e Eva
viram resplandecer, tão virgem, na amplidão.

A cada amanhecer, esplendoroso e grande,
o deus - sol ressuscita, abre os braços, se expande
em cósmicas manhãs de eternos sucederes.

Dia a dia o universo assiste a essa batalha :
do amanhecer que é luz, da noite – que é mortalha,
de um pouco do morrer e reviver dos seres !

A HUMILHAÇÃO DE DEUS PARA SALVAR OS HOMENS !

Fez – se Deus um Menino; o Infinito, finito;
o Divino quis ser irmão do pecador.
Fez – se escravo o Senhor de um grão de areia aflito,
e ainda deu-lhe um Céu cheio de esplendor.

Trouxe um doce perdão ao seu grande delito,
envolvendo-o na luz do seu Eterno Amor.
Não compreendo, não sei, muitas vezes reflito,
será que o Homem de tanto era merecedor?

É possível que o Filho envolvido em palhinhas
em fria madrugada estuando estrelinhas,
se apequenasse tanto em prol da Humanidade?

Fazer-se Humilhação, Criança tiritante,
para dar à Criatura uma vida triunfante,
a pôr na manjedoura a glória da Verdade.

BODAS DE OURO

Nem se diga que a vida foi um lago
de perpétua e feliz serenidade.
Nem se diga que a dor causou estrago
nesse viver a dois feito verdade.

Cinquenta anos de amor, felicidade
de longo sonho venturoso e mago,
picando com ardor toda a maldade,
enfrentando a sorrir o dia aziago.

Quem chega a essa ventura rara e imensa
traz consigo um passado que enaltece,
filhos e netos como recompensa.

De joelhos reza apenas uma prece,
e Deus que quer o Amor que em tudo vença,
esse Amor que inebria e fortalece.

TARDES BELAS

Desce da altura lírica do espaço
a doçura da tarde descanbante,
o horizonte vermelho é um regaço
onde repousa a luz agonizante.

Vejo o dia fugindo, passo a passo,
sinto a angustia da sombra acachapante.
Diante dessa visão o que é que faço?
Por que tudo se esvai além, distante?

Tarde morrente, és símbolo da vida
efêmera, tristonha, dolorida,
sonho fugaz, esquivo adeus do sol.

Mas se amanhã tu voltas, tarde linda,
verás que uma só vez a vida finda,
porque ela não tem nunca outro arrebol.

EUCARISTIA

Eucaristia é felicidade,
é união de todos os corações.
Mesa Sagrada da mocidade,
remédio e força nas tentações.

Quem na vida carece de auxílio,
vai a Cristo pedir solução.
Esta é Fonte de Amor para o jovem,
é de todos feliz comunhão.

Quando a dor nos espera e nos vemos
machucados de pranto e de tédio,
nesta Mesa acharemos alívio,
neste Pão acharemos remédio.

Alma alegre, cantando e rezando,
eucaristicamente reunidos,
eis a Vida conosco chegando
Cristo em nós, corações compungidos.

Jesus Hóstia, Jesus Juventude,
vem a nós Eucarístico e Eterno.
Abre as portas do Céu a quem ama,
fecha as portas do lúgubre inferno.

AOS TRABALHADORES

Rude e rústico homem do campo,
deus milagroso que cria o pão,
matador da fome da humanidade,
eu te saúdo, te aplaudo, te glorifico.
A terra sorri aos teus anseios,
pela glória imorredoura do verde,
pelo espetáculo eterno da plantação.
Esperamos, por ti, ó lavrador,
confiamos em tuas mãos calejadas,
nos instrumentos imortais de teu trabalho.

A ti, operário indispensável da vida,
que enriqueces o patrão, e o mundo enriqueces,
sem jamais ver a cor da riqueza,
sem nunca se libertar dos óbices financeiros,
a ti, operário, eu saúdo,
nesta hora em que és esquecido,
és lançado à masmorra das necessidades,
sem ninguém descobrir tuas lágrimas,
tuas preocupações com esposa e filhos,
que o mundo, trabalhador, não é dessas coisas!

Eu te saúdo, mestre.
Distribuidor do pão do saber,
operário da cultura nacional,
desbravador das trevas da ignorância.
Se não foras tu, como estaria eu
a tecer este poema em tua homenagem,
em louvor daquela paciente professorinha
que me ensinou a ler, escrever, recitar?

Eu te saúdo, sacerdote,
trabalhador da Fé, plasmador da moral,
cujas mãos sagradas arquitetam os espíritos,
na glorificação de Deus,
cuja palavra abre paragens paradisíacas,
onde os anjos brincam de serem felizes.

Eu te saúdo, funcionário público,
quando sofres a tirania do horário,
da incompreensão, da defasagem salarial,
da sanha dos que supõem
que tu és um deus, imune ao erro,
capaz de viver de brisas

e sustentar a família com despachos oficiais.

Eu te saúdo, funcionário,
pelo silêncio a que estás obrigado,
pela dor do sigilo com que machucam
a tua liberdade de ser pensante.

Homem do campo, operário, mestre,
sacerdote, funcionário,
acorrentados ao estigma do trabalho,
quando raiará a aurora da libertação?
Quando veremos a glorificação
de quem caleja o corpo,
de quem caleja o espírito,
para que ao mundo não falte o pão?

IPÊS

Abre a janela matinal ... Que vês ?
O milagre florido das umbelas
com que artistas gloriosos – os ipês –
pintaram, a sorrir, mágicas telas.

Umas roxas, imensas, são buquês,
lembram semana santa nas capelas.
Outras, mistérios cheios de porquês,
aloiram cabeleiras amarelas.

Várias, brancas, espalham os arminhos ...
Todas são almas dentro em nós vivendo,
roxas, brancas, às vezes muito pálidas.

A tristeza, o prazer nossos caminhos
a palidez de quem está morrendo,
as pobres almas sem amor esquálidas!

ESTELÁRIO

Fantástica visão da noite engalanada
pelo manto estelar dos astros cintilantes,
fazendo, da via-láctea a celestial estrada
em cósmico buscar universos distantes.

Coriscam na amplidão visões mirabolantes
de estrelas a fugir em clara debandada.
Disse um dia o poeta: estrelas são amantes
cujo amor se desfaz em lágrima estrelada.

A noite chora luz, é o pranto do poente
pela face da noite escorrendo bonito,
de repuxo do céu jorrando eternamente.

Se acaso o coração lhe bate triste e aflito,
erga os olhos ao céu e creia ardentemente
na infinda procissão dos astros do infinito.

EXCELSIOR

Como seria bom se a estrada que palmilho
de flores marginais além se perlongasse!
Se os pássaros, aos mil, cantassem o estribilho
do seu canto feliz me olhando face a face!

Se um perfume jogral – da mata doce filho –
comigo, passo a passo, em ondas caminhasse!
Que esse brilho de sol, que esse cósmico brilho,
sem nunca noite haver, comigo partilhasse!

Como seria santa a vida que sonhamos,
como seria azul o caminho da vida,
aos beijos do astro - rei, trilando os gaturamos!

Tais aves, esse olor, essa estrada florida
são miragens, porém, que jamais alcançamos,
pois sempre se ergue adiante uma íngreme subida!

DÚVIDAS

Vive-se a caminhar – peregrinos que somos –
em desertos de areia a fulgir causticantes.
Não sabemos sequer e nem sequer supomos
que os homens não são mais que tristes caminhantes.

À frente sempre existe arquejando de pomos
uma árvore enganosa em mil frutos cambiantes.
A cada passo a dor, a cada passo assomos
corações a tremer feridos e arquejantes.

Para onde vamos nós? Que porto nos espera?
Sempre Inverno por que? Por que não Primavera?
Por que viver assim sem luz e sem guarida?

É terrível sonhar sem fé, sem esperança.
Sem saber até quando a vida a gente alcança,
sem saber onde e quando a Morte espreita a Vida.

DO “PRÍNCIPE” AOS “SÚDITOS”

Meus súditos (o título que tenho
me permite chamá-los desse jeito),
como é bom vê-los todos, com empenho,
poetar no estilo nobre e mais perfeito!

Meus súditos, repito, se me embrenho
pela floresta azul do sonho, feito
peregrino do verso, sei que tenho
o aplauso a que, com honra, me sujeito.

Nosso reino é fantástico e sublime,
moramos em palácio coruscante
onde há paz, onde há amor, jamais o crime.

Das belezas é a terra à luz cantante
e o poema, quer rime quer não rime,
é um tesouro que fala, é um hino ovante.

(Príncipe dos Poetas de Piracicaba)

DIVINA ILUSÃO

Desejos ancestrais, anseios de alma jovem,
fantástico viajar por países do verso;
ter um cofre genial de sonhos que comovem
e ofertá-lo, de graça, em estrelas disperso;

Ver o agônico ocaso em sangreiras imerso,
amar, silenciosamente, as nuvens quando chovem
e o silêncio com quem muitas vezes converso,
e essa legião sem fim de seres que se movem!

É a poesia da vida, o infinito tesouro,
rimas tamborilando o magnífico esteta,
cada estrofe é uma luz, brotando o mundo de ouro.

Que ao menos desse afã reste ao pobre profeta,
- a esperança final de um lindo ancoradouro,
- a ilusão divinal de haver sido um poeta.

COSMOFONIA

Quando vem a manhã clarineteando a vida,
quando a tarde se esvai e em ulos se transmuda,
escuta-se do mundo a grande voz sentida
que às vezes se avoluma , às vezes se aveluda.

É a fala universal dos altos transmitida,
tem ares siderais, atrás de Deus se escuda.
Em rimas o poeta a ela dá guarida
e cores, o pintor; e a ciência a quer e estuda.

Donde vem o mistério augusto desse diálogo
entre a vida e o Criador, num manifesto análogo,
rezando a Divindade os esplendores seus?

De mãos postas, mortais, a esse rumor que cresce:
é a oração da montanha, é da floresta a prece,
que a voz da natureza é a voz do próprio Deus!

CURRICULUM VITAE

A minha vida de infância
foi entre roças e matas.
As flores por toda a estância
tinham perfume e fragrância,
tinham as cores mais gratas.

Sonhava naqueles dias
que o mundo fosse encantado,
que houvesse sempre alegrias,
que apenas houvesse orgias
como na vida hei sonhado.

De manhãzinha na roça
o passaredo acordava.
Vinha de alguma palhoça
uma voz sisuda e grossa
do patrão que levantava.

Eu lembro que no poleiro
um galo madrugador
cantava todo lampeiro,
ele era o rei do terreiro,
de outros galos, o terror.

O sol subia esquentando
plantas, paisagens, estradas;
No céu azulado , em bando,
as maritacas passando
gritavam desesperadas.

Que lindas tardes havia
naquele tempo de então,
pois sempre o findar do dia
em tristeza e nostalgia
terminava em solidão.

Às vezes porém, no escuro
do imenso céu infinito
surgia o luar tão puro,
redondo, imenso, maduro!
Que espetáculo bonito!

Chovia luz pela roça
como uma doce oração,

despertando em cada choça
um violão que a noite adoça,
chorando em cada bordão.

Era um violão muito triste
prá despertar a saudade...
Saudade no que consiste?
Acaso saudade existe?
É um sonho ou é realidade?

E quando a noite se estende
toda de estrelas repleta,
parece que o céu acende
e todo em luz se distende
e a gente vira poeta.

Tudo era simples na vida,
tudo era belo na roça,
na minha infância querida,
tenho saudade sentida
que inteira de mim se apossa

A vida não volta atrás,
ela não volta jamais.
Por isso andemos em paz,
assim todo o mundo faz
pois somos todos iguais.

O amor na roça é sincero ,
do fundo do coração.
Se o homem diz eu te quero
a moça não tem lero-lero,
dificilmente diz não.

Como é lindo ao luar
ver os casais namorando!
Como eles sabem se amar
deixando os olhos falar
e os lábios só murmurando!

VELEIRO DO AMOR

Coração – pobre barco aventureiro –
pelo oceano do amor toma cautela.
Pode surgir o vendaval traiçoeiro
que te arrebate e te estraçalhe a vela.

Perscruta o rumo. Sobre o mar inteiro
se prepare, talvez, árdua procela.
Busca horizontes claros, meu veleiro,
onde o sol brilha e o mar não se encapela.

Não te faças ao largo em demasia
que pode vir a noite e a treva – zás –
pode roubar-te a luz que te alumia.

E então sem rumo, sem farol, sem paz,
talvez não possas mais voltar um dia
a calma praia que deixaste atrás.

Á S.R. PALMEIRAS

(Minha sincera homenagem)

Palmeiras em teu seio há muita fibra,
há doses invencíveis de vontade!
Se jogas, a assistência toda vibra
e te aclama e te aplaude de verdade!

O entusiasmo por sobre ti se libra,
és o Davi dos times da cidade.
Teu conjunto se ajusta, se equilibra,
eletriza-o um calor de mocidade.

E vós, bravos rapazes, lutadores
que envergais o uniforme da esperança
cuja cor vos acena para a glória,

lutai com grande amor por vossas cores
pois quem quer , muito pode e tudo alcança
e eu sei que quereis todos a vitória .

18 – 4 – 1946

LÂMPADA DO SACRÁRIO

Lâmpada do Sacrário, luminosa
e solitária lágrima de luz
aclarando a capela silenciosa,
olhar profundo e meigo de Jesus.

Lâmpada do Sacrário, confidente
do humilde voluntário da prisão.
Gota de amor tremeluzindo ardente
brotada do Divino Coração .

Pérola incandescente, recolhida
dia e noite, a velar junto do altar.
Estrelinha do Céu, do céu fugida
mais perto de Jesus quis palpitar.

Botão de fogo a debuxar o ambiente
de claridade pálida, lirial.
È ali ao seu lado, de joelhos crente,
é ali que está o eterno manancial.

Felizes crianças de sorriso louro
que buscais lindos sonhos e esperanças,
é ali pertinho da luzinha de ouro
que habita o amigo divinal das crianças.

Homens, mulheres, a quem a tristeza
prende em seus longos e mortais atritos,
erguei o olhar para a velinha acesa
e achareis o consolo dos aflitos.

Velhinhos da cabelos já nevados
que conheceis da vida os desenganos,
vacilantes no andar, já tão cansados,
sob o peso cruel de tantos anos;

quando fizerdes vossa prece à tarde
sustentando nas mãos longo rosário,
achegai-vos da lâmpada que arde
iluminando a porta do Sacrário.

Lâmpada do Sacrário, olhar divino ,
quanta inveja de ti comigo guardo!
Se ao menos fosse meu o teu destino
seria então o ser mais felizardo.

Fagulha inapagável da fogueira
desse amor que palpita sobre o altar,
Ama-O por mim a tua vida inteira,
pois vê como bem pouco O sei amar!

VAGALUME

Pirilampo é você, fugaz felicidade,
rabiscando de luz a escuridão noturna.
A noite, como a vida, é cheia de impiedade,
tem mistérios ferais como tétrica fumaça;

Você teima, porém, piscando sem maldade,
perdido no negror da noite taciturna,
fazer da tua luz algo de realidade,
lanterninha a luzir, irrequieta e soturna.

Felicidade é assim: são síncopes brilhantes,
instante que se acende e apaga de imediato,
uma ilusão de brilho em risos esvoaçantes.

Ser feliz é tal qual vagalume do mato:
é ver que aquela luz feita de mil instantes
não é mais que um fugir veloz e caricato.

SEM AMOR

A vida sem amor não é mais que um deserto
onde brada o simum da amargura e do tédio,
onde não há o sorrir de um céu azul aberto,
onde não há da chuva o bálsamo, o remédio.

A vida sem amor é jardim ressequido
de onde desertou a beleza das cores,
pois os beijos, o riso, o carinho incontido
são do amor, a meu ver, as olorosas flores.

E tudo, sem amor, é entardecer sem canto
de pássaros em coro a saudar o poente.
É o surgir da manhã sem o grato acalanto
das vozes do universo em orquestra fremente.

Onde não mora o amor, não pode ter guarida
o grandioso ideal que a alma humana acalenta
pois quem ama de fato, em si tem outra vida:
a de outro coração que a anima e aviventa.

‘IN FINE’

Para trás, pela rua do Passado,
foram ficando angústias e alegrias,
na mentira sonâmbula dos dias
feita de um grande sonho espedaçado.

Em cada hora, um sorriso massacrado
pela mão das mais fundas nostalgias!
E a cada passo as agulhadas frias
do sofrimento caminhando ao lado.

Um ano se despede, vem outro ano
sobraçando esperanças e ilusões
com que mima o teimoso ser humano.

É assim a vida: um ajuntar de dores,
um receber feridas e empurrões,
um triturar de mágoas e de amores.

A DERRUBADA

Atroa o bate-bate retumbante
dos mordentes machados na madeira.
E nessa luta trágica e gigante
rolam troncos em longa choradeira.

Aqui um jequitibá soberbo, adiante
uma velha e frondosa caneleira,
um cedro, uma peroba farfalhante,
toda a legião da flora brasileira.

O machado decepa inexorável,
nada lhe escapa à cólera maldita,
nada o detém na sanha abominável.

E há em cada tombo lástimas soturnas,
e a cada golpe toda a selva grita
pelo eco das quebradas e das furnas.

A ETERNA PALHAÇADA

Há uma igualdade atroz que concatena
minha vida a essa vida do palhaço
dando saltos de morte numa arena,
girando em cambalhotas pelo espaço.

Ganha aplausos , é o ídolo da cena,
não se deixa abater pelo cansaço.
Gargalha e chora, misturando a pena.
ao prazer, num só calix, como eu faço.

Eu faço assim e assim faz todo o bardo,
há de ser um palhaço infelizardo,
um títere a pular numa platéia.

Dançar na corda azul da fantasia,
pendurar-se ao trapézio da poesia ,
e, dar saltos mortais com sua idéia.

ANGÚSTIA CREPUSCULAR

Pôr-de-sol. Acinzentam-se a paisagem
na indecisão das sombras e da luz.
Na mata, sobre a alfombra da folhagem,
tristonhamente piam os bambus.

Os coqueiros embalam-se na aragem,
sussuram musicais como bambus.
E além avulta a tétrica miragem
de uma árvore a agitar os braços nus.

Apenas um casebre põe no ambiente
a única nota humana de criaturas
fumando a chaminé indolentemente.

Lenta penumbra vai galgando alturas
enquanto nas barrocas, tristemente,
gritam as angustiadas saracuras.

ETERNO ASSUNTO; SER FELIZ

Não saíamos, qual muitos, loucamente,
por caminhos estranhos, à procura,
dessa visão romântica – a ventura –
que seduz e que engana a muita gente.

nem um passo sequer demos à frente,
nem um gesto sequer, que essa criatura
a um tempo nos alegra e nos tortura
e nos diz a verdade quando mente.

Não, não sair. Melhor será esperá-la
e se um dia vier, por um momento,
bater à nossa porta, entrar deixá-la.

Tem cuidado, porém, e ouvido atento:
nada de acreditarmos no que fala
pois que é tudo fugaz encantamento.

MAIO

Mês de maio. Nas glórias matutinas
a manhã – faces rubras de arrebol –
compõe o véu de tule das neblinas
para tomar a comunhão do sol.

Em cada copa, vozes peregrinas,
uma orquestra de pássaros de escol.
E o orvalho todo velas pequeninas
tremeluz pelos fios de aranhol.

Sob a unção tropical, pia e vermelha,
a manhã comungante se ajoelha
à espera que, em caudal, a luz borbote.

Já se abrem qual sacrário os horizontes,
fulge a hóstia do sol entre dois montes
como suspensa em mãos de um sacerdote.

PERDULÁRIO

Gastei meus dias a buscar no sonho
a razão de viver , inutilmente.
O resultado foi: sofrer medonho,
desilusão atroz e persistente.

Foi esse: de falar continuamente
da tristeza nos versos que componho..
Foi esse : de possuir alma que sente
toda a ausência daquilo que é risonho.

Mas não importa. Se você for moço
e sentir dentro em si, mesmo em esboço,
os afagos de um sonho belo e doce,

vá, malbarate os dias na quimera
como se fosse sempre primavera,
como se a vida um longo sonho fosse.

FLOR SEM NOME

É uma flor, nada mais que uma flor que se abre
da carícia solar à glória luminosa.
Rubra, sangrando em luz, balouçando radiosa
- coraçãozinho triste espetado num sabre.

À noite, na penumbra, em susto, se entreabre
para do orvalho ter lágrima silenciosa.
E quando o dia vem, vestido de cinabre,
entrega-lhe, a sorrir, a essência vaporosa.

Flor humilde do campo, orfãozinha ajoelhada
de mãos postas em prece, â beira dos caminhos,
vestidinho vermelho, a esmolar, a esmolar...

Ela pede, somente, escondida e enjeitada,
o afago de quem passa, um pouco de carinhos,
o beijo imaculado e longo do luar.

MANHÃ PIRACICABANA

Quando o dia desperta nestas bandas
um dilúvio de luz do céu desaba.
E tufos de neblina – velas pandas –
velejam , manso, no Piracicaba.

O bom dia do sol é generoso,
sorridente e repleto de beleza.
Grande e sincero como de um esposo
que esposo é o sol da noiva natureza.

E há casamento. A “Noiva da Colina”
vai ao salto buscar o branco véu.
Por altar – o cenário; música – em surdina.
Dizem o sim... e o sol entre a neblina
arcoiriza a aliança enviada lá do céu.

Os pássaros flauteiam, festejando,
aqui, ali, por bosques e pomares,
numa delícia matinal e incauta.
Não sei, talvez esteja eu delirando,
mas parece-me ouvir subindo aos ares
o Erotides de Campos em sua flauta.

É a impressão caprichosa que provocam
estas manhãs da minha terra artista
que é quando a natureza e o azul se tocam
num grande e delicioso amplexo egoísta.

Os canaviais farfalham “piano”, “ piano”
com milhões de violinos quando a brisa
levemente a fugir roça e desliza
por sobre o louro oceano.

Depois vem o tumulto das calçadas
com as suas pupilas indiscretas,
surpreender o festim do amanhecer
e espantar as visões mal debuxadas
da fantasia vidente dos poetas
que se ergueram do leito bem de madrugada
só para ver.

E a cidade se anima, e, desperta a cidade,
o comércio se agita, sol em profusão.
Às vezes, um avião demanda a imensidade.

E eu coloco a minha alma a bordo desse avião
para que vá, num surto de ansiedade,
beber toda a poesia da amplidão..

SER ÁRVORE (I)

(A série de seis sonetos seguintes é uma homenagem à árvore cada qual referindo-se àquilo que a árvore é)

Ser árvore! Explodir em tronco, folhas, frutos,
exibir festivais esplêndidos de flores!
Dar sombra à pequenez de arbustos promissores
e acolher em meus braços os cipoais hirsutos.

Ser árvore! Beber nos cálidos minutos
da soalheira feraz os cáusticos ardores.
Amar o beija-flor, insetos multicores
e acolher com carinho os pássaros matutos.

Ser árvore! Destino a que me entregaria
com o doce prazer de quem é bom e santo,
de quem nada mais quer do que amor e poesia.

Ser árvore! Subir até o azul dos astros
- para fugir do mundo enlouquecido e em pranto,
- para não precisar, qual serpe, andar de rastros.

SER RAÍZ (II)

Ser raiz! Embriagar-me em sucção lenta e funda
da seiva que, em cachões, o solo guarda e arquiva.
Pelas veias do tronco alçar-me à copa oliva
e alcandorar em flor matéria vil e imunda.

Ser raiz! E o prazer que a natureza inunda
sentir, quando do céu, insólita, deriva
a chuva de verão, aos cântaros, altiva,
e escutar do trovão a pancada iracunda.

Ser raiz! Emprestar do âmago da terra
as cores imortais que o rico húmus encerra
para que vão brilhar no fruto que há de vir.

Ser raiz! Ascender pelas folhas acima
o universo de Deus, da beleza e da rima,
na conquista da luz, dos sonhos, do porvir..

SER TRONCO (III)

Ser tronco! Robustez e força inigualáveis,
sustendo com vigor a copa altiva e nobre
que distribui a sombra ao potentado e ao pobre,
guardando no seu bojo os ninhos invioláveis.

Ser tronco ! Rumo ao céu que a vida e a morte cobre
mas cede seu frescor aos pássaros amáveis.
Aguilhado ao chão por forças insondáveis!...
Ser um tronco feliz que o vento jamais dobre.

Ser tronco! Ter por lar a mata excelsa e imensa,
sem nunca receber do raio a fulva ofensa,
da triste destruição a insólita desgraça.

Ser tronco! Sustentar as flores sorridentes,
amar e amado ser por todos os viventes,
sentir o afago bom da brisa quando passa.

SER FOLHA (IV)

Ser folha! Tremular qual verde bandeirola
na umbela ampla e sem par do vegetal enorme,
ao sussurrar sutil da brisa que cabriola,
ao sacudir atroz do temporal disforme.

Ser folha! Namorar uma nuvem que rola
pelo infinito anil onde a bonança dorme.
Roupagem de esperança eu sou , imensa esmola
de quem busca uma sombra à vida desconforme.

Pequena e frágil sou, mas grande força tenho
para servir ao mundo oxigenando os ares,
para levar vigor ao complexo do lenho.

Saboreio o calor dos fulgores solares,
reuno-me às irmãs, com as irmãs mantenho
o feérico verdor das matas seculares.

SER FLOR (V)

Ser flor! Viver da seiva e luz toda a delícia
com o alado rumor das frondes e das aves.
Nas pétalas sentir a sensual carícia
do fugaz colibri todo adejos suaves!

Ser flor ! mirar do ocaso os tons lindos e graves
e das rubras manhãs a santa pudicícia!
Ver as nuvens no céu navegando quais naves,
sonhar com um jardim de uma terra fitícia.

Ser flor! Pender em cacho ou haste longa e vária,
abandonada em vaso, em sala nobre e grande,
ou enfeitar, quiçá, toalete feminina ,

Ser flor! Brilhar – estrela solitária –
em feliz cabeleira onde a noite se expande
e a cuja vista o amor desanda e desatina.

SER FRUTO (VI)

Ser fruto! Retratar na essência colorida
a força vegetal das profundas raízes,
sugadoras do chão onde se esconde vida,
levando ao fruto o mel que adoça cicatrizes.

Ser fruto! Oferecer a polpa que convida
ao desejo outonal das bocas infelizes.
Imagem ancestral daquela Eva traída,
porta aberta ao porvir de todos os deslizes.

Estrelejando o céu verdolengo da fronde
o fruto mais parece estranho e grato fruto
tentando a cada olhar do qual foge e se esconde.

O fruto quer subir, quiçá no alto de um mastro,
pois é a glória sem par a que a árvore responde
porque o fruto não quer jamais viver de rastro.

SEXO

Jamais canto o erotismo em minhas rimas,
não celebro sequer o amor e o sexo.
Este último, se dele te aproximas,
terás, como castigo, o seu reflexo.

Amor, sensualidade, são complexo
urdido pelas dores com que esgrimas.
Tudo não passa de apertado amplexo,
tudo resume efêmeras estimas.

Mas o prazer, dirás, como é que fica
se nele é que o viver se multiplica,
se todas essas coisas são a vida.

Não sei. Por mim responda quem conhece:
o quanto, sem amor, na vida se padece,
o quanto, por amor, a vida é padecida.

VIVER...SONHAR...

Viver é belo enquanto apenas sonho,
é belo o sonho enquanto sonho apenas.
Vai a vida a voar como as falenas,
queima-se tonta num fulgor tristonho.

A sonhar meu viver inteiro ponho,
a catar sonhos ergo mil antenas.
Perco-me a ouvir estranhas cantilenas
no meio deste báratro medonho.

Vivo, mas vivo o quê, à vida indago?
E mergulho profundo nesse lago
de fantasia inútil de sonhar.

Viver, sonhar, são ambos traidores,
semeiam pranto, amadurecem dores,
não me ensinaram nunca o verbo amar.

A FLOR E A PEDRA

Dentre os destroços pétreos do COMURBA
- prédio que foi orgulho de uma praça –
ao olhar de curiosa e ignota turba
que, tristemente, junto dele passa;

como estranha visão que nos conturba
pondo um pouco de amor nessa desgraça;
um contraste que choca e que perturba,
que de saudade e dor nossa alma embaça;

dentre a ruína trágica da rocha
a palidez de um lírio desabrocha,
como uma estrela em meio à escuridão.

Galante, caprichosa, a flor sorria:
ante o pranto era um riso de alegria,
diante da morte era ressurreição.

A GRANDE MENTIRA

Não é mais o viver que seguir por atalho
desafiando a dor, em dores se estorcendo,
muitas vezes ao lado humanas feras vendo,
outras muitas, do amor, famélico espantalho.

Vai conosco um fantasma, esquelético e tremendo,
castigo do pecado – o peso do trabalho.
O homem labuta em vão, demais pesa-lhe o malho,
de mentira em mentira a gente vai morrendo.

Estúpida ilusão, nela se engolfa o homem,
fatídica e falaz foge a felicidade
enquanto a humanidade engrandece o abdoem.

Queimam-se sonhos mil ao longo do caminho,
vai-se a vida em fumaça e no altar da vaidade
a humanidade reza e endeusa o que é mesquinho.

A BUSCA

Vestido de luar qual louco seresteiro,
dentro da noite hostil de estrelas formigante,
fui, tolo, procurar qual faz o mundo inteiro
essa estulta, e fatal, e estrambótica amante.

Essa que ando a buscar , intento derradeiro,
passo a passo a chorar, em pranto delirante,
felicidade a chamo, e, para a ver me esgueiro
por meandros e mainéis, atrás da sombra errante.

Dizem os que passar me vêem: “ pobre poeta,
tresloucado viajor sem rumo e sem destino,
cuja sombra o luar feio no chão projeta.

Buscar felicidade?! É o sumo desatino!...
Verdade, amigos meus, mas para ser completa
além de humano ser, preciso ser divino!

REPARAÇÃO

É terrível a luz, é terrível o sonho:
a luz porque é infinito, o sonho porque é nada!
Saber é uma ilusão, sonhar é algo medonho
e tudo se reduz a uma única nonada.

Que vale debruçar-se o homem – deus bisonho –
sobre o livro e aprender, aprender sem parada,
se, em breve, o aprendizado é estúpido e enfadonho
e sonhar mais não é do que uma palhaçada?

Quem sonha não tem vez, o sábio não tem palco,
ser poeta é besteira, ensinar – frustração,
mais vale nesta vida um vendedor de talco.

O mundo é sempre assim – fumaça de fogão –
vivemos a cortar muita orelha de Malco
e o milagre exigir de uma reparação..

NO PARQUE DA AGRONOMIA

Vasto lençol de folhas atapeta
o chão do parque arborizado e ledô.
Foi o outono, brincando de pateta
que matou a folhagem do arvoredô.

A vida estacionou no broto que vegeta,
há um chilreio de pássaros a medo.
Um velho tronco tem ares de atleta
aos cílios da aragem em segredo.

Eis veio a primavera. A vida explode
há cantos, há murmúrios, há rumores
e um surto de verdor tudo sacode.

Pintalgam o jardim pendões de flores...
E eu penso ser o parque um grão pagode
onde setembro canta seus amôres.

M ã E

(A minha saudosa mãe falecida aos 93
anos de idade em 4\10\ 1988)

Quase um século a andar de trilho em trilho,
de trabalho em trabalho e de espinho em espinho.
Pela vida a lutar, deixando a cada filho
um pedaço de amor, um sonho de carinho.

Abriste a cada qual esplêndido caminho,
deixaste-me uma luz na estrada que palmilho.
Foste rever Geraldo, o querido irmãozinho
que tão cedo se foi, como um astro sem brilho..

Se vais gozar no céu a presença divina
como prêmio final ao que com Deus convive,
vais abrir-nos a senda eterna e peregrina.

Os teus filhos estão, agora, na orfandade,
mas a tua figura excelsa ainda vive
entre nós a esperar que chegue a Eternidade.

S Í T I O

Porteiras e paióis, cercas de estaca,
galinheiro, currais, longe, a charneca;
pés de laranja, de goiaba e jaca,
é um pobre sítio de um mais pobre Jeca.

Dedão à mostra, espingardinha e faca,
mesa pobre, sem vinho e sem bisteca,
é o nosso herói, perseguidor de paca
que não chora, não grita, não impreca.

Se nada tem, a sua vida é rica,
é felizardo porque ele ama e, em troca,
tem o amor da cabrocha que o cotuca.

Essa felicidade não se explica.
À sua sombra a filharada choca,
entre cigarros, cusparadas e uca.

SINOS SILENTES

Sinos madrugadores, onde estais?
Que é feito dos badalos cristalinos,
mandando para além sublimes hinos,
convites religiosos ou sociais?

O silêncio baniu-vos, já não mais
vos ouço badalar brados divinos.
Morrestes como todos os destinos,
é por isso que, agora, vos calais?

Ao vir do sol, ao despedir do ocaso,
tanger das torres era encanto até
(nessas saudades a minha alma abraço).

Os sinos estão mudos mas por que é?
Estão mortos os sinos por acaso,
ou estaria morta a nossa Fé?

OS TURMEIROS E SEU TRABALHO

(Ao vir da safra canavieira, em diversos pontos do território municipal, turmas imensas de trabalhadores nas lavouras de cana, dirigem-se aos pontos de tarefa diária, sobraçando podões e marmitas)

Apenas a manhã desfralda a luz da aurora
e o cósmico romper do dia se alcandora
com o sol a sorrir por sobre os canaviais,
eis turmeiros em bando a partir para o corte
tentando em dura liça harmonizar a sorte,
tentando minorar agruras ancestrais.

São dezenas, centenas – hordas belas –
enfrentando as soalheiras e as procelas,
às vezes vendavais ou o frio hibernal.
Deixando antemanhã: as mães, pequenos filhos;
os jovens, velhos pais... lá vão seguindo os trilhos
que os levam a alcançar o velho canavial.

Vão felizes? Talvez! Atroz esse destino
que conduz a mulher, o homem forte, o menino
em busca de um dorido e triste ganha-pão!
Não importa porém, ao vir da bruta safra
mais felizes quiçá que os míseros de Biafra
se lhes abra uma luz em meio a escuridão.

O pobre instrumental dessa tremenda luta,
nesse ofegar de sol a sol, alma impoluta
é o valente podão a balouçar no cóis.
E mais pobre é o comer; magra e fria marmita
para matar da fome, enorme e atra desdita
que vegasta o turmeiro igual leão feroz.

Podão, santo instrumento! Atávico instrumento
em porfia sem fim contra o adarve incruento
sem descanso a fulgir sob os raios do sol.
Seguindo passo a passo a queimada bravia,
os talhões conquistando em nobre teimosia
e a deixar para trás da palhaça o lençol.

Como exército avança a vaga dos turmeiros,
são soldados, são mais, são valentes guerreiros
em marcha ingente contra o rude canavial.
Faces que de manhã eram alvas e belas

são, ao entardecer, todas negras donzelas
de fumo e de carvão estranho festival.

As bagas de suor escorrem pelo rosto
de sob o chapeirão em viés e decomposto,
figura fantasmal de riqueza e valor.
O valor dessa gente é imenso e inarredável
seu trabalho um tesouro enorme e inatacável
e a roça é um altar onde se reza o amor.

Em meio à fumarada o incêndio chora e lava,
mal se cõa uma voz, mal se ouve uma palavra,
faíscam os podões da fogueira ao fragor.
Sobe e desce; outra vez sobe e desce o instrumento,
O eito tombando vai, em fogo e sofrimento,
sob o facão cortante ao último estertor.

Montões, montões, montões de caninhas tostadas
vão cobrindo o lençol das cínicas queimadas,
roncando os caminhões ciclópicos, a urrar.
Tão alto as cargas vão, tão volumosas são
que se tem a engraçada e tétrica ilusão
que as colinas da terra estão a transportar.

Formigam de cá e lá em meio dos destroços
fantasmas colossais como pisando em ossos
do adusto canavial que o incêndio ao chão deitou.
É um cemitério negro, um campo de batalha,
que a cinza recobriu sob fatal mortalha
gulosamente após por onde ele passou.

E dentro da fornalha as máquinas possantes
assumem o papel de míticos gigantes
em seus braços a erguer toneladas do chão.
E diante desse quadro o homem se apequena,
Nada mais que pigmeu que, pobre, contracena
contra a força brutal dessa competição.

E essa parafernália em que o turmeiro luta,
essa imensa e feral e crítica disputa,
entre a terra e o podão, entre o fumo e o suor,
lá se vai transportada, como se nada fosse,
para virar garapa, açúcar, mel e doce,
combustível talvez, talvez coisa melhor.

Fauce descomunal a usina aguarda além
todo aquele alimento amarrado que vem

das distâncias sem fim do imenso canavial.
E mastiga, mastiga a bocarra gulosa,
dia e noite mastiga em refeição monstruosa,
gastronômico pão de estranho festival.

Esguicha em gorgolões dulcífera a garapa
que aos grandes borbotões em subsequente etapa
os tachos a ferver atopetando vai.
Fuma a usina a chiar por todos os recantos,
o espetáculo é belo e as chaminés em prantos
parecem balouçar na altura cai-não-cai.

E num jorro infernal o açúcar reborbulha
e em toneladas vai locupletando a tulha
onde dorme o branco ouro em berço singular.
Depois segue feliz correndo o mundo inteiro
levando no seu bojo o labor do turmeiro,
sua luta, seu sonho, a saudade dum lar.

Suor, lágrimas, sangue atrás foram ficando
para em seguida se irem transformando
nessa brancura alvar que em açúcar se fez.
E a vida do turmeiro a mim mais se parece
como um rosário triste em solitária prece,
como uma longa história a dizer era-um-vez.

VELHICE

Quando vires um velho a passo lento e tardo
- uma sombra de vida a se esvair tristonha -
arrastando seus pés como a pisar em cardo,
figura que talvez te pareça enfadonha,

pára por um momento e vê que dor medonha
(tu que és rico mas bom, quem sabe um felizardo)
acompanha o velhinho, antes que o sol se ponha,
pode ser um herói, um bisavô , um bardo.

É tão incerto e atroz o rumo da velhice...
Lacrima-se o olhar, embaça-se-lhe a senda,
pouco vê, pouco escuta... A vida é uma tolice!

Respeitemos o ancião porque ele é uma oferenda,
como nós teve sonho, amor, fez peraltice,
tem páginas de luz em sua longa agenda.

SER ACADÊMICO

(a minha afilhada de Academia Simone)

Lírica aspiração da juventude,
anseios de atingir sublimes cumes
dos sonhos literários na amplitude
da vida que começa em nobres lumes.

Acadêmico ancião, moços implumes,
morar além do chão lhes é virtude
e acalantar dos sonhos os cardumes
é bem que os faz felizes! Magnitude!

Vós todos que comigo andais a estrada
do Belo e da encantada Arte da vida,
tecendo flores de literatura,

sede felizes nessa caminhada,
fazei das letras arte estremecida
e da poesia uma eternal ventura.

CREPUSCULAR SANGRENTO

A carícia da brisa embala o fim do dia
enquanto o lavrador depõe a enxada pobre.
E o poente é tão rico em festa de ouro nobre,
sucumbindo, afinal, das trevas na apatia.

Contraste visionário! A noite à luz encobre,
o homem do campo crê, num Deus ele confia,
embora dentro da alma, em fúria, a nostalgia
de tristura e pavor o coração lhe cobre.

É assim o entardecer. Às vezes tão bonito,
outras tantas deixa o homem vago e aflito
impingindo-lhe um cego e profundo terror!

Penso até, quando o sol diz adeus e se esconde
que a natureza em dor e angústia ao céu responde
com afagos de brisa e sangreiras de amor.

CHOVER

Choram as nuvens chuvas benfazejas
quais lágrimas gostosas do infinito.
Nem sempre são as chuvas que desejas,
nem sempre chora o céu um pranto aflito.

Às vezes lança o céu luzes andejas
apunhalando o espaço como um grito,
indo ferir as torres das igrejas
o risco de um relâmpago maldito.

Almas também, quais céus à dor sujeitos,
recebem do destino chuva triste
como aquelas que a natureza chove.

Ambos os prantos são cabais, perfeitos :
um, diz-me que no espaço a dor existe,
outro, que o pranto em nós a dor remove.

A MEU PAI

(Escrito quando ainda vivo)

Lado a lado, meu pai, nas andanças da vida,
mãos dadas com carinho e com grandioso amor.
Umas vezes a estrada é uma senda florida,
outras muitas, porém, tem espinhos e dor.

Em você, caro pai, encontrei nesta lida,
mil sonhos a cumprir, de luz um resplendor.
A todos conduziu – com nossa mãe querida –
a um porto bem seguro, a um porto salvador.

Que a idade não lhe seja um peso doloroso,
antes uma alegria, anseio realizado,
uma vitória em meio a este mar proceloso.

Eu lhe desejo , pai, tão extremoso e amado,
que o proteja o bom Deus, que é grande e poderoso,
que o conserve, feliz, por muito ao nosso lado.

SEMEADOR

Sais na manhã da vida a semear. Supões
que a vida mais não é do que larga seara,
sobre a qual vais plantando ao sol da manhã clara
os mais belos ideais, mais belas ilusões.

Na terra rubra e quente os sonhos e as canções,
como se a própria vida a tua mão plantara,
nas covas vais depondo; é uma aventura rara
que não alcançam sempre os tolos corações.

E quando no poente o sol desta existência
nos anuncia a sombra atroz da noite triste
vemos surgir no céu a seara do infinito.

E nos pomos então com saudade e paciência
a plantar nesta terra o que mais não existe,
a colher muita estrela em estúpido grito.

EFÊMERO

Eu queria saber quem é que disse
ser o amor duradouro como rocha.
Que é manancial perene, é peraltice,
é flor quem deserto desabrocha.

Amor seriam olhos da cabrocha
em cujo fundo o coração se visse.
Seria assim, como brilhante tocha,
que a alma humana de súbito atingisse.

O amor perdura quanto dura o instante,
quanto dura o perfume de uma flor,
o trinado de um pássaro que cante.

Embora espere, e peça, e frutifique,
não creias que um tão grato e grande amor
no coração a vida inteira fique.

NA TEIA

Há de chegar o dia-desenlace
daquele último olhar quase apagado
em que o mundo vai dar-me o ingrato passe
para adentrar o além mistificado.

Eu gostaria, entanto, não findasse
da existência este fato malogrado.
Nem nunca apresentar lívida face
aos olhos de quem amo – grato fado.

Contudo é inexorável me sujeite
a essa fatalidade que acompanha
do viver o mais santo e ideal deleite.

Não há como fugir da morte à sanha :
- a vida é promissória sem aceite,
- é presa de gulosa e fera aranha.

VIVÊNCIA

De repente faz sol na tua roça,
ouves o canto lírico das aves.
Ao teu redor a vida em flor remoja,
os ruídos são flébeis e suaves.

Estás contente e o coração esboça
vogar por mares como vão as naves,
embora ruja a tempestade grossa,
embora lutas dolorosas traves.

Como é bom quando assim a gente a aceita
com suas glórias, o seu sol, o mundo,
com tudo quanto é mal que nos espreita!

Sigamos nesse encanto vagabundo,
não temamos entrar a porta estreita,
nem a fatalidade do segundo.

A NASCENTE

A princípio uma gota que destila,
clara e terna, beijada pela sombra.
Vai tateando risonha pela alfombra,
nem um raio de sol no chão cintila.

Desperta pela encosta e vai tranqüila
mas em breve ela cresce e logo assombra,
dessedenta a paisagem, desassombra,
e repousa num lago junto à vila.

Amor – gotas que brotam no imo jovem,
dentro em pouco porém em penca chovem,
viram torrente dentro da alma humana.

Coração é nascente que borbulha,
em pouco é lago fundo em que se atulha
um oceano de amor que dele emana.

PASSOS DERRADEIROS

Finda é a jornada! O sol poente já descamba
amortalhando tudo em trevas sem retorno.
Apaga-se o calor dos dias feitos samba,
esfria a grande luz qual apagado forno,

Do sol não vejo mais a lúcida caçamba
subir, descer, em frívolo transtorno.
Tudo se transformou em feia corda-bamba,
e deixou de fulgir qual fulge rico adorno.

Os passos, me parece, estão presos ao solo
e não converso mais, a língua antes engrolo,
para todos, fatal, é a chegada do fim..

Inconformado, entanto, o meu final aguardo,
como dos homens fosse um cara felizardo,
como se o fim jamais chegasse para mim.

DO MEU ESCRITÓRIO

Pela janela do escritório espio
a primavera que aos sorrisos anda
ponde flores por tudo: na varanda:
vizinha, nos quintais, à beira-rio.

Entre as copas de um verde luzidio
bole uma aragem aromal e branda.
No mar do espaço – plágio de navio –
erra uma nuvem floconosa e panda.

Por onde quer que corra o olhar ansioso
em motivos de júbilos esbarra
deixando na alma um bem-estar gostoso.

Porém certa tristeza me quebranta
se, repentinamente, uma cigarra
sob a carícia do sol, magoada, canta.

CRER NA VIDA

Foi-me o tempo seguir visões fugazes
em louco renovar milagres de esperança.
Perseguindo o prazer, qual fazem os rapazes,
senti que do prazer a posse também cansa.

Nunca tive o aconchego da abastança,
nem o brilho vulgar que se vê nos cartazes.
Se prisioneiro fui de estranhas “alcatrazes”,
gozei da liberdade auroras de bonança.

Vi que o tempo é tão bom, é vão, é aborrecido,
nos dá mais sacrifício que alegria
e que sofrer assim não vale muito a pena.

Vi que sem uma fé o tempo é sem sentido,
o viver deste mundo uma ilusão seria,
uma esperança vã que ao longe nos acena.

A VOZ DO OCASO

No ingrato caminhar de toda uma existência
muita alegria vai ficando para trás.
Os prazeres da infância, os cantos da inocência,
os momentos de guerra, as delícias da paz.

São os dias azuis, as noites, por coerência,
têm estrelas demais, tantas o espaço traz!
E a mocidade após, poço de inconsequência,
em rubro estrelejar de ilusões se desfaz.

Conversam entre si o amanhecer e a tarde,
a infância corriqueira e a velhice dorida,
em discursos joviais ou vozes sem alarde.

O que escuto porém – palavra fementida –
é a triste afirmação tresloucada e covarde
do diálogo outonal do poente da vida.

ARAPUCA

No recesso da mata o menino caipira
tece em roliços paus a arapuca traidora.
É uma pequena boca, à espera, que conspira
oferecendo à caça a isca enganadora.

E ao pronto despontar da manhã bela e clara
com um céu mais azul que pedra de safira,
a ingênua presa vai, incauta, sonhadora,
e na armadilha cai, e na armadilha expira.

O mundo é assim também pois tem uma armadilha
igual à que o menino – exímio caçador –
arma todo cautela, à espreita, em qualquer trilha.

Um dia, da soalheira ao mais vivo calor,
o menino descobre, hoje moço que brilha,
a encantada e feliz arapuca do amor.

DESEMPREGO

Suprema dignidade, heróica e intensa luta,
no longo caminhar da estrada da existência!
Homem, suspende o passo, e pára, e pensa, e escuta,
depõe o teu esforço e mingua a resistência.

Vejo-te a fronte ativa, outrora nunca enxuta,
sem do nobre suor a mais lídima essência.
Fizeram-te, operário, uma argamassa bruta,
não te dando valor, não te dando assistência..

A política fez da luta e do trabalho
expressão de injustiça e de desassossego,
transformando em castigo a beleza do malho.

E os governos, meu Deus, perderam todo apego
ao grandíloco e bom, criando o rebotinho
da cegueira fatal do injusto desemprego.

PAISAGEM CREPUSCULAR

No incêndio do poente a tarde morre
em fogaréu de brasa.

O dia
entra em colapso de agonia,
e o burel da treva
vem absolver a moribunda tarde.

Tudo é luz, tudo é brilho
subindo para o alto na apoteose,
partindo da fímbria do horizonte
em direção à glória do infinito!

E aquém, e abaixo,
dessa manifestação angustiosa
do sol a despedir-se
vejo o espetáculo verde da terra,
vejo a extensão das campinas,
o vôo dos montes em fuga,
como grandes aves que tentassem
acompanhar a luz solar que sucumbe.
Vejo a paisagem verde
como esperança que há de vir amanhã
numa ressurreição de vida renovada!

E a minha alma
dentro dessa redoma imensa
da solidão da tarde,
deixa-se vitimar pela inconstância
da luz do poente,
do verde da paisagem.

Dentro de breve, talvez minutos,
tudo ficará trevas.
A luz dirá adeus,
o verde se cobrirá de negro!
E eu ficarei a interrogar os fatos:
luz onde estás?
verde que é feito de ti?

E o silêncio crepuscular
será a grande resposta do infinito.

LIBERDADE CAMPESTRE

Quantas vezes me encontro em meio à liberdade
de um descampado verde em pleno meio-dia,
noivando a luz do sol, amando a imensidade,
solitário e feliz, de alma quieta e bravia.

Não vejo ao meu redor fantasmas de maldade,
não ouço a humana voz que ilude e me entedia.
Sinto a brisa fugaz – invisível deidade –
a beijar-me na fronte em doce rebeldia.

É delícia viver horas de sol de outono
num lícido conúbio, embriagado de incenso
das corolas florais, num lírico abandono.

E enquanto o dia flui assim, comigo penso
a vida não ser mais que um sol posto no trono
da vertigem azul de um céu nítido e imenso.

VIVER – MORRER

Viver! Jornada breve e às vezes dolorida,
caminho ora florido, ora todo calhaus.
Acaso alguém jamais teve na sua vida
o bem de não sofrer nunca momentos maus?

A graça de colher a fruta apetecida
e os pés não tropeçar por pedrouços e paus?
Onde a felicidade aclamada e querida,
onde o momento bom, sem dores e sem caos?

Morrer! Túnel sem fim, incógnita paragem,
silêncio e escuridão, duvidosa romagem,
um salto para a treva eterna do jamais!

Viver! Morrer! Despótico contraste!
Que somos senão flor pendendo em débil haste,
um punhado de pó na asa dos vendavais?!

POEMA A PIRACICABA

A beleza das verdes colinas
enamora o audaz capitão.
A esperança dourada das minas
e os mistérios do rico sertão.

O rumor musical da cascata
a que o peixe teimava escalar,
o murmúrio das águas de prata,
todo um mundo de encantos sem par!

Terra roxa, divina promessa,
rio largo a buscar o Tietê.
Tudo corre, engrandece, tem pressa,
Povoador acredita e prevê.

Traça o chão onde um dia a cidade
será grande, quiçá capital,
surge no alto, à solar claridade,
a feliz Piracity eternal.

Ei-la em busca de um grande futuro,
muito amada por filhos geniais
que lhe ofertam o afeto mais puro
e acalentam-lhe os nobres ideais.

Ficou “noiva”, casou com o progresso,
da cultura fez sólido ideal.
Fez da agrícola ciência o sucesso
dessa ESALQ de fama mundial.

Pontilhada de escolas soberbas,
berço ativo de profissionais,
venceu lutas hostis mais acerbadas,
fez dos sonhos os fatos reais.

Minha histórica Piracicaba,
dona excelsa de idílico véu,
meu amor, por você, não se acaba,
nem jamais serei cínico incréu.

Que seus filhos da urbe ou da roça
lhe dediquem o mais vivo amor.
Essa vida de amores remoja
no trabalho, realeza e fulgor.

Que o destino ofereça a grandeza
de fazê-la grandiosa e feliz.
Nossa vida a esse amor fique presa
a esse povo que a quer e bendiz.

AGONIA VESPERAL

Estranho observador quantas vezes me ponho
a contemplar a tarde iluminada e grata!
Faço a meditação colorida de um sonho.
talvez um sonho bom que engrandece e arrebat.

Do mirante infinito a mim mesmo proponho
amar esse morrer, essa angústia que mata.
Bancar a estupidez de um poeta bisonho
para cantar então essa dor caricata.

Tomo a luz, beijo o céu, a natureza geme.
Quem canta doce assim no recesso cambiante?
Por que a folhagem toda está medrosa e treme?

Sublima-se o universo: o imenso, o excelso, o ovante,
veste o burel da noite, e reza baixo, e freme,
e assiste à extrema unção da tarde agonizante.

AMOR ROCEIRO

Ele é primaveril, tem encantos de flores,
perfuma o coração da bela juventude.
Por onde quer que vás, por onde quer que fores,
encontrarás o amor em toda a plenitude.

Poderoso remédio, o amor diz-me saúde
e tem sempre o dulçor dos melhores licores,
Acompanha o noivado, acompanha o ataúde:
àquele só alegria: a este, apenas dores.

Ama-se na cidade, ama-se intensamente
num casebre da roça e pela vida inteira
como se fosse então uma parte da gente.

Mas se vires morrer de amor manhã fagueira
é ver toda a tristeza ao findar de um poente,
ver o ocaso do amor no olhar de uma roceira.

É DIA

Manhãs de outrora quando a infância alegre, ainda
me enfeitava o viver de ilusão e mistério.
Como era boa a luz, como era a vida linda,
tudo rindo da dor, sem qualquer despautério!

Devagarinho o sol em sua rota infinda
leiloava o calor de seu vivo cautério!
A beleza floral, de toda a parte vinda,
engalanava a mata em verde refrigério.

De longe, num murmúrio em cascadeado vinha
o líquido rumor de uma escondida fonte
em queixas ancestrais da solidão que tinha.

Um rumor de carroça atordoava a ponte,
enquanto o dia imenso, aos poucos, se avizinha
como um beijo de luz na face do horizonte.

A VOZ DAS BRISAS

Gira o tempo qual giram as birutas
tangidas pelo vento inquieto e bravo.
Muitas horas de calma, outras de luta,
hoje fel, amanhã gostoso favo..

Por momentos, das lágrimas escravo,
traduzindo incertezas e labutas.
Logo mais sob a dor de um desagravo;
a seguir, faces límpidas e enxutas.

Passa o destino, brincalhão ou rude,
passa o bem, passa o mal, passa a virtude,
como as brisas da tarde vão passando.

O sonho muitas vezes envelhece,
a vida não é mais o que parece,
morrem os ideais em louco bando..

MENDICANTES

Rolam os tempos, rola a idade, qual se fora
uma nuvem que corta o céu anil e escampo.
E me dizem que a vida, embora encantadora,
é tanto e tão fugaz qual fugaz pirilampo!

O mendigo a pedir é um quadro triste. Tampo
o velho olhar perante a cena magoadora.
E com dorido estilo este desenho estampo,
desgraçada visão que o tempo mais desdoura.

O mendigo! Onde estão os sentimentos nobres
e aquele que o amor proclama aos entes pobres,
a esse espectro ancestral, amigo da sacola?!

De rastros pela rua ao sabor do atro inverno
eu vejo no mendigo um condenado eterno,
uma estendida mão suplicando uma esmola!

ÚLTIMO PERFUME

Eu, você, todos nós, seguindo a vida afora,
poderemos um dia, abatidos e quietos,
mesmo diante da luz generosa da aurora,
ter um destino igual aos míseros insetos.

Tais quais viver, também em monturos dejetos,
voejando ou rastejando entre o horror da pletora.
Ver um mundo morrer, sem flores e sem tetos,
sem o estrelado além que à noite se alcandora.

Um dia – lhes repito – há de a terra poenta
mostrar toda a aridez, sorver todo o calor
de um perpétuo verão que a dor e o mal sustenta.

Nada porém será se das sombras do Amor
em todos os jardins de cor viva e opulenta
puderes aspirar o último olor da flor.

R O S A S

Rainha do jardim, rainha sem perfume,
a roseira é porém festival colorido.
Na grandeza floral do porte ela resume
o encanto de quem reina um mundo florescido.

Se à noite fordes ver como um velho costume
a imagem do jardim silente e adormecido,
não deveis estranhar o aspeto que ele assume,
nem o débil rumor que alcança o vosso ouvido.

As rosas, atentai, conversam em surdina,
os cravos e os jasmins em flórea bebedeira
dialogam ao luar. Um grilo desatina!

E quando, de manhã, o imenso sol se esgueira
vem encontrar, sorrindo em glória matutina,
o florido dossel da galante roseira.

O HUMANISMO DA RUA

Quando vês desfilar tantos rostos diversos
ao longo do passeio insólito da rua,
é o momento ideal para pensar em versos
e o que essa multidão significa e insinua.

São faces outonais de olhos sem luz, imersos
na decepção da dor que o tempo tumultua.
Retratos informais de estranhos universos
num caminhar sem fim que ama, trabalha e sua.

Ao norte, ao sul , ao centro e até rumo ao subúrbio,
é a rua o corredor desse humano distúrbio,
contínuo transitar em busca de esperanças.

É a vida que se move, é o mundo que transita,
é o desejo social que desfila e palpita,
é o mundo da velhice, o encanto das crianças.

PECADO

Fê-lo Deus este mundo imensamente belo,
um tesouro de vida encantado e feliz.
Encanto divinal – do rochedo ao cuitelo –
felicidade o fez, dono de seu nariz.

Era bom, E o Homem disse : “Eu me rebelo,
rejeito essa beleza e essa força motriz”,
leiloando, fatalmente, a golpes de martelo,
a grandeza de Deus ...Estúpido e infeliz!

Hoje pagamos nós, em doses cavalares,
a imensidão do mal e do macro despeito,
impondo-nos viver debaixo aos próprios lares.

E assistimos, assim, ao divino direito
pesando sobre nós uma vida de azares
e a tristeza feral de um mundo já desfeito.

VALOR JOVEM

És jovem. Coração pulsando claro e forte,
desejos e ideais palpitando em tua alma.
“O viver é lutar”, lutar até a morte,
o poeta cantou, quando em rimas se espalma.

Se a alegria de ser te leva para o esporte,
segue-a com todo o amor, com carinho, com calma.
Faze o bem, onde quer que o mundo siga e aporte,
ama sempre com fé, a sorrir vibra e salma.

Nos momentos, porém, em que a dificuldade
se erguer como barreira aos encantos da idade,
tentando semear-te incerteza e inquietude,

apanha a arma do Bem, assumo esse combate,
mostra ao mundo que o mal nunca te abate.
que é a vitória final de tua juventude.

BOM DIA!

Devagarinho, a noite aos poucos se despede
escondendo no poente o mágico negror.
Parece-me que a luz do dia grita e pede
licença para entrar e dar seu esplendor

O tempo! Esse valor que nem sempre se mede
oferece-me a vista o mais vivo calor.
E a natureza toda, às palmas, me concede
as belezas que guarda em seu cofre de amor.

Em pouco, emocionado, o dia se apodera
desde o fundo do vale ao mais alto do monte,
da lúcida manhã que explode, e canta, e impera.

Ouçó o bisbilho, à toa, a vir de alguma fonte,
pipilos e rumor que cresce e deblatera:
é o bom dia do sol surgindo no horizonte.

SILENCIOSO SOFRER

Diante do sofrimento eu noto que te calas
qual se vergonha fosse o sofrimento humano!
“É ouro se calar” é assim que às vezes falas,
“é grato suportar a dor que da alma emana.”

Abrem-se a nossos pés as mais profundas valas,
obstáculos fatais, derrota soberana,
nem um pio porém, nem uma voz exalas,
aplaudes, ao contrário, o sofrer que te insana.

E fico a perguntar: por que razão a vida,
tão pródiga se mostra e tão oferecida
para nos presentear com tanto sofrimento?!

E existir, mais que tudo, um silêncio de morte,
sabendo da fraqueza e da medonha sorte
que ao homem oferece em todo o mau momento?!

ETERNA MANHÃ

Através do rendado da folhagem
o sol enfresta a luz numa apoteose.
Veste o infinito a mais rubra roupagem,
acorda tudo em lírica neurose.

Amam-se terra e céu – feliz simbiose –
amam-se o bicho manso e o selvagem..
A passarada trina em magna dose,
estendeu-se a bucólica paisagem.

E a manhã alegórica e vermelha
à outra manhã longínqua se assemelha
quando Jeová seu “Fiat” proferiu.

Desde então no universo em movimento,
obediente ao divino mandamento,
a flor do amanhecer em luz se abriu.

SONETO

Dois quartetos rimados a capricho,
dois tercetos de aprimorada rima,
e está pronto o famoso e grande “bicho”
do soneto que o mundo tanto estima.

Da montanha brutal ao carrapicho,
do verme ao astro que o infinito encima;
do ouro da mina ao caminhão do lixo,
tudo o que ao mundo anima e desanima,

é trançado um quarteto a outro quarteto,
em tudo o que de unido e de disperso,
na pequenina jóia de um terceto.

E na corrente azul do último verso,
há o momento supremo do soneto,
há a síntese a abarcar todo o universo.

ROSEIRAS

Tantos anos depois, sem ilusões, eu venho
trazer-lhe esta braçada ingênua de roseiras.
Cave, solenemente, o chão e com empenho
aplique-se a criar mais rosas jardineiras.

Em breve florirão, lindas, como desenho
de um divino pintor de telas condoreiras.
Galhos frágeis serão transformados em lenho
e as rosas sorrirão coradas e faceiras.

Jardineiros da vida, andamos entretidos
quase sempre a plantar ou podar verdes ramos,
cultivando jardins de sonhos coloridos.

Nesse gracioso afã a que nos entregamos
nem notamos o abrir dos botões mais queridos
das roseiras do amor que em nossa alma plantamos.

RENÚNCIA CORAJOSA

Com que empáfia supões que o mundo, os homens todos
se curvem ante o orgulho estulto que acalentas;
que os amigos leais suportem teus apodos
e a palavra final é aquela que sustentas.

Sabes, concidadão, que as magoas vêm a rodos,
que as almas, em geral, do mal não são isentas.
E os passos de cada um podem tombar em lodos
ou detê-los o vir de ocorrências violentas?

Votar desprezo vil aos que vivem aos lados
é próprio da estultícia e do caráter ruim,
é sustentar um mal despótico e medonho.

E assim muitos de nós, em sonhos enganados,
poderão ver chegar a um doloroso fim
o orgulhoso poder de renunciar ao Sonho!

FUGAS

Um a um vão fugindo, em louca debandada,
os ideais outonais que sempre acalentamos,
tal qual, ao vir do inverno, as folhas caem dos ramos
tangidas pelo horror de frígida nortada.

Nada mais, nada mais, soturnamente nada,
alenta as ilusões com que muito sonhamos.
A cada alvorecer, sem ânimo, acordamos
levando a cada ocaso uma alma já cansada.

Desvenda-se o horizonte em tenebras dolentes,
no qual o humano olhar a velhice divisa,
tudo ficando atrás em lembranças pungentes..

A tarde da existência é dorida e imprecisa:
tem o amargor do fel, palores inclementes,
mais fugaz e sutil que um perpassar de brisa.

CONTRASTES

Carregas no teu rosto o mais real retrato
do que na alma te vai e o coração detém.
Da profundez do olhar brota a luz do recato,
quando não, muita dor e lágrimas se vêm.

Hoje ouves: meu amor; depois, traidor e ingrato.
Ao lado, a solidão, a tortura, ninguém!
A quem a tua voz era um chilreio grato
agora é surda e má, é um poço de desdém..

Por que tudo há de ser assim feroz, chocante?
Por que imagens de um rosto estranhamente acenam
convites e repulsa em gestos contrastantes?

A face que sorri, os olhos que se alienam
ocultam muita vez algo desconcertante:
a língua que maldiz, os lábios que condenam.

RESSURREIÇÃO

Sob a fúria do fogo e da fumaça
sucumbiu a folhagem. Galhos nus
se erguem tristes ao vento que perpassa,
e sentem dor os cotucões da luz.

A árvore geme em dor sua desgraça...
Eis veio a Primavera e o céu reluz,
e a galharia oferta a enorme graça
do verde que a ressurge e a que faz jus.

Nessa ressurreição a vida explode,
aos afagos da brisa que a sacode
a copa reverdece e se abre em flores.

Já não mais chora lágrimas frementes,
a florada e a alegria estão presentes,
a árvore grita e vibra em esplendores.

URUTAU (I)

Na quietude da noite outonal e estrelada,
trazida ao perpassar de uma brisa que chora,
ferindo a solidão – casquina a gargalhada
do pássaro infeliz a prenunciar a aurora .

De onde vem? Por que vem? Em que galho ou ramada
o exótico urutau tece o ninho em que mora?
É um mistério talvez, ou talvez seja nada,
pesadelo quiçá de uma lenda encantada.

Sonâmbulo da treva, o seu cantar assusta,
agouro fantasmal, fantasma taciturno,
oh! como foi-lhe a sorte ingrata, atroz, injusta!

Pior que, feio urutau, esse piar soturno,
esse canto que dói, que entristece e desgusta,
qual triste gargalhar de um espectro noturno?

URUTAU (II)

A noite vai em meio, o silêncio é uma tumba,
o respirar da brisa é um gemido tristonho,
a escuridão parece um pavoroso sonho,
algo muito especial transformado em macumba.

De súbito, porém, dentro da catacumba
da quietude roceira escuta-se enfadonho
o sincompado pio errático e medonho
com que o estranho urutau a solidão retumba.

Incógnito duende, agourento poeta
povoa de mistério a vida ao derredor...
É um pássaro, um fantasma, uma alma anacoreta ?

E quando a lua aponta envolta em seu palor
o canto do urutau dentro da noite quieta,
é um rude gargalhar soturno e assustador.

URUTAU (III)

(Na vastidão noturna do campo, o urutau desfere seu canto enigmático, como uma mensagem de profunda solidão, um monge a entoar seu cantochão penitencial no recesso misterioso de um convento)

Caia do céu cinzento a chuva milionária,
abrase o ínclito sol tostando em alto grau;
uive o vento, a gemer, uma fúnebre ária,
vibre o seu martelinho o mestre picapau,

lá está ela, em silêncio, a estátua do urutau.
imóvel como posto em urna mortuária.
Mimetismo feliz de um ressequido pau,
ave-mistério rude, estoica, solitária.

Quando ouves do urutau a voz estranha e vaga
podes crer que ele ri da vida caricata
- mensageiro abismal do espírito da terra.

Quando ouves do urutau a voz dorida e aziaga,
cabalístico e feio a gargalhar na mata,
é a solidão que canta e, à noite humana, aterra.

CAMPESTRE

No milagre rural à beira de um estrada,
banhada pelo sol qual divinal oferta,
com guirlanda estelar quando a noite é fechada,
circundada de mata ou de amplidão deserta,

a choupana cabocla é convite que agrada,
a porta nunca fecha e a janela está aberta.
E a cristalina voz da ingênua meninada
é uma graça roceira enchendo o dia alerta.

Acredito que ali, debaixo desse teto,
more um mundo feliz de encantos e de afeto,
um lar entretecido em amor e carinho.

De certo vive lá dona felicidade,
pois dizem que ela adora e quer essa humildade
que é a riqueza de um rancho à beira do caminho.

VERDE SELVAGEM

A perspicácia de um olhar que avança
descobre sempre na distância além,
o selvático verde da esperança
que só no azul da serra se detém.

É a virgem flora, é a capoeira mansa,
o pasto dentre cercas qual refém,
a cor verde domina e tudo alcança
afagada de brisas em vaivém.

Sinto-me verde da cabeça aos pés,
o meu olhar desse verdor se apossa
e bebe-o, da paisagem através.

Sublimação que ri, que encanta e adoça!
Natureza de Deus, dize o que és,
que o milagre floral da verde roça.

VOZ DO SERTÃO

Dentro da expansão rústica da mata
vem de longe, reboando em cada tronco,
fantástico, abissal, o rude ronco
da escondida e bravia catarata.

Mistério colossal, ela retrata
todo o esplendor do que é grandioso e bronco.
Para cantá-la em versos me destronco,
é a imensidão que ruge e que arrebatava.

De colina em colina ora ecoando,
rolando em cada verde capoeira,
ora vale, ora ventos enfrentando,

se ouve à distância em orquestral zoeira,
carregado nas mãos do vento brando,
o rugido selvagem da cachoeira.

POR ENTRE FRONDES

(Um momento vivido em meio a uma floresta)

Exuberância verde da floresta,
macro-grandiosidade do arvoredor,
lá no alto disputando, testa a testa,
o azul e o sol em vegetal brinquedo.

Fantástica visão que o cosmos gesta,
que se contempla embasbacado e a medo.
É uma glória em que Deus se manifesta,
é, do futuro Céu, santo arremedo.

No coração da mata se apequena
o ente humano qual diminuto inseto,
cessa o orgulho e a vontade faz-se amena.

É um templo sob cujo imenso teto
o atribulado espírito serena
e se abre num broquel de amor e afeto.

B O I

No princípio era o boi, liberar e pacífico
sob o guante da canga, à chuva e ao sol ardente
qual vivo monumento histórico e magnífico
regando com suor a terra ardida e quente.

Trabalho inominado, humilde, inespecífico,
Que a vida todavia acolhe, aceita e sente.
boi santo, boi amor, boi nobre, boi mirífico,
não há quem como tu tanta fadiga aguente.

A charrua, a carroça, a magoante cangalha,
as toras ancestrais de inédita batalha
em que bancaste herói primeiro, ativo e mestre.

Figura exponencial de olhar úmido e grande
Glorificando a roça e cuja fama expande
a grandeza feraz de tudo o que é campestre.

SONHO E REALIDADE

Desfrutando o prazer do amor e liberdade
Do ilusório sonhar que a vida nos oferta,
procuramos fugir da escrava realidade
e buscar, de contínuo, uma estrada deserta.

A paisagem se estende iluminada e aberta
e a batuta do sol orchestra a imensidade .
Certamente supões que a vida é coisa certa
Mas tudo é tão incerto e tudo é sem verdade!

Estamos ao dispor das dores que tememos,
Disparado corcel nos leva a suailharga
Para um país qualquer de insólitos extremos.

Muitas vezes a estrada é florescida e larga,
outras tantas porém , com pesar, percebemos
que a dura realidade os passos nos embarga.

JARDIM SORRIDENTE

Quando a manhã acorda num bocejo
Como que perfumado, amplo e feliz;
E num festivo e inopinado adejo
Se nota o despertar dos colibris;

E o sol desponta num imenso beijo
Pondo por tudo brilhos de verniz ;
Enquanto a brisa me oferece o ensejo
De ouvir perfumes pelo meu nariz,

Vou ver a festa que o jardim prepara
para saudar o dia mal desperto,
para beber, do dia, a luz mais clara.

Contemplo o espetáculo mirim
E recebo, a gritar, a céu aberto
O sorriso das flores do jardim.

SERÁ FELICIDADE?

Amar é ser feliz? Vem essa felicidade
Da comunhão de dois ardentes corações.
Sem amor que seria a tola humanidade?
Talvez feio covil de ingratas ilusões!

Quem ama com ardor sempre ama de verdade,
Nunca se envolverá em males e traições.
È Ter um coração voando em liberdade,
É dizer eu te adoro em todas ocasiões.

Amor é se envolver em grandes sentimentos,
É transformar em céu todos os bons momentos,
É querer sempre ao lado o motivo do amor.

Reino de encantos, lindo império de esperança,
Não deixe que ele passe, abraça-o sem tardança,
esquecendo o sofrer, as ambições, a dor..

ALGO MAIS SOBRE AMOR

Que sabemos do amor? Quem o conhece
A ponto de exaltá-lo ou definí-lo?
Por que para se amar dói e padece,
Ou então indagamos o que é aquilo?

Às vezes o entendemos como prece,
Deixando o coração feliz, tranqüilo!
Outras, é como espinho que aborrece
Ou fica enclausurado qual sigilo?

É imagem procurada a todo o instante,
um querer, não querer, sempre inconstante,
fogueira que depois morre em fumaça.

Dizem que amor na vida é que comanda...
É um veleiro a vogar de vela panda,
Uma brisa que brinca, encanta e passa.

MATINATA

Antecede o milagre matutino
Um escândalo rúbido de luz.
De leve a brisa passa o pente-fino
Por largos capinzais e galhos nus.

À distância, para onde o ouvido inclino
Ouço o piar sincopado dos nambus.
É um festival bulhento, um desatino,
O acordar, pelos pastos, dos anus.

Por fresta do horizonte o sol espia
A imensidão do céu a percorrer,
As horas a marcar de um longo dia;

Nada porém mais belo do que ver
o sorriso da terra em alegria ,
a graça celestial do amanhecer.

CONTOS

(Leves e breves)

TRAGÉDIA NA PONTA DE UM PAU

Anda a humanidade ingurgitada de tragédias de todos os calibres, modos e maneiras, diversidade essa que a traz em constante “ser ou não ser”, segundo cogitar poético de ilustre representante das tragédias de antanho.

Dentre as inumeráveis formas de contar a vida, fui buscar na roça, numa árvore da roça, na ponta de um galho seco da árvore da roça, o motivo para estas elucubrações fantasiosas a que, desenvolvido “quantum sátis”, nos orgulhamos, patotisticamente, de chamar Conto.

Conta-se assim que o Zé Querêncio, sitiante dos bons, dono incontestado de umas terras agrícolas, altamente dignas de seu trato a poder de enxada, arado, foice e bestas ruanas, desperta, alta noite — noite negra como o breu, dizem — a ouvir, vinda da escuridão impenetrável, uma voz, ou melhor, uma gargalhada enigmática.

- Ué! Quem é esse cara que se mete a rir, perdido na noite? Alma penada, meu Deus?

E a risada noturna e soturna bisava, sob a curiosidade da noite toda estrelas — uma curva e imensa peneira de pingos de ouro invertida sobre a paisagem negra do sítio.

O caboclo encabulava.

Noite seguinte, a semi-sinistra risada encafuada no negrume, surdia novamente. E o caboclo cismava, cismava, e perdia-se fantasiando a cabeça rústica em mil e uma interrogações.

- Que será, que não será?

Compadre Vicente, padrinho do caçula, tinha sítio próximo. De uma feita casual encontro propiciou a Zé Querêncio oportunidade de desfazer a misteriosa “coisa” a espalhar gargalhadas noite a dentro, noite afora.

- Ché, compadre — adiantou o Vicente. Então você não sabe? Esse estrupício de risada é o Urutau, o canto do Urutau.

- Verdade, Vicente? Então não é assombração, nada dessas coisas de assustar a gente?

- Imagine! Passe lá no meu sitioca e eu lhe mostro a “assombração”...

Querêncio foi. E viu!

Viu o Urutau. Um pássaro estranho, da cor de galho seco de árvore. Grudado na ponta do pau, mimetizado com ele em tudo, viu o dono daquela casquinada noturna, imóvel como uma estátua, em riste, como se fora a continuação do próprio galho.

- Mas, Vicente, isso aí fala, ri, assusta?

- Claro, compadre — sentenciou o outro.

E dando uma de entendido, desfiou diante do vizinho, atento e embasbacado, tudo quanto sabia sobre a misteriosa ave.

- Você vê, Querêncio, isso é feio que dói. A feiura, porém, não lhe tira a graça de sair por aí, por pomares, capões de mato, barrocas ciliares a rir da vida e de nós caipiras, muitas vezes assustando aqueles que o ignoram e o seu modo de vida: - de dia, como um monge em oração, como duas mãos unidas em prece, quietinho, garimpado no topo de um galho de árvore; de noite, voejando pela escuridão, a rir, rir, de “nóis” e a mandar pro bucho borboletas, mariposas, lacraias, besouros, ratos e tudo quanto invente povoar de vida os canfundós da roça...

Vicente calou-se um minuto, bateu fósforo e bafou uma nuvem cheirosa extraída do seu cigarrão de palha, dando uma banana a essa mania civilizada que veta a delícia caipira de tragar o saboroso fumo de corda do Bairrinho.

Depois, satisfeito o vício, prosseguiu:

- Então, compadre, esse estapafúrdio que você vê, grudado no pico do galho seco, faz dele moradia e ninho. Mora e cria. Não tece nada. O ovo que bota, único e anual, gruda-o no ventre, tal e qual a raposa (os cientistas tem um nome para isso) e choca-o sob as penas do peito, durante 40 a 45 dias. Daí, Querêncio, o filhote nasce e começa a botar a cabecinha de fora, com medo decerto do mundo grande que vê além das penas maternais. Depois de duas e pouco mais de semanas, o passarico, que já não cabe mais no seio macio de plumas, mete-se ao lado do pai ou da mãe, passando o tempo abraçado pelas asas maternais. Empena, cresce, voa... e sai pelo mundo a povoar novos cumes de novos galhos secos, de novas árvores...

Compadre Zé Querêncio suspirou profundamente ao calar-se a voz de outro. Ruminava no íntimo de todas aquelas novidades estranhas sobre um gargalhar noturno que povoa as noites rurais, nada mais do que um canto ancestral de ave noctívaga, símbolo de mistério, figura fantasmal do mundo alado do campo e da noite sertaneja!

Pingaríamos aqui o ponto final da história. O Zé Querêncio, todavia, não nos deixa. E não nô-lo deixa porque a sua rude curiosidade nos diz que o Urutau e sua criaturinha não se deram bem com a vida. Certa manhã, espairecendo pelas terras do compadre, foi até a “casa” do pássaro para revê-lo e ao seu filhote.

E aí, a tragédia. A ponta do pau seco, vazia. No chão, mãe e filho, estraçalhados. Por que? Por quem? Mistério! Esses acontecimentos da natureza, são iguais aos acontecimentos trágicos humanos. Inexplicáveis! Insolúveis!

E a memória querenciana, num retorno repentino aos dias do passado reviu, por caprichoso e doloroso recordar, num relancear de fatos, a tragédia – tal e qual a do infeliz Urutau e sua prole – da sua esposa e filho tragados pela fatalidade do infortúnio.

Foi assim.

Temporal inclemente vergastou com o chicote de sua terrível ventania e a fusilaria de seus raios e trovoadas, horas seguidas, a soberba paineira alcandorada e gloriosa ao lado da casa, florida de roxo, às vezes; outras, crivada de painas esvoaçantes. Vergastou, chicoteou, sacudiu raivosamente até que o roble secular cedeu à fúria que o prostrou ao solo, e, de roldão, tombou sobre o teto da casa, esmagando, sinistramente, a esposa e o pequeno caçula.

Zé Querêncio – como agora – diante da desgraça, emudeceu, mudamente chorou, carregando para sempre aquele quadro inominável. Quadro que revivia em toda plenitude, em dolorosa lembrança, ao contemplar no chão, inertes e destroçados, como sua cara consorte e seu querido filhinho, inertes e destroçados pela natureza enfurecida e impiedosa.

Há momentos na vida em que esquecer é o melhor remédio, talvez, o mais profundo consolo.

Frente a frente com o drama que a manhã roceira lhe apresentara, numa realidade inarredável, e, frente com a realidade de um passado que não se apaga jamais da lembrança de qualquer mortal, Zé Querêncio optou pelo alívio medicinal do esquecimento.

Cavalgou o alazão. A galope, se afastou envolto num halo de nostalgia, daquela paisagem recordativa e entristecedora, daquele inusitado acontecimento a cavar-lhe da sepultura de um ontem doloroso, a imagem de um quadro que tanto quisera esquecer, mas viera à tona face a face com aquele infeliz desfecho de um lar alado, desfeito por não se sabe que mão do destino.

Tal e qual, talvez, a mesma e incomplacente mão terrível que se comprazera em derruir, inexorável, um Urutau e sua prole, cuja felicidade vivencial se encontra apenas no pico de um velho e seco galho de árvore. É por isso que a canção popular canta: “Eh! Vida malvada, não dianta fazer nada, prá que se esforçar se não vale a pena trabalhar”.

Zé Querêncio cavalgou, cavalgou. Esqueceu da vida, esqueceu do mundo. A noite fechou e o céu desdobrou um dilúvio de estrelas. Contemplou-as por momentos. Ora, lhe pareciam lágrimas luminosas, ora risos caricatos.

- Para onde vai, compadre? – Perguntou-lhe, no meio da escuridão, a improvisada e imprevisível presença do Vicente, retornando da vila onde estivera às compras.

Silêncio!

- Para onde vai, repetiu o vizinho.

- Pro inferno, compadre! Pro fim do mundo! “Prum” lugar onde não tem dessas coisas!...

E castigou a besta que saiu a galope pela cegueira da treva noturna.

O tátátá... tátátá... da cavalgadura enchia lugubrememente a imensidão da negra paisagem, assustando as estrelas piscantes e a lua cheia que o espiava no horizonte indefinido, qual carantonha enorme a rir de sua desgraça.

De súbito, alguém gargalhou, em casquinada fantasmal dentro do enigma da noite...

Zé Querêncio estacou. Assuntou a vastidão silente e trevosa, cuspiu para o lado, em protesto contra aquela inoportuna gargalhada e berrou, loucamente, para a paisagem:

- E ainda você dá risada, seu porcaria?!...

Só o eco tristonho dos vales, das florestas, dos montes, respondeu ao protesto do Querêncio.

O luar pleno banhou de luz macia a vastidão da paisagem.

Poder-se-ia encerrar assim e aqui a minúscula história.

Exigem contudo a lógica e a final clareza dos fatos saiba o possível leitor de que profundez noturna, de que goela estúpida, de que treva cega, de que origem inominada surdida aquele motejo cabalístico, aquele irônico rir, enegrecendo mais ainda a alma entenebrecida do infelicitado caboclo.

Para Zé Querêncio, machucado pelas lembranças funestas da fatalidade, inopinadamente ressuscitadas pelo imprevisível quadro contemplado ao amanhecer, ficava difícil compreender que tinha um irmão de desdita, que aquele gargalhar dolorido era o canto de dor que ia n’alma de um pássaro igualmente ferido pela infelicidade.

Ele sobrevivera à tragédia. O Urutau, também. Ambos ficaram sós no mundo, testemunhas únicas de um lar ditoso, estraçalhado por um terrível destino. Sofriam um e outro a mesmíssima dor.

Zé Querêncio chorava; o Urutau ria. O homem precisa saber contudo que a natureza e a vida são contrastantes. O riso do Urutau também é pranto.

Duas, então, eram as vítimas.

REBELIÃO DE INSTINTOS

OU

SUGESTÃO DE UMA FOLHA

O caso é que Lupércio (ele detestava o próprio nome) abriu os olhos azuis num humilde quarto de humilde casa da roça, arrancado do berço maternal, onde vivera nove meses prisioneiro de um útero fértil, um útero forte, responsável pela gestação de nada menos que dez rebentos entre varões e mulheres. Uma barriga maternal pródiga, cristã, exuberante, em cujas profundidades criadoras jamais se ousara meterem-se ferros e bisturis, senão que apenas as longas e nervosas mãos da tradicional parteira das redondezas. Partos perfeitos, criaturas perfeitas.

Lupércio não poderia ser exceção. Berrou com toda a valentia, custou a arrefecer os vagidos do contato com o mundo que o aguardava, e prometia, pouco depois enrolado, esticadinho, naquela panaria limpa e branca com que as mães do sítio apertam em longa e larga faixa o tiritante corpinho do mal-nascido, prometia, repito, crescer forte, bonito e corajoso, como aliás, almejam todos os pais e mães que assim seja.

E cresceu, virou menino, descambou para a adolescência. A meninice viveu-a, poder-se-ia dizer, como a vivem todos os meninos da roça, no que se pode chamar de ambiente doméstico e circundante. Não porém, a sua personalidade em botão. Desde muito cedo, Lupércio, saudável de corpo, e muito mais de espírito, ouvia bem de perto o ulular da caterva de instintos. Eram labaredas que lhe subiam dos pés, pelas pernas, pelo tórax, pelas mãos, pela cabeça, rumo ao cérebro, onde se formavam fantasias imensas, onde vinham se estadear fantasmas sexuais. Não eram poucas as vezes em que o pré-adolescente se perdia a contemplar aves, animais, domésticos e selvagens, se unirem para o ato da procriação natural. Aquilo lhe transmitia um calor aos olhos, algo que queimava o corpo de alto a baixo, numa ânsia de imitar, de fazer. E no âmago de sua cabeça efervescente as figuras das companheirinhas de escola, das vizinhas, até de jovens e moças de muito mais idade, vinham amiúde se apresentar. Sonhando com o mistério que um dia se lhe poderia desvendar.

O adolescente da roça, sabem os sociólogos e os sexólogos, tem multiplicados exuberantemente seus instintos. Em toda a parte, se lhe oferecem oportunidades para fantasiar mais e mais, aguardando com ansiedade o dia, a hora de poder fazer o que fazem os animais domésticos e selvagens, dando assim vazão a essa força colossal e indomável, que lhe queima o corpo e lhe atrapalha a alma, com mal compreendidas necessidades biológicas, na busca de um alívio físico e espiritual que ainda não sabe bem como há de conquistar e conseguir.

O estado da adolescência é terrível. O moço sente, vê, debate-se com os instintos, mas não há como enfrentar toda essa pujança sem ferir pruridos de consciência, da fé, de família, do mundo. Parecia a Lupércio que todo o universo lhe apontava o dedo condenatório: não pode, não deve.

Um dia (que dias tremendos há na vida!) o adolescente Lupércio viu-se metido num coletivo urbano, ao lado de desgastada mala lotada de roupas, cobertas, lençóis, um par de tênis barato, escova de dentes, sabonete de coco. Partia. Dezesete anos. A desconhecida vida de um internato religioso. Até quando? O que haveria de vir? Lupércio lembrava-se apenas de engolir o nó da garganta e enxugar, com as mãos, um tanto às escondidas, as dificilmente escondidas lágrimas.

Seria o fim? Não sabia. Poderia sim, ser o fim daquela maravilhosa vida de infância na roça, onde ficavam as árvores, os pássaros, as colinas, os colegas, amigos e companheirinhas, as chuaradas, as noites estreladas, os luares românticos, as plantações, as caçadas, as colheitas, o terço em família, a felicidade de uma infância despreocupada e feliz, aivada de surtos e sustos de instintos em ebulição.

O Internato! Casarão terrível a engolir adolescências para forjar, na disciplina e no estudo, as incógnitas personalidades de amanhã! Lupércio espichou os olhos, ainda a relampejar paisagens silvestres e roceiras, por aquelas paredes acima um, dois, três, quatro pavimentos. As janelas em fileira indiana pareciam dizer-lhe “*lascsiate ogni speranza o voi che intrate*”. Atrás daquele portal e daquelas janelas misteriosas que decerto jamais viriam a ser ocupadas por aqueles que adentravam o internato, em gestos de espiar a rua e o mundo, devia existir um outro mundo, completamente diverso e estranho do vivido até então pelo jovem aspirante ao sacerdócio.

Se ao deixar os pagos natais já se lhe derrocaram, anos de vida, já entendia como perdidos atos, gestos e pessoas daquele seu trecho feliz de vida, o que não lhe deveria caraminholar a cabecinha ainda mal estruturada para mudança tão brusca, a visão daquele edifício imenso, coalhado de mistérios, físicos e psíquicos, onde deveria colocar seus pés, para um contrastante modo do viver, no seio de uma família estranha que não aquela deixada nos cafundós do sítio!?

O convite daqueles portais era inexorável. Era um convite para mudar um destino! E transpostos os umbrais atrás dos quais se lhe enclausuraria esse mesmo destino, Lupércio sentiu um frio pelo corpo. Reagia-se-lhe a alma adolescente naquela manifestação física capaz de dizer-lhe: “esqueça tudo o que ficou para trás! Esqueça a infância, as brincadeiras, os colegas e as coleguinhas, a mãe, o pai, os irmãos, as paisagens, os divertimentos, a vida roceira enfim. Deixe que sangre a hemorragia da saudade incurável, que os perseguirá pelos dias afora”.

E assim se fez, porque assim estava escrito na página do destino! Deram-lhe uma caminha de solteiro, um banquinho titubeante para criado-mudo, um lavatório imenso, longo e cheirando a todos os sabonetes.

Uma gaveta fixa numa estante à moda de guarda-roupa coletivo, cobertas simples pouco adequadas à intempéries de um dormitório metido no sótão do grande prédio. Os preparativos para as suas noites eram rápidos e repetitivos. Dormir era uma exigência disciplinar. E no dia seguinte, mal o dia tingia de rubro o horizonte, uma sineta tenebrosa, insensível, dramatizava o despertar daquela legião de adolescentes e jovens. E se iniciava

um ritual vídeo-tape de um e de outro dia, com longas horas de estudo, infindáveis horas de aula, caínhas horas de recreio e muitas horas de silêncio e oração.

Todo programa ritmado e repetitivo não conseguira arrefecer na alma e no corpo do adolescente aspirante, as exigências dos instintos. Passava noites em briga com eles. De um lado a escalada cada vez mais apressada e forte do sexo exigente, de outro, a palavra dos mestres e instrutores, condenando sumariamente aquela força incontestável e indefensável que lhe energizava o corpo. E a luta se travava intensa entre a ordem e a disciplina, o pecado e o prazer. Noites mal dormidas, lembranças longínquas da infância, remorsos e escrúpulos, o prêmio do céu e o castigo do inferno, aí presentes como um pêndulo fantástico a tocar para frente as horas, os dias, os anos.

Os instintos, cada vez mais contundentes, cresciam. Os deveres e obrigações cresciam também. De tal sorte que a luta era tremenda, travada na solidão das horas noturnas ou nas longas horas dos silêncios dos estudos e dos recreios.

E os anos foram somando batalhas com derrotas e vitórias quicá. Aproximava-se o dia fatal da decisão vocacional. Lupércio temia a sua chegada, pois sabia que as forças dos instintos superavam de muito as forças vocacionais. As lutas haviam sido muitas e muitas as derrotas. Como esperar agora o advento de um auxílio tão forte capaz de levá-lo a esquartejar, com a espada de luz da coragem e da valentia adolescentes, o inimigo há tantos anos enfrentado e nunca, ou quase nunca vencido!?

O acaso decide. O acaso socorre em muitas oportunidades aqueles que não enxergam mais uma saída para a solução de graves e íntimos problemas. Lupércio topara, casualmente, com esse personagem, do qual se engendraria uma solução para aquela longa e ingrata batalha dos instintos rebelados, dos instinto exigentes, dos instintos que querem o que querem, dos instintos que lutam aos extremos para fazer valer sua vitalidade, sua presença no homem, seu destino de elemento continuador de espécie.

O pátio do internato onde alunos dos mais variados cursos e oriundos das mais variadas localidades, esparramava-se amplo e sombreado por figueiras frondosas. Sob elas reuniam-se grupos de estudantes. E as árvores como que ouviam as conversas, os diálogos, os debates, os cochichos entre aquelas bocas controladas e presas a uma disciplina rígida. Foi quando uma grande folha, amarelecida, despencou do alto de copa e caiu, dançando, entre os debatedores, passando rente ao rosto de Lupércio. Um relâmpago de pensamento cruzou-se-lhe no cérebro e a boca murmurou:

- Ei, colegas, essa folha rolante é bem a imagem da minha vocação, do meu destino. Amarela e ressequida, levada pela brisa, é como a sinto dentro de mim.

Poucas palavras, significativas palavras. O diretor de alunos ouviu-as e guardou-as para com elas traçar o destino daquele lutador de instintos, de importantes instintos humanos. E no recesso da cela convocara o indigitado aspirante e qual fora um raio terrível, Lupércio ouviu:

- Então estás como a folha esvoaçante da figueira? Não queres mais ficar preso na fronde deste internato, onde se cuida das coisas de Deus, com vontade e amor, dedicação e empenho? Segue pois o trajeto da folha amarelecida que é andar de rastros no pó do

chão... voltarás para teus pagos, onde a consciência estará mais livre para essa luta de instintos que dizes sustentar a tantos anos...”

O ultimato superior fatalizava-lhe o destino. Tinha a força de quebrar, como dinamite, aqueles muros altos e intransponíveis que lhe cerceavam os passos para a talvez aparente liberdade do mundo, onde supunha o aguardariam todas as liberdades corporais e instintivas, transformá-las em armas para derribar ao pó o demônio daquela força profunda que lhe vivia a atormentar os dias e as noites, o interior e o exterior da personalidade.

Aguardava-o um diverso retorno, depois muitos anos, àquele trecho da existência de onde partira, sob o impacto de uma luta infrene, entre espírito e carne, entre virtude e pecado.

E a ordem, o mandamento, partira não de um fato de enorme poder sobre o destino das pessoas, sobre o seu próprio destino, mas de apenas um minúsculo e inédito acontecimento trivial de uma folha de figueira, balouçante, despregada do galho da árvore-mãe, combalida e em agonia vegetal, rumo ao ignóbil destino de morrer de rastros na frialidade e indiferença do solo.

Quantas folhas, no mundo, se despedem da fronde, esvoaçam por instantes entre o azul e a terra, rolam pela areia, apodrecem ao vir primeira chuva, viram solo, sem que ninguém, sem que olhar algum, lhes dediquem qualquer atenção, lhes sirvam de modelo de vida, de solução vocacional, de diretriz para quem quer que seja! Ignoram-nas simplesmente! E aquela, aquela estranha mas significativa folha de figueira a amarelecer, por que haveria de aparecer em seu caminho, como se fora uma folha viva, inteligente, mensageira, escrevendo na lousa dos acontecimentos pessoais de um brigar mourejante de instintos, o que era preciso fazer, qual o caminho a seguir daquele átimo de tempo em diante?

Qual o dedo milagroso que apertara o pedúnculo vegetal daquela folha entre milhões de folhas de figueira, para num exato instante, inesperado mas valioso, ditar novo rumo para uma alma em cujo seio se desenrolava, surda, oculta, dolorosa, uma batalha que só neste momento viria a lume?

E depois de meio século de vida, quando a arte exigiu do seu personagem uma história a contar?

A CAMISETA OU QUASE ISSO

Ninguém mais tem dúvidas sobre o desarvoramento em que anda a humanidade. O preto já não é mais preto, o branco branco mais não é. Coletiva e individualmente, homens e mulheres não se entendem, pais e filhos, além de não se entenderem não se comunicam, marido e consorte se desrespeitam com extrema facilidade, mestres e alunos não afinam as responsabilidades. Tudo isso para embatucar mais e mais a cachola pensante daqueles que, ainda (ainda?!) anseiam por um mundo tismado por laivos de felicidade. Desagregadas, social e internamente, as famílias se desmilingüam. E cada lar (!) vira foco de desavenças, discordâncias, incompreensões e mais substantivos desse jaez.

Essas tiradas, moralísticas até certo ponto, provinham da quicá última boa cabeça-chefe da família Júbia, ninho de tradições e convicções, um pouco ainda lambuzada por velhos preconceitos, por desprezados princípios, por criteriosas intenções.

O comandante-famíliar, o Júbia, condutor daquela pequena nave social, pelos mares borrascosos do mundo, meteu a numerosa prole dentro de um torniquete de moral religiosa, cívica e comunitária, conforme as exigências das origens, conforme o exemplo dos antepassados, conforme a dignidade obrigatória trazida até então pela bagagem do tempo. Isto o obrigava a viver sempre no alerta, porque a sociedade, tachada de moderna, materialista e anti-religiosa pelo velho Júbia, amiudava seus ataques ao reduto do defensor da moral, sem rebuços, das convicções, a todo o custo.

O Jubialito, um dos filhos da récuia patriarcal, às tantas daquela monotonia vivencial, assim julgada por quantos gostavam de viver à moderna, à atualização sem termos da vida e das inteligências, do espírito e do corpo, o Jubialito – repete-se – resolveu (resolução orquestrada pela irmandade sequiosa de novidades) casar, montar família, não só porque a idade se lhe avançava celeremente, acompanhada pelo batalhão de exigências biofísicas, mas também por haver amealhado, graças ao emprego de caixeiro-viajante, algumas indispensáveis economias.

Giselina, uma lindura do bairro, graciosa e estuante de instintos – a escolhida – topou a parada casamental, mesmo porque os pais não tinham como negar tão naturais e reais anseios da jovem casadoira. E assim, realizou-se a festa do “conjugo vobis”, sob as bênçãos do Vigário, o aplauso da sociedade e a inveja de muitas outras aspirantes a esse sacerdócio-branco, onde às vezes se criam anjos, outras muitas, demônios terríveis.

Lua-de-mel! Misteriosos dias de suposta felicidade que seguem o mais importante acontecimento da vida dos jovens! Programa-se numa localidade distante um quarto em geral de hotel; motel, não (porque impressionaria mal os moradores do bairro e amigos dos conjugantes), um leito convidativo entre paredes imunes a bulhas e a vozes, com luzes abafadas para tornar tudo envolto numa penumbra crepuscular, um CD lânguido a musicalizar baixinho a alcova comprometida, criados mudos camaradas em sua mudez, pijamas perfumados e coloridos, talvez flores em algum canto propício, eis, em resumo, o

que constitúi o supra-sumo de uma noite, da primeira noite de uma ansiosamente aguardada lua-de-mel.

E os comparsas do sublimado acontecimento nupcial? Ele e ela?! A quantas anda a cobiça do moço? A quantas anda a timidez da jovem? Não adianta negar, mas para quem vai virgem a um ato tão especial, para quem foi educado na contenção familiar dos instintos, há sempre a indecisão, o medo, o desconhecimento, a possível decepção! Ou a dor, o pranto, a discordância! Diria eu, longe de Freud e caterva, que esse momento é crucial, é um “ultimatum”, um ato de guerra a dois, travada longe do mundo, longe dos olhos invejosos dos outros mortais, um gesto memorável, pois se trata, nada mais, nada menos, do que vencer a virgindade, entregar o corpo e alma ao domínio exigente dos instintos, para um futuro adiante, até que “a morte os separe”, reza-se ao pé do altar.

Alerta-se o leitor, caso estas linhas tenham a felicidade de chegar até ele, que os jovens desta pequena história foram ensinados pelo escola dos tempos em que não se aprendia nada sobre essas coisas íntimas a que embora estamos todos sujeitos ou não um dia na vida. Os comparsas, pois, desta elucubração contística, não fugiram às regras do seu tempo, ou melhor, do seu ambiente. Nem por isso, entretanto, deixaram de receber, em grau disperso, em proporções mínimas, por meios desconexos, os ensinamentos contraditórios da tradição e do passado.

Há sempre alguém mais sabido, mais entendido, uma comadre novidadeira, uma colega ou um amigo avançados que insinuam aos futuros cônjuges formas e modos de destruir a finalidade primordial da união entre seres.

Fosse hoje, a parafernália de meios de comunicação, de escolas, de livros, de revistas, de jornais, de bocas-comadres, de exibição ao vivo em teatros a até em praias, onde se cultua o nudismo, ter-se-ia incumbido de ensinar aos nossos heróis luademelantes, como evitar traumas, dores, temores, desconfortos e tristezas, dando lugar soberano aos prazeres da carne, às alegrias, aos confortos, à beleza, primordiais condições para uma felicidade duradoura a dois, e, depois, quiçá, a mais que dois.

Chegara o momento da prática, empurrando para trás quaisquer teses e teorias. O momento era grandioso! Era glorificante!

- A camiseta, pediu Giselina...

- ?!?!?!?!?!?

- A camiseta, repetiu a jovem, já corada ao máximo e encabulada com a ignorância do provável pai de seus filhos.

Jubialito, sob indícios de um valente suadouro, tímido e atrapalhado, corre até a mala de viagem, remexe-a nervosamente, e com ímpetos estranhos fuça de um lado, fuça de outro, descobre afinal a camiseta de ginástica que, por via das dúvidas decerto, a preventiva mãe envolvera entre os ternos e camisas para a primeira aventura conjugal do seu menino.

E com ar triunfante, bagas de suor agora rolando cara abaixo, o estreante marital içou, como um troféu, a camiseta, a solicitada camiseta, pela noiva ansiosa. Asas de felicidade esvoaçavam pela — assim vista nesse sonhado momento — alcova estufada de fantasias, de desejos, de possibilidades, de amor.

Era uma estranha figura humana aquela no recôndito de um quarto de hotel, empunhando como bandeira de vitória, leve e quase esvoante peça de roupa, rumo de uma

longamente esperada conquista, numa hora em que o animalismo da espécie perde todas as noções da normalidade para enveredar por uma região totalmente desconhecida, onde encontrar, quem sabe, a ventura para o resto da vida, quando não o dissabor supremo do fracasso, do erro, do desprezo.

Ao sabor da brisa gestada pela modernidade dos ventiladores, a camiseta erguida pelo mastro do braço, lembrava bem um lábaro daquela guerra de esqueletos aguardada por brancos lençóis, por cortinas de cambraia, por aquele céu adrede preparado para uma noite de amor, do primeiro amor.

Do outro lado, o exército formado de um único soldado, ou melhor, de uma única guerreira, não pareceu entusiasmado com a bandeira desfraldada. Surpresa, aborrecida, carranca terrível (sabem vocês o que é carranca de mulher ofendida e descontente?) Giselina repeliu o atacante estupefato, e prorrompeu num choro convulsivo abafado pela alvura dos travesseiros e gemeu:

- Não, tolinho, não é nada disso. É aquela coisa que evita a gravidez.

- ?!?!?!?!?

Concluindo, pode o contista escrever que foi mais uma lua-de-mel fracassada. E fracassada, não porque houvessem faltado cenário, decisão, vontade, esperança, desejo. Fracassada por um simples erro de semântica gramatical, por uma troca singela de vocábulos, pelo uso indevido de um diminutivo substantivado.

Evidentemente sob o impacto da emoção, a noiva que (digo-o agora), não desejava a gravidez, e não estava ainda devidamente familiarizada com o uso dos termos da modernidade matrimonial, balbuciou “camiseta”, quando, nesse ponto culminante de sua vida, o certo e o que desejava mesmo era o outro diminutivo gramatical de camisa.

Coisas da educação sexual de hoje.

CAIPORISMO

Claudino era o tipo do caboclo “pesado”. Germinara-se-lhe há muito, no bestunto, a idéia de enriquecer de golpe na lavoura. Dono de umas terras muito boas e pródigas, na vizinhança dos Rochas, não conseguira contudo proclamar ainda o seu 7 de Setembro financeiro. Queria super-lotar a burra, adquirir grandes lotes de terreno, virar fazendeiro. Rivalizar com aqueles vizinhos, os Rochas, que tinham até automóvel e rádio.

Com dois filhos, já crescidos, o Ernesto (Nestinho é como o chamavam) e o Maneco, mais velho, ambos braços rijos na lavoura; Claudino fôra perseguido até então pela sabotagem da sorte. Havia sempre uma qualquer coisa que lhe levava os cobres: ou porque a plantação soçobrasse sob muita chuva, ou sob muito sol não produzisse o esperado, ou porque uma doença da mulher ou dos filhos lhe arrebatasse as economias, o certo é que não conseguira, de modo algum, levar a cabo os seus justos e honestos intentos.

Claudino, confiava, porém, na sabedoria do provérbio: “Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.” E fez bem porque naquele ano as cousas, parece, tomavam rumo certo, As plantações estavam que eram um carvão de viçosas. O caboclo, desta vez, proclamaria o seu “Independência ou Morte”, pois além de plantar por completo as próprias terras, pegara “à meia” uns alqueires de seus vizinhos, boquiabertos com a decisão do brasileiro. Os filhos, compreendedores dos anseios paternos, esfalfavam-se no afã roceiro, principalmente Nestinho que andava de noivado e, se judo corresse bem, até o seu casamento haveria de sair, sonho grande e único há. Tanto tempo afagado por ele: casar com a Ritinha da vendola da encruzilhada.

Na manhã refrescada pela chuva noturna, o milharal desabrochou todo em pendões (ouros. Embonecava. E as espigas exibiam a cabeleira avermelhada, curiosas e satisfeitas.

Naquela hora, Claudino madrugador, percorria as lavouras esperançosas, o cérebro regorgitando de cálculos e cifras futuras:

- “Diabo! Desta vez acertaria. O tempo andara que nem relógio. Chuvas e sol bem distribuídos. Nenhuma ocorrência adversaria. Tudo fazia crer numa safra compensadora e num sucesso indiscutível. Sairia o casamento do Nestinho e havia de sobrar muita coisa para comprar o espigão vizinho, coberto de mataria e que os Rochas estavam sedentos de vender. Sabia-o, pois quantas vezes já lho haviam entredemonstrado em suas conversas! Adivinhava-lhes, é certo, uma pontinha de ironia, sabedores como eram de suas infelicidades financeiras. Mas ele o tomara a sério, e que tivessem cuidado, porque esse ano seria o da sua vingança. (E sorriu lá dentro de si, na antevisão do fato) - Que muchôcho nas caras “rochosas”. Gostou do adjetivo, bisando-o mentalmente. “Rochas, talvez também na inteligência.” A sua honestidade, porém, repeliu, prestes, o mau juízo...

Era, desnovelando um cordão de pensamentos desse quilate que percorria, num passo pausado e satisfeito, a lavoura nédia, afagando aqui, um soberbo pé de milho, ali uma touceira verde-loura de arroz, acolá, esgravatando a terra fofa para espiar que outro pé de batatinha a esconder avaramente sob o solo tubérculos graúdos.

Duas horas levou a correr, de ponta a ponta, as roças. Duas horas feitas de ventura e de cálculos. Até o sol, já escaldante, compreendendo-lhe a felicidade envolvia-o de luz e

flertava enamorado para o sorriso verde das plantações. Ao se dirigir para casa não deixou de contornar pelo rumo dos Rochas, berrando a cerca do pasto. A boiada (200 cabeças) do vizinho pastava, perto, luzidia e gorda. Um pecadinho de inveja lhe negrejou por momento a alma rude. Transpôs a pontezinha sob a qual descia o riacho, cantarolando. Cantarolando, também, chegou ao terreiro onde os filhos lidavam afiando as enxadas laboriosas.

Acordou sob o rumor estranho de cascos rondando a casa. O dia já claro, flexava luz pelas frestas do telhado. Ficou por alguns minutos, indolente, no leito, remendando idéias... Súbito, porém, relampagueou-lhe o cérebro um terrível pressentimento...

De um salto, alcançou a janela. Escancarou-a, nervoso, de um jato, e os seus olhos viram, viram e certificaram-se do trágico drama: as vacas dos Rochas rompendo as cercas vandalicamente, devastam-lhe as roças, 200 bocas ceifando, gulosas e inconscientes.

Viu-se, então uma total transformação, naquele homem de aparências pacientes e boas. As órbitas cresceram nas cavidades oculares e das pupilas partiam coriscos de alucinação. Retesaram-se-lhe os músculos numa ressurreição de forças ocultas. Uma palidez de cal roubou-lhe o sangue das faces... e, perdida a noção dos próprios atos agarrou a carabina que pendia da parede, e descarregou, com fúria do peitoril, sobre a boiada destruidora... Um, dois, três tiros..., e as rês baqueavam sob a pontaria certa de Claudino... (Os ecos secos do tiroteio povoavam de pavor a ingenuidade da manhã)...

Acudiram, saltando do leito, Maneco e a mulher. Compreenderam, de relance, a razão dos acontecimentos e solidários com a atitude do caboclo torciam frenéticos:

- Ai, meu velho...

- Mata, meu pai... liquida com a peste...

(Aljofravam-lhe a testa pálida pérolas frias de suor).

Tangida pelo terror a avalanche animal estourou em direções várias, moendo tudo sob os cascos em fuga...Uma ventania bestial!

E os tiros pipocavam ainda quando, de improviso, relampagueou um cavaleiro na pontezinha do córrego. Vislumbrou-o Claudino por entre o fumo das descargas e os galhos de um ingazeiro. No auge da fúria e do ódio, adivinhou um dos Rochas. A carabina colheu-o na pontaria... partiu a bala mortal seguida por um desabafo:

- Toma, miserável! Esta é para ti...

Aproximou-se do cadáver e esbugalhou o rosto numa expressão de loucura. Quis chorar, mas, os olhos lhe negaram as lágrimas. Só a boca trêmula abriu-se numa gargalhada sinistra. Perscrutou os lados e, aos gritos lançou-se numa corrida tonta em direção da capoeira, embrenhando-se por ela a dentro... Enlouquecera!

Pudera! Mesmo como assassino perseguira-o o caiporismo: matara o próprio filho. Nestinho era a vítima.

CAPRICHOS DA VIDA

Ao longo daquele trecho de rua, quase central, a casinha de Zé Minguante assumia antes o aspecto de casebre. Tão granfinos eram os edifícios de um e de outro lado erguidos, galgando o espaço, que davam a impressão de se estarem acotovelando para espiar lá embaixo a humildade da casinhola. Explico as razões do "Minguante". Não era sobrenome, mas apelido vindo desde a infância, sugerido pela sua extrema pequenez, que, agora, com a velhice, quase poderia ser classificado entre a família dos anões. É um divertimento esse do acúmulo dos anos em apequenar as pessoas, certo pelo peso de serem muitos, acontecendo com o Zé Minguante, nesse particular, o mesmo que acontecia com sua casinha em relação aos sobrados vizinhos; ambos, casa e proprietário, sentiam-se asfixiados: um pelo peso dos dias, outro pelo concreto circunvizinho. E toda essa massa, equilibrada na rigidez arquitetônica das suas linhas, tinha um só dono: Gervásio Cabral, Dr. Gervásio Cabral.

Bafejado que fora pelas graças da fortuna, esse personagem que se compraz em dividir as posses a seu bel prazer, presenteando a uns em demasia, a outros comprazendo-se em ser sumamente mofina, - seu Cabral, Moloch de dinheiro, - foi devorando um a um, saboreando lentamente os pratos que a sorte lhe oferecia, todos os prédios daquele quarteirão, transformando-o no aglomerado de residências finas que, também, cautelosamente, ia se apoderando, em avalanche de pedra e cal, das construções vizinhas. E, uma a uma, desapareciam desfeitas em cacos, mastigadas pelo mastim do progresso as casas acachapadas ao rez do chão. Alguém, porém, resistiu às mandíbulas do dragão: - Zé Minguante.

Não conseguiram arreda-lo de sua choupana as fabulosas ofertas de dr. Cabral. Não, porque aquele pequeno amontoado de pedras, à feição de presepe entre os arranha-céus, constituía legado de família, guardava em si o repositório histórico de seus antepassados, era, enfim, o único bem material que os anos não lhe puderam roubar. Além do mais, servia de ninho aos seus: dona Cesarina, a mulher, e Jovita, a filha, alegria e razão de ser da sua vida.

- Como é, seu Zé, dou Cr\$ 200.000,00, insistia o dr. Cabral. E propositadamente quase lhe raspava o passeio da calçada com a Cadillac reluzente.

- Impossível, dr. Cabral, retrucava a humildade acanhada de Zé Minguante. Seria vender o coração.

E a Cadillac sumia adiante, doida por aquele cantinho de chão, pois, o dr. Cabral, em cujo cérebro fervilhava um grande plano industrial, a montagem de uma fábrica gigantesca, ou cousa que o valha, tinha necessidade dele. Daquela nesguinha de espaço.

E monologava o espírito do homem: "Sujeito teimoso. Pago-lhe bem pago, e não quer. Mais dias menos dias, boto-o a muque para fora daquela vergonha. Onde se viu mesquinhez daquela a enfeiar todo o quarteirão". Buzinava, quebrando a esquina.

Atrás, no entanto, Zé Minguante ficava meditando: "Arre, também, que isso é demais. Tanta casa, tanto terreno, e ele aí a querer me alijar deste cantinho que é meu. E prá ir aonde depois? Não. Nem por milhões". Entrava soturno e pensativo. Lá dentro vicejava a primavera na beleza e juventude da filha. Rescendia nos 17 anos. Era ela, a bem dizer, o sustentáculo da família. Tresdobrava-se a fim de garantir aos velhos pais alimento e roupa para o corpo; desfazia-se em sorrisos e carinhos, para atenuar-lhes a amargura dos últimos dias.

Entretanto, Jovita era carne e osso. Apesar de uma alma imensa habitar-lhe o corpo, sentia também o império da mocidade a sacudir-lhe os instintos. Amava. Mas o amor de Jovita, pelo seu objeto, revestia-se da condição da impossibilidade. Porque o seu príncipe encantado era, nada mais, nada menos, do que o Cabralzinho, filho do dr. Cabral.

Leitor, ou leitora, aí está mais uma artimanha da vida, mais uma forma de que é pródiga, para espesinhar o ser ou seres humanos. Por que haveria ela, dona dessa imensa sementeira do amor, botar a migalha de uma de suas sementezinhas no coração de Jovita? Por que? não sabia acaso a dona vida, que haveria de surgir a ave má do impossível para querer beliscar o rebento da semente mal tentasse romper o solo em que fora lançada? Se o sabia ou não, é difícil dizêmo-lo, o certo, contudo é que a vida doidivana achou de brincar com o coração do dr. Cabralzinho e lá também enterrou a sementinha fatal. E ali enraizou, cresceu, frondejou e, resultado lógico, passou a namorar Jovita. Amam-se, agora, apesar da divergência e diversidade de classe social, consideradas, por muitos, entrave insuperável para o casamento. Amam-se, porque a mocidade não vê empecilhos ao amor que floresce em seu coração. Infelizmente, porém, nem sempre é fácil. De contínuo esbarra em milhares de tropeços, distendem-se-lhe à frente incontáveis e imprevistas peias, detem-no, travam-no, ameaçam-no, matam-no, muitas vezes.

E qual seria a sorte daquele que apenas desabrochava esperançoso nos dois jovens enamorados? Frutificará? Ou não?

Os meses se escoaram. Jovita e o filho do milionário entendiam-se às maravilhas, forjando projetos, sonhando, furtando, às escondidas, da vida e dos pais, um pouco de felicidade para a sua juventude. Doiravam castelos, construíam um mundo só para si, para sua suposta eterna ventura.

Apesar do azul do céu, que os cobria, ao longe, como um ponto a princípio, crescendo ao depois, lenta e pronunciadamente, surgia uma nuvem negra, prenúncio de tempestade. Que não tardou a chegar, toldar o céu, cair sobre aquele seu mundo em bátegas vergastantes e tempestuosas. Era a oposição paterna que se fazia presente, tropejando, esbravejando, derribando ao solo os castelos de ouro de seu amor.

- Como?! Então você, meu filho, (era o dr. Cabral que fuzilava), você a meter-se com aquele caco de moça, você, multi-milionário, descer a tanto?! Francamente... meu filho, francamente nego-o, nego-o, ouviste? Queres enlamear a estirpe? Ora, ora... essa é boa!...

Saia furibundo, para voltar logo mais com novas catilinárias sobre o rapaz.

De outro lado, Zé Mingunte também esbravejava. Mas as bravatas deste eram, como não podiam deixar de ser, humildes queixas:

- Jovita, minha filha, porque você fez isso? Não viu que era impossível? Nós somos pobres, você bem sabe... Essa gente...

Não podia concluir porque o pranto da filha abafava qualquer argumento.

E assim, ao que parece, murchava e morria a linda roseira de sonhos que dona vida, num de seus momentos de loucura, plantara naqueles corações.

Morria?

Não, não morria!

E não morria porque o espírito ultra-prático e capitalista do dr. Cabral vislumbrava genialmente uma fresta, uma saída. Digamos, comparando: Cabral despejava sobre a roseira emurchecida um eflúvio refrescante, o orvalho rejuvenescedor de interesse próprio.

Ora, tão fácil! Como é que não lhe bacorejara no bestunto a mais tempo solução tão a jeito?...

- Que se amassem, os louquinhos, que se amassem, vá. Mas, (aqui a genial idéia) com a condição, *sine que non*, de se pôr abaixo o casebre teimoso. Era o sumo de ocasião: ou agora, ou nunca. Entre a espada de sua imposição e a parede da felicidade da filha, Zé Minguante, desta feita, cederia...

E um sorriso sarcástico de vitória lhe vincou de leve a boca burguesa.

Foi num misto de espanto, de ódio e de temor, que a notícia estourou lá pelos arraiais pacíficos de Zé Minguante. Assombro, pelo imprevisto de que se revestiam os acontecimentos, em face da hipótese armada pelo Cabral: ódio, contra a forma impositiva de que se revestia a solução proposta pelo doutor; aproveitando-se de sua pobreza e da falta de armas iguais para combater; temor, pelas conseqüências que adviriam, quer aceitando, quer negando as exigências do capitalista.

Este, saboreando charutos, bestificado; estirado sobre um sofá, aguardava, não com impaciência, mas com laivos de perversa superioridade o resultado da luta em que, a estas horas, se debatiam pai e filha: Zê Minguante e Jovita, ambos coração imenso, disputavam a palma do sacrifício. De um lado, a renúncia ao amor, todo sonhos e primaveras; de outro, a renúncia daquela nesga de chão, daquele amontoado de tijolos humildes, é verdade, mas que representavam para o seu dono, um pedaço de sua própria vida, um naco de sua própria carne. Na íntima arena de Jovita, sobre o tablado de sua luta interior, defrontavam-se - exímios lutadores - o amor filial e o amor ao seu príncipe. Travavam grandiosos duelos, esmurravam-se um ao outro, com intensidade e afã, cada qual tentando curvar a seu favor a vitória.

No coração de Zé Minguante não menor, nem menos intensa ia a batalha. Se adorava a filha, se valia o sacrifício para vê-la venturosa, o faria, sem dúvidas. Doia-lhe, porém, como punhalada, a idéia de abandonar a sua casinha, a cuja sombra vivera toda uma existência, despreocupada e quase feliz.

Bosquejamos assim, nas pinceladas precedentes, o estado de três almas, protagonistas de um único drama humano, cujo epílogo, nem nós poderíamos prevê-lo e transmiti-lo a quem nos seguiu os passos ao longo desta narrativa, não fosse a entrada em cena de outro ator, ou melhor de outra atriz, dessa trágica e derradeira personagem de todos os dramas e comédias da humanidade - a morte.

Gervásio Cabral, repentinamente, falecera. Eterna e ferrenha adversária da vida, a magra colhera-o no exato momento em que aquela que ia propiciar quiçá uma das suas mais árduas conquistas, pois, o poder do milionário, dono de arranha-céus, para quem tudo fôra fácil conseguir, esbarrara diante da resistência do minguado Zé Minguante.

Gervásio falecido, o herdeiro universal, Cabralzinho, entra na posse de tudo, manda às favas as convenções e implicâncias paternas e apodera-se também, sem mais aquelas, daquilo de que mais necessitava o seu coração: Jovita.

Casou e fez questão de que no registro legal do ato constasse: em regime de comunhão de bens, porque assim, pelo sim, pelo não, roubava do Zé Minguante a linda Jovita, dando a esta em troca entretanto, a possibilidade de uma incomensurável fortuna e àquele, sogro agora, devolvía o sossego para os últimos dias de sua vida.

Sobretudo, aprendiam uns e outros, que tanto a vida como a morte, andam por aí, mundo a fora, a tecer e destecer dramas, e semear toda a sorte de imprevistos, bons e maus, para a pobre humanidade, trazendo-a, de contínuo, em justificados sobressaltos, Ricos e pobres, Cabrais ou Zés Minguantes, Jovitas e Cabraizinhos, ninguém lhes escapa às tramas fatais.

A CONVERSÃO

(Conto de Natal)

Vicentão nascera pobre. Desde menino, portanto, viera, vida a fora, estigmatizado pela pua das dificuldades, pisando na cacaria dos empecilhos econômicos, espírito aferrotoado de continuo pela vontade de possuir isto e aquilo, sempre, porém, vendo irrealizados os mínimos desejos, isto tanto quando criança, como quando o buço lhe apenujava a queixada, que, por sinal, se lhe atirava para a frente, poderosamente desenvolvida. Desse copioso pronunciamento maxilar proveio-lhe quiçá o aumentativo nominal. A grenha trouxera-a sempre em desalinho, revoltada contra pentes, negra e crescida. Embora franzino na meninice, ao escalar os anos foi adquirindo estatura atlética, o que o levava a confiar nas próprias forças, e, conseqüentemente, a meter-se a miúde, em valentias braçais. E esse comichão de esmurrar ventas alheias avolumava-se-lhe sobremaneira, numa ascensão cromática, quando Vicentão sentia escorregar-lhe, goela abaixo, o delicioso calorzinho da pinga, ou do conhaque. Sim, porque o nosso homem, além de tudo, dava-se à ocupação de bebericar cachaças por bares e botequins até hora avançadas da noite. E voltava para casa ziguezagueando, numa caça a frangos invisíveis, roupas emporcalhadas, donde surgiam trechos de músculos desafiantes, por isso mesmo temido, mesmo no pileque.

Vicentão, como todo moço, flertou, namorou, casou. Não vamos indagar aqui quais as convincentes razões por que a cara metade vicentesca se deixou levar aos pés do altar, apesar do conhecimento que tinha da fama de beberrão inveterado do futuro consorte. Talvez aquele mento em riste. Talvez a compleição poderosa. Sabemos lá as razões femininas?... Tantos casos semelhantes por esse mundo a fora a pedir as explicações. O certo é que o herói assentou lar, e não se emendou dás contumazes noitadas de borracheira. A princípio, umas longínquas ameaças de redenção enganaram o coração meigo da esposa, cujos conselhos, ternura e amor se multiplicaram na tentativa de desviar o caixa-d'água da senda estúpida por que seguia. Em vão. O vício reclamava, insistia, empurrava Vicentão para a pinga, e ele, que não lhe resistira aos primeiros convites, via-se, agora, apesar do porte físico, impotente na vontade, para renunciar às melifluas insistências do gargalo.

Assim os anos passaram e com eles surgiram os filhos e prosperaram as rixas. No início, sob a tolerância da lua-de-mel, dona Cláudia agüentava, paciente e santa, as bebedeiras maritais. Sob o céu do amor brilhava mais insistentemente o solzinho da concórdia. Com o andar dos dias, porém, a impaciência foi tomado aposentos no lar de Vicentão, fazendo-se acompanhar das filhas - a discórdia, a injúria e as ameaças, de modo tal, que, o “home, sweet home” se transformou aos poucos, na inferneira amarga que era agora. O chefe, constantemente na cachaça, entregava-se ao “dolce far niente”, dando azo a que as privações viessem fazer companhia às aflições de dona Cláudia e ao berreiro da filharada, que, aos atropelos, dominava os aposentos caseiros. Vicentão decaía rapidamente para a impiestabilidade completa. Foi então que surgiu, grandioso, para manter a família, o heroísmo de dona Cláudia. Até horas adiantadas da noite, a máquina de costura, num teque-teque incansável, labutava no sustento dos filhos e no prolongamento da vida do malandro, que, além de imprestável, avançava nas economias da mulher, apresentando como única justificativa a ameaça de seu avantajado físico.

Naquele dia, ou melhor, no desembocar daquela noite, a cidade parecia assumir um aspecto diferente do habitual. Ao longo das ruas e das praças, tomadas pelo frenesi de um motivo de festa, as vitrines das lojas e dos bazares acolhiam gente em profusão, exibindo-lhe um mundo de tentações, enredando nas malhas da brinquedolândia as ventoinhas infantis, cujos olhares, glotonamente, comiam a infinidade de objetos, no desejo da posse. As mãozinhas ansiosas espichavam-se para afagar o apetecido brinquedo, insistindo, com a inocência do olhar, na decisão favorável do coração paterno. E era um rio de alegria transbordando em sorrisos pela face, no brilho das pupilas, na tagarelice feliz dos lábios, quando os garotos, vencida a resistência do papá, saíam sobraçando o longamente esperado e desejado presente.

Realmente, era a noite dos presentes. O mundo, mais uma vez, via passar a grande Noite. Mais um Natal entrava para a história humana, levando e trazendo esperanças, semeando sonhos, cimentando amores e felicidade. Mais uma vez os presepes alegravam os lares sob os cânticos das crianças e as saudades dos velhos.

Vicentão, como de hábito, ao cair da noite, botou-se à rua em demanda dos balcões onde luziriam os copinhos de cachaça. Era assim desde longos anos. Saía metia-se por qualquer daquelas espeluncas de vício, com prateleiras lindamente carregadas de garrafas, num festival de rótulos coloridos. Bebericava horas a fio, tragando a desgraça, a sós, ou de conlúio com amigos pouco recomendáveis, resultando afinal naquela bebedeira diária, amplamente conhecida do bairro.

Nessa noite, ao deixar o bar, um como que estalo à Antonio Vieira, percutiu-lhe os miolos. A princípio, tênue como um desabrochar de madrugada, a idéia foi-se-lhe avolumando aos poucos, até ralar numa manhã luminosa e suave. E se mudasse o seu percurso costumeiro? Se buscasse outros recantos da cidade? Se fosse até o centro, por exemplo, onde de certo o seu apetite alcoólico encontraria maiores e melhores possibilidades de satisfação, impressões novas, ambiente inédito? Valeria a pena experimentar.... E, assim decidindo foi. Estugou os passos fugindo aos conhecidos lugares, pisando, dentro de pouco em ruas centrais da cidade, onde surgia a apoteose clara das lojas e dos bazares atulhados de presentes e tomados por um formigueiro humano, no afã de atender às exigências da Santa Noite. Dentro, no interior das casas comerciais, uma infinidade de cousas se apoderava de prateleiras, balcões e pavimentos. Aqui, velhuscos papais Noéis, sacola simbólica às costas, barbas longas e brancas, trajados de veludo vermelho, contrastavam, com a temperatura tropical da noite. Ali, sobre um tablado, trenzinhos elétricos enfeixavam os olhares de uma multidão infantil. Mais além, imitando Arca de Noé, acumulava-se a bicharada, onde leões e carneiros, cães e gatos, pombas e milhafres, untam-se, esquecidos das tradicionais divergências, no amplexo da fraternidade universal. Louras ou morenas, pretas ou brancas, as bonecas tinham tal estatura, que chegavam a confundir-se com as lindas criancinhas que iam ao braço das mães, de modo a não saber-se a quais dirigir à admiração. Máquinas, - umas de paz, outras de guerra, - atraíam a atenção dos futuros mecânicos e dos possíveis comandantes de exércitos motorizados. Tudo, porém, em miniatura, porque a noite era do Menino-Deus, das crianças, do mundo dos pequeninos.

Interessante! Vagamente, docemente aquela visão debuxava no espírito de Vicentão pensamentos diferentes, e uma procissão deles, antes adormecidos, longínquos, se punha agora a desfilar na sua mente. Ao fitar os casais de braços enlaçados, filhos ao redor, consultando vitrines, um sentimento gostoso, uma indefinida saudade, veio navegar-lhe, em silêncio à flor da alma, envolvendo-o num bem-estar que, havia muito, não

experimentava. Descobriu, mais, que sentia inveja daquelas famílias unidas, amorosas, satisfeitas com a vida, enchendo de um ar de festa o ambiente da cidade. Lembrou-se, enfim, de que era Noite de Natal! Os templos feéricos de luzes e de unção exibiam seus presepes. O povo ia a Missa do Galo e todo o mundo vibrava de alegria. E ele, por que só ele não podia dela participar!... E Vicentão notou subir-lhe pela garganta um nó significativo, que por pouco não lhe vem explodir em pranto nos olhos. A doçura, havia momento gozada, desmanchou-se lentamente em funda tristeza, pois compreendeu, em toda a sua intensidade a crueza, quanto era infeliz, quantas ruínas cavara para sua esposa e filhos! Quantos Natais desperdiçados! Enquanto outros, às preces e aos sorrisos, celebravam a Santa Noite, ele, - Vicente da Costa e Cunha, rolara pela imundície das sarjetas, levando para o lar, em vez dos presentes e das bênçãos paternais, a amargura, a bebedeira, o terror. Miserável que tinha sido! Foi então que se lhe implantou no espírito uma resolução: seria já, nessa mesma noite, nessa divina noite de felicidade que iniciaria a sua regeneração. Graças a Deus ainda lhe restavam forças para consertar o que tão estupidamente derribara a golpes de inutilidade e covardia. Zézinho, Lidinha, Tônico, como tantas outras crianças, teriam também seus presentes e a bênção de papal. Que grande noite - (pensava) Cláudia sobretudo (quanto a amava, agora!) receberia o mais extraordinário presente de sua vida - a regeneração, a sua regeneração!

E, se assim pensara, passou a agir sem delongas. Numa consulta tímida e duvidosa aos bolsos, responderam-lhe estes com as possibilidades financeiras para a realização do belo desiderato. (A colheita nas economias da mulher nesse dia fora, por coincidência, das maiores, e ela lhe perdoaria, decerto, o compreenderia, quando soubesse o destino, o grandioso destino que lhe dera). Assim decidido, percorreu as ruas penetrou lojas e bazares, num afã de convertido, daí a horas a alma lambusada de felicidade, leve, passos firmes, empurrado por uma força estranhamente doce, e um sorriso todo especial reservado para a consorte, Vicentão chegava ao portãozinho de sua casa, carregado de presentes para os pequenos, de esperanças para a esposa e de bons propósitos no próprio coração. Havia quantos anos aqueles quarteirões não o viam passar de pernas firmes, resolutas, como agora!

A torre da Catedral, sentinela da fé e das horas, repicava meia-noite. Do céu, picado de estrelas, descia sobre a cidade desperta, o eflúvio religioso do acontecimento de Belém, como se os anjos do natalício de Cristo vagassem novamente pelo infinito recolhendo preces e sonhos. Se a natureza rescendia nesse momento de santidade e júbilo, não menos intensa lavava na alma de Vicentão a confiança numa nova vida, povoada de estrelas de amor e de asas angélicas de felicidade. E, enlaçado nessa rede de pensamentos que o sacudiam internamente, varou o portãozinho aos gritos:

- Cláudia, Tônico, Zézinho...

A casa recolhia-se em silêncio e numa denunciadora escuridão. Talvez dormissem...

- Acorda gente, venham todos...

Mas o silêncio e a escuridão persistiam, lacrando-lhe as portas, numa tremenda, dolorosa e muda impassibilidade... Nervoso, quase trêmulo, descarregou as bugigangas ao chão, sovou, num crescendo impaciente, a porta da sala. O eco das pancadas reboou pela vizinhança, cujas janelas iluminadas pareciam atirar-lhe um olhar de escárneo, persistindo, entretanto, a mudez e a impenetrabilidade do seu lar. Foi então que se lembrou dos músculos amigos, e, qual novo Sansão, preso de desesperero, escancarou, a muque, aquelas portas que já se lhe estavam tornando odiosas pela sua indiferença. Lá de dentro, porém, a escuridão saltou-lhe ao rosto, pareceu crescer enormemente, e a solidão dos aposentos

cochichou-lhe segredos de desgraça. Tentou chamar, amortecendo-se-lhe a voz na garganta. E quando a mão trêmula, tateante, moveu o comutador elétrico, jorrando a luz para desfazer em nada a visão das sombras, uma carta, uma pálida carta, largada sobre a mesinha da sala, contou-lhe, despreocupadamente, toda a intensidade de sua miséria; “Você foi imprestável, um vagabundo, um ladrão... Vou para casa da mamãe, com meus filhos, e para sempre, entende? Estou farta de aturar borracheiras, compreende?”... e nesse tom prosseguiram duas longas páginas. Vicentão leu, e, com as mãos cobrindo-lhe as faces, no gesto de desespero, rompeu em soluços...

Espalhados pelo chão, os brinquedos, como sonhos de ironia desfeitos, pareciam agigantar-se, criar vida, transformar-se em fantoches, para rir-se, diabólicamente, daquela fatalidade.

SONETOS ESPECIAIS

(Postais de Natal)

Nota do Autor:

A série de sonetos seguintes foi produzida em resposta a cartões de Boas Festas recebidos de amigos e pessoas gradas. Os de homenagem repetida referem-se aos diversos anos com que os amigos me presentearam com seus votos natalinos.

AO ELIAS SALUM E FAMÍLIA

Ao Elias e aos caros familiares
cumprimento ao passar das Boas Festas.
Traga-lhes o Natal dons espetaculares
e afaste de vocês todas as coisas mestas.

Que nos faça esquecer dores funestas
e nos brinde com luzes estelares!
Que o caminho do Bem não tenha nunca arestas,
que o Amor do Menino encha todos os lares.

O poeta, apesar de príncipe se sente
todo feliz em desejar-lhes tudo
quanto seja de bom junto de Deus.

Natal, meu caro Elias, é um presente,
diria até que é um divinal escudo
que protege a você, aos seus, a mim e aos meus.

NATAL NO CORAÇÃO

O que desceu do céu naquela noite enorme?
Uma Luz, uma Criança, um Profeta do além?
Em velha manjedoura uma criança dorme,
há uma angélica festa envolvendo Belém.

Descem anjos em coro e a noite luciforme
é um delírio estelar que sobre a Terra vem.
Canta o triste pastor em seu tosco uniforme
e canta o potentado, humílimo também.

É a Salvação que chega aposta em manjedoura
na figura eternal de uma criança loura,
“Gloria in excelsis Deo” o mundo canta então...

Dois mil anos de Cristo – o Salvador do mundo,
e até agora o homem vil não O amou um segundo,
não raiou um Natal no humano coração.

NATAL COM CARINHO

Ao João Otávio M. Ferraciú e Família

João Otávio recebo o seu belo cartão
– expressão de amizade e de santo carinho –
Natal sacode sempre o velho coração
e o deixa palpitar em feliz torvelinho.

É tempo de saudar-se, irmão a outro irmão,
e sorrir com amor ao Grande Menininho.
É tempo de dizer: Deus tem toda a razão,
devemos transformar em flor qualquer espinho.

Obrigado a vocês! Que as bênçãos do Menino
nos aplainem a estrada e os vales do destino,
continue a alegria a morar junto a nós.

Natal, divino, doce e celestial remédio
nos liberte da dor, dos óbices, do tédio,
ecoando a nosso ouvido a sua eterna voz.

A TELMO OTERO

Como seria bom se o tempo em sua viagem,
a carregar consigo a pobre vida humana,
detivesse o poder e tivesse a coragem,
com a força que tem, gloriosa e soberana,

de decretar em sua histórica rolagem
que uma data tão bela, um dia tão bacana
como é o Santo Natal, tivesse sua passagem
comemorada todo o dia da semana.

É tão doce o Natal, é tão grato saber
que os corações se irmanam se abraçando
na Esperança, na Fé, no Amor... E na desdita.

Telmo Otero e família eu quero ter
a ventura sem par de estar cumprimentando
mais uma vez você nesta data bendita.

FELIZ NATAL, IHG

Amigo presidente do Instituto
Histórico e Geográfico de Pira,
receba os velhos versos desta lira,
da amizade de todos, doce fruto.

O mundo novamente louco e bruto
em convulsões satânicas delira.
A paz e amores que o Natal inspira
já não servem, ao homem dissoluto.

Aos companheiros votos mil formulo.
O Menino encontrou calor, carinho,
no calor animal de rude mulo,

mas o homem não quer luz, não quer caminho,
é um tolo inteligente, mau e nulo,
sobretudo infeliz, fátuo e mesquinho.

A MOACYR NAZARENO MONTEIRO E FAMÍLIA

Na jornada da vida, a sorrir ou chorando,
ora a cantar vitória, ora todo cansaço:
por estrada feliz às vezes caminhando,
em outras por pedrouço enveredando o passo.

Hoje todo prazer, de um abraço a outro abraço,
amanhã, sob o céu lindo de sol, cantando,
viver é mesmo assim; faça você o que faço,
amando a natureza, a própria vida amando.

Que os cantantes Natais se sucedam todo ano
trazendo para a gente o ciclópico oceano
da amizade e do encanto em Deus-Menino Infante.

Muitos votos, Moacyr, para você e os seus,
vamos muito sonhar, vamos pedir a Deus
que ampare nosso lar, que todo o mal espante.

AOS DRS. GALDINO E MATTOS

Galdino e Mattos, especiais amigos,
defensores da Lei e da Justiça
em todos seus capítulos e artigos.
empenhados em árdua e nobre liça,

o Natal une amigos e inimigos,
na tristeza uma flor alegre viça.
Para os que enfrentam dores e perigos,
Natal é óleo que sara e que enfeitiça.

Obrigado a vocês e que o Menino
em cujas mãos do mundo está o destino,
distribua suas bênçãos em seus lares.

E o milênio veloz que se aproxima
faça crescer em nós a mútua estima
e o Amor entre nossos familiares.

AOS AMIGOS DA 'FARMAIS'
SAUDAÇÃO NATALINA

Que alegria saber que vocês todos
nos desejam o mais feliz Natal!
Desça do céu felicidade a rodos,
de bênçãos uma chuva divinal.

Que o novo ano nos livre dos apodos,
de todas e quaisquer sombras do mal.
Longe de nós os cínicos engodos
que no Menino Deus têm seu rival.

Sou muito grato a vós pelo carinho
com que sempre à família e a mim trataste,
neste da vida longo e árduo caminho.

Afinal nada somos , mas devemos
cuidar como uma flor em débil haste
da vida que de Deus nós recebemos.

AO VEREADOR PROF. MOACYR NAZARENO MONTEIRO

O que foi feito bem está bem feito,
prossigamos então nessa jornada,
caminhando as veredas do Direito
com amor, com justiça redobrada.

Da janela da vida a vida espreito
vendo quão pelo mal é desgraçada.
Manda hoje no mundo o desrespeito...
Como anda a humanidade fracassada!

Amigo, legislar é de almas nobres,
é espalhar o Direito dentre os pobres,
fazer Justiça aos piracicabanos.

Seu nome “nazareno” já diz tudo:
faça da Edilidade o nosso escudo,
Feliz Natal por este e muitos anos!

MAIS UM NATAL, CAETANO

Como pode o Senhor, Deus Eterno e Glorioso,
abandonar o Céu para vir a esta Terra?
Jesus Cristo não vês que o mundo é tenebroso,
que aqui vive a Injustiça, o Desamor, a Guerra ?

Po r que deixar o sôlio angélico e faustoso,
toda a felicidade e amor que lá se encerra?
O mundo, meu Senhor, é ingrato e tortuoso,
ao pecado e ao prazer cada vez mais se aferra!

A cada ano, Menino, armas em nossas casas
um presepe de Amor, oh! que felicidade!
Vem dizer-nos que ainda és Deus dos homens todos.

E Criança, a sorrir, de Amor o mundo abrasas,
vens dizer-nos que és Luz, que és Vida, que és Verdade,
embora a ingratidão, a blasfêmia, os apodos!

FELIZ NATAL

Ao prof. Paulo Dias Neme e Família

Meu caríssimo Paulo Dias Neme
e mui cara família que comanda
como seguro e muito forte leme,
Feliz Natal esta mensagem manda.

Quer o barco da vida em vela panda,
quer ao sopro do vento, às vezes, reme.
quem tem de Deus a graça veneranda
a luta vencerá, pois nada teme.

Que o Menino Jesus, dono da Festa,
abençoe e proteja a vossa luta,
afugente de vós a dor funesta.

Eis que o raio do amor da Santa Gruta
vosso lar ilumine e toda a aresta
seja vencida em glória absoluta.

AO PROF. PAULO DIAS NEME E ESPOSA

Uma vez mais o tempo em seu célere passo
nos acena o Natal feito luz e esperança.
Oh! como o tempo passa, oh! como o tempo é escasso
e a roleta da vida, a girar, jamais cansa.

Eis é festa no céu, na terra há paz, bonança,
deveriam se unir num grande e doce abraço
os homens e as nações, sem temor, sem tardança,
pois Deus está entre nós vindo do eterno espaço.

Paulo e Aparecida, um casal santo e nobre,
sincero agradecer deste poeta pobre,
mais um Natal que chega e traz felicidade.

Abençoe vosso lar a Divina Criancinha,
abraça-vos o Lino e a Dora, esposa minha,
porque Natal é o dia excelso da verdade.

À VEREADORA APARECIDA ABE

NATAL, PODER MAIOR

“Serenidade” você pede e nos deseja
para “poder mudar” o que é possível.
É Natal, o rocio eterno que roreja
por sobre a humanidade, ingrata e inacessível.

“Coragem”, eis o quanto a humanidade almeja
para mudar o mundo atroz, mau, irascível.
E a saber quer você, ó sonho irresistível,
que em cada mente humana, em centelhas, poreja.

Caríssima Cida Abe, ao Menino que nasce
voltemos nosso olhar, voltemos nossa face,
é a coragem, a paz; o amor que do céu desce.

E a nós, tolos mortais, oh! muito pouco resta,
nada mais que pedir-lhe em sua santa festa
tudo o que você quer em fervorosa prece.

E A LUZ SE FEZ CARNE

Rolam os dias, rela a vida em disparada
da voragem do tempo encanecendo os anos,
os sonhos vão conosco em doida batucada
seguida pela dor de estúpidos enganos.

Vivemos hora a hora à sombra dos arcanos,
inseguros quiçá da nossa própria estrada.
Os homens, muita vez, julgam-se soberanos,
sem amor, sem virtude, em cética jornada.

E por que são assim esses vermes humanos,
por que não levantar os olhos para a arcada,
onde há estrelas, e o sol, do céu nos altiplanos?

E por que a humanidade, estulta e sempre errada,
não vê toda essa luz que mata os desenganos,
no altar da manjedoura em palhas, encarnada?

(Feliz Natal para João, MEFSA, Brígida, Rogério,
Mirela, e próspero Ano Novo para a sua indústria
e seus trabalhadores.)

AO DEPUTADO ARNALDO DE SÁ

Ó meu amigo, deputado Arnaldo,
de aposentados defensor emérito,
os votos de Ano Bom, hoje me esbaldo,
como o fiz igualmente no pretérito.

Na luta prossigamos, em respaldo,
da Constituição, do Bem, do Inquérito.
Esse governo é um desditoso caldo,
imposto sem que a tanto houvesse mérito.

Para você e amados familiares,
votos de um Ano Novo sem pesares,
vitórias incontáveis no Congresso.

Mormente sobre quem despreza e fere
aposentado e funcionário e adere
ao mau costume de pagar recesso.

É NATAL, TELMO OTERO

Meu caríssimo amigo, Telmo Otero,
Deus lhe pague a mensagem natalina.
Para você e família, Telmo, espero
sejam felizes sob bênção divina.

A vida é um caminhar, lutar severo,
é algo que muitas vezes desatina.
Não importa, porém, se vencer quero
pois querer é uma força que ilumina.

Vamos adiante, assim, iluminados,
esquecendo os percalços já passados
e buscando o que é bom, é belo, é o Bem.

À frente, ao sol dessa felicidade,
cultivando os encantos da verdade,
olhos fitos na estrela de Belém.

BOAS FESTAS, “JORNAL DE PIRACICABA”

Ao glorioso “Jornal” a que Piracicaba
com carinho retém como um grande tesouro,
Santo e Feliz Natal, a todos dessa taba,
desçam bênçãos do céu qual chuva feita de ouro.

Um jornal é um lutar sem fim, que não se acaba,
é malhar diariamente o velho ou jovem couro
sobre tudo o que vier, sob tudo o que desaba,
no mundo, delicioso e imenso sorvedouro.

Feliz Ano 2.000! Amigos diretores,
votos e abraços mil aos nobres redatores
e a todos os que aí trabalham com afeto.

Centenário “Jornal”, que os meus votos acolhe,
que o Menino Jesus prá todos vocês olhe
ao lado do saudoso e grande Losso Netto.

AOS MENINOS DA “CASA DO BOM MENINO”

“Feliz Natal” a vós também, Meninos,
que enfeitais essa casa de crianças.
Que o Natal vos conceda os dons divinos,
vos cumule de amor as esperanças.

Sois os sonhos futuros, os destinos
do amanhã; sois talvez muitas lembranças.
Que badalem então os santos sinos,
que venha o “Bom Menino” sem tardanças.

A família agradece e eu agradeço
a mensagem que veio desse “berço”,
é tão grande e não tem humano preço!

Feliz Natal, meninos, eu repito,
e lembrai-vos da gente em vosso terço,
recomendai-nos ao Senhor bendito.

AO “LUTADOR”

Um menino – ave implume – a tiritar de frio,
estábulo por lar, por berço, palha rude...
Um Deus se faz nêê – é a Eterna Magnitude
que vem do mundo encher o tétrico vazio.

Tem mais astros o céu! Muge um vento vadio,
mas há angélico canto a soar na altitude!
Das alturas despenca um frígido rocio,
envolve a noite santa excelsa beatitude.

É a Luz que vem a nós em brilho tão intenso,
o Eterno manda o Filho em missão salvadora,
humilde e pequenino igual a nós mortais.

Traz consigo o perdão, perdão divino e imenso...
Tão pequeno o Menino em pobre manjedoura,
tão grande como um Deus, somente Deus! Não mais!

AO VEREADOR DR. LUIZ D. DOS REIS

Dr. Luiz Reis, médico supimpa
vereador responsável de cada ato.
Consciência de valor , serena, limpa,
esculápio estimado, homem sensato.

Alta montanha de amizade grimpa,
vencendo sempre o ódio e o desacato.
Pelos meandros da lei ele garimpa
para melhor cumprir o seu mandato.

Ao amigo Luiz e familiares
Feliz Natal, muita felicidade,
do céu desçam as luzes estelares.

Desejo-lhe trabalho prá cidade,
também junto a seus ínclitos pares
um mundo imenso de felicidade.

A JOÃO OTÁVIO MELLO FERRACCIÚ E FAMÍLIA

(Um soneto muito particular)

João Otávio, Rogério, Brígida, Mirela,
é Natal, é Natal! Como a vida se esvai!
Eis a cada Natal a vida é sempre bela,
um novo passo em direção ao Santo Pai!

Unindo corações o Infante se revela,
estende a mão divina a pecador que cai.
Repitamos também aquela noite, aquela
grande noite de amor! Amigos, exultai!

Dou-vos também a mão, desejo-vos ventura,
do fundo de minha alma agradeço os favores
que em João sempre encontrei – magnânima criatura!

Natal que continue a expandir muitas flores,
seja a amizade um bem que não morre e perdura,
alicerçando a Fé, os Sonhos, os Valores!

A JOÃO MELLO FERRACCIÚ E FAMÍLIA

O “príncipe” lhes manda e lhes deseja
os votos de Ano Bom e de Natal.
Que a vida prá vocês mais bela seja,
que floresça o amor como um fanal!

Nessas festas queridas sempre adeja
a poesia qual anjo divinal;
Ela vive e nos cânticos harpeja...
Como é bom ser feliz, sensacional!

A Paz, o Sonho, a Fé, todos reunidos
à Esperança que dentro em nós lateja,
nos dêem vigor para alcançar vitória!

Longe de nós temores fermentidos...
Que a luz nos ilumine benfazeja,
que o Infante nos conduza para a glória!

AO IHG

Caro amigo Moacyr, mui digno Presidente
do glorioso instituto histórico da terra,
que 2.000 a chegar, estranho e surpreendente,
nos liberte afinal da injusta e longa guerra.

Que Deus-Menino bom, alegre e sorridente,
nos ajude a vencer essa insônia que aterra!
Que em 2.000 venha a Paz, venha o Amor para a gente,
um milênio melhor do que esse que se encerra!

E que nosso Instituto Histórico e Geográfico
continue a verter, qual fonte, o belo tráfico
da cultura e saber aos piracicabanos.

Paz e Bem a vocês, Natal santo e feliz,
que cheguem até nós palavras que Deus diz,
que esse Instituto viva inda por muitos anos!

AO GRUPO CATEQUESE VILA REZENDE

Diante do “Boas Festas” e do “Abraço”
da catequese da matriz da Vila,
não sei o que dizer, nem sei que faço,
tanta alegria o seu cartão distila.

Mensagens de Natal são Deus no espaço
deixando a quem recebe a alma tranqüila.
Parece até que neles eu renasço
e vê mais luz brilhar cada pupila.

Agradeço em meu nome e da família
os votos divinais que nos envia
esperanças da Eterna Maravilha.

Natal os nossos prantos alivia,
lembra que a Terra é apenas uma ilha
em que o homem em sua dor se degladia!

AO CAETANO, FELIZ NATAL

Os anos passam , passa vida numa fuga,
sucedem-se os Natais como um oásis risonho...
A humanidade segue e seus passos estuga
em busca de não sei que estravagante sonho.

Nesse dia de luz o Homem triste e bisonho,
ao invés de rezar, qual feroz sanguessuga
chafurda num lamal doloroso e medonho,
em orgias sucumbe, em orgias madruga.

Há porém sempre alguém, alma excelsa e sublime,
que transforma o Natal de cada ano que passa
num momento de Fé que espíritos redime

A cada amigo seu cumprimentando abraça
com, o encanto de um verso onde a amizade rime
e fulja do Natal a imorredoura graça.

A CAETANO GRAMANI

Viver é batalhar intenso, atroz, insano,
muitas vezes em treva, outras tantas, sozinho.
Companheiro é você, nessa luta, Caetano,
enfrentando do tempo o ingrato torvelinho.

Passam dias correndo, ano segue após ano,
hoje flores talvez, amanhã muito espinho!
Mas Natal chega sempre, e traz sempre um oceano
de ventura, de amor, de esperança e carinho.

Meu amigo Caetano, o mísero poeta,
sem arte, sem estilo, insípido e inestético,
quer saudá-lo na data em que Deus veio até nós.

Peço pois o poder do mais sublime esteta
o Dom mais divinal, o verso mais profético,
para adorar Jesus com retumbante voz.

ALCIDES PARSIA

Meu grande amigo, nobre professor Alcides,
mais um ano que vem, mais um Natal que passa.
É tão breve esta vida, é fugaz qual fumaça,
sempre cheia, porém, de labutas e lides.

Ainda bem que Deus nos deu o Dom da graça
– uma arma com a qual eu agrido e tu agrides –
o despótico Mal, a Dor que a vida embaça...
Não posso decidir, mas tu, Parsia, decides.

É a vontade divina, a orientação suprema!
Peço ao Menino então que a graça lhe reserve
e a força prá lutar com coragem extrema.

Que bondoso Jesus em seu reino o conserve,
que a vitória final seja o meu e o teu lema,
que o Natal nos dê a luz a quem o guarda e serve!

AO POETA IRINEU VOLPATO

Caríssimo Irineu – Silva – Volpato,
vindo ao mundo feliz e rezendino,
grato pelo cartão ao pobre Lino,
pelo cartão ao Lino sou-lhe grato.

Natal de novo! Embora caricato
pois o homem não quer o que é divino!
A velhice porém é um triste fato
e morrer é de todos o destino.

Enquanto é tempo, voem os cartões
quem sabe dão alívio aos corações,
essa coisa que bate, bate e ...ploff!

Saudemos os amigos com carinho,
esquecendo de assados e de vinho,
mandando para as favas o “strogonoff”!

ALGUNS HINOS

Insiro aqui uma pequena coletânea de hinos por mim escritos para homenagear pessoas e entidades, mais como um jogo de poética e lazer do que alcançar a própria finalidade a que se destinam .

Diversos foram aproveitados pelos interessados.

HINO AOS PAIS

Neste dia de júbilo vimos
relembrar os caríssimos pais.
Eles são o mais sólido arrimo,
eles são nossos sonhos reais.

Pais queridos nos mostram a estrada
que devemos na vida trilhar
E nos levam à glória sonhada
de querer, de vencer, de lutar.

Pai é amor, é carinho, é ternura
ante as forças da vida revel.
É esperança , é remédio que cura,
é bonança num mundo cruel.

Quando formos um dia na vida
a ventura do amor procurar
ei-lo perto na imagem querida
de um pai nobre, feliz, exemplar.

Ele certo merece o respeito
de seus filhos , e amor, gratidão
dediquemos-lhe assim nosso preito,
seja este hino uma santa oração.

HINO À USINA

Aos primeiros albores da aurora
principia da Usina o labor.
Trabalhar, produzir, hora a hora,
foice, enxada, podão e trator.

Chaminés fumegantes no espaço,
operário irmanado ao patrão.
As turbinas, o fogo, o melaço,
o ouro branco em feliz profusão.

Estrilho

Usina, riqueza imensa,
açúcar, valor sem par.
A pátria, sonhando pensa,
a Usina pensa, a sonhar.

O álcool jorra, genial combustível,
que o Brasil neste solo plantou.
Uma força soberba, invencível,
que a lavoura da cana gerou.

Na extensão das fazendas a herança
verde –loura de mil canaviais;
é um porvir de risonha esperança,
é o futuro a crescer sempre mais.

Estrilho

Usina, riqueza imensa,
açúcar, valor sem par.
A pátria, sonhando, pensa,
a Usina pensa, a sonhar.

HINO DO BAIRRO DE SANTANA

Nobre bairro de origem trentina,
filho amado do altivo Tirol,
ouro verde da cana e a usina,
muito céu, muita luz , muito sol.
Face rubra, cabelo alourado,
de uma raça que indica trabalho,
no milagre de um belo passado
encontramos da vida agasalho.

Estrilho:

Terra amor, terra orgulho, pedaço
destas plagas piracicabanas,
salve, salve, Santana, regaço
de imortais tradições soberanas.

A lavoura, o progresso, a riqueza
são os prêmios que Deus lhe oferece,
sob o beijo de excelsa grandeza
ergue ao céu o esplendor de uma prece.
O amanhã é um porto seguro
a acenar-te uma grande vitória,
és Santana penhor do futuro,
esperança, valor, glória, glória.

(Estrilho)

HINO DO BAIRRO SANTA OLÍMPIA

(Musicalizado por Jair Vitti)

I

Sob o amparo da Virgem Maria,
Mãe excelsa, sublime mulher !
Santa Olímpia – trabalho e porfia,
povo altivo que sabe o que quer.

Vocações religiosas que falam,
da Família reduto exemplar !
Nobre gente a que os sonhos embalam,
sob o lema – cantar, trabalhar.

Estrilho

Santa Olímpia , terra santa,
cuja origem é imortal
A paisagem vibra e canta,
louva a Deus de par em par.

II

Tens no azul no teu céu a promessa
de uma vida futura eternal.
Nada há que teus passos impeça,
não há sombras de Dor e de Mal.

Prossigamos cantando este hino,
ao bater do filial coração .
Eis a frente um brilhante destino,
irmanando Trabalho e Oração.

HINO DA ACIPI

MÚSICA – LUIZ FERREIRA GROSSO

(A letra está composta em versos de nove sílabas, com acentuação tônica nas 3ª, 6ª e 9ª sílabas, o que leva a música ao compasso de marcha)

(O Estribilho, para evitar monotonia musical, é também composto de nove sílabas, apenas com mudança de acentuação tônica que recai sobre a 2ª, 4ª, 7ª e 9ª, o que exige logicamente a mudança de ritmo musical)

I

De um pugilo idealista de bravos
floresceu sob luz e esplendor,
a entidade que a nós faz escravos
da grandeza, da glória, do amor.

Eis a ACIPI a envolver no seu pátio
todo aquele que busca um ideal.
Nela mora o progresso, o trabalho,
é carinho, é esperança, é fanal.

Estribilho

Indústria e Pátria em unida luta,
Comércio e Povo num só fazer.
Sob este teto vibra impoluta
vontade férrea que diz : vencer.

II

Esta Escola edifica o futuro
ensinando o que é nobre e feliz
Neste templo o homem segue seguro,
livre sonha, trabalha e bendiz.

E os valores que adornam a vida
são orgulho que a terra guardou.
São ofertas da ACIPI querida
a este povo ao qual sempre adorou.

HINO AO SENHOR BOM JESUS

(À matriz da Cidade Alta)

I

Quando as sombras de um mar proceloso
nos despojam do brilho da Luz,
só teremos descanso e repouso
recorrendo ao Senhor Bom Jesus.

Se o caminho da vida nos cansa
por atalhos de dor nos conduz,
não percamos jamais a Esperança,
no querido Senhor Bom Jesus.

Muitas vezes a pobre existência
tem o peso infinito da Cruz.
Nada entanto será se a clemência
nos vier do Senhor Bom Jesus.

Ele é a Vida, é a Verdade, é o Caminho,
Ele é a Fé que entre as trevas reluz.
É da Graça e do Amor quente ninho,
todo amado Senhor Bom Jesus.

À PADROEIRA DA MÚSICA (I)

No milagre da música foste
a mensagem de acordes celestes.
Melodia de graça e candura,
anjo – mártir de cândidas vestes.

Como prêmio de teu sacrifício,
Deus te fez padroeira do som.
Ó Cecília, por nós ora a Deus,
a Deus Pai tão sublime e tão bom.

Eleva a Deus, Santa Cecília,
a tua música eternal.
E o nosso canto acolhe agora
leve – o a Jesus como um fanal.

Adornada de amor e de graças
és Cecília de Deus mensageira.
Com a música a Deus nos elaças,
pois da música és a santa padroeira.

Foste tão pura ó santa artista,
ao Senhor deste amor e vida.
Sendo de Deus assim benquista
sê protetora compadecida.

Vivo exemplo de raras virtudes
dá – nos força, ventura e vontade.
Também dá – nos nas vicissitudes
todo o amparo da tua bondade.

HINO À PADROEIRA DA MÚSICA (II)

Cantam vozes humanas na terra,
cantam vozes divinas no espaço.
É a harmonia do mundo que encerra
a beleza do Amor no regaço.

De manhã canta a vida o arrebol
canta a tarde a saudade do dia,
vede a luz como um canto do sol,
vede o mundo que canta e porfia.

Cecília, estrela que se escuta
doce cantando no paraíso.
Assiste a nossa triste luta,
do céu nos manda o teu sorriso.

Uma luz musical no estelário
do infinito refulge sem par.
É Cecília padroeira da música,
aprendamos com ela a cantar.

Que os acordes dos mais belos hinos
sejam passos que levem ao céu.
Onde se ouvem harpejos divinos
que comovem o mais duro incréu.

Santa Padroeira da Harmonia,
Cecília amada do Senhor,
sobre este mundo haja a alegria,
do teu cantar feito de amor.

HINO A RIO CLARO

Estrilho

Glória, glória, rioclarense,
povo ativo e varonil.
Rio Claro lhe pertence,
é um pedaço do Brasil !

I

Teu destino, Rio Claro,
nasceu junto a um ribeirão,
- um tesouro puro e caro,
una história irmão a irmão.

Deste marco, por teus filhos,
a lutar com devoção,
Rio Claro lançou trilhos
a caminho do sertão.

(Estrilho)

II

Nobre terra, forjadora
de progresso e educação;
é na indústria, é na lavoura,
no trabalho e religião.

Carinhosamente a alcunha
de “Cidade Azul” lhe dão.
O farol do amor empunha,
traz a luz do ensino à mão.

(Estrilho)

III

Há no céu, mais azulado,
paz, quietude, sonho e união.
Lindo bosque, lado a lado,
- verde e azul do Pavilhão.

Rio Claro, Rio Claro,
singular, feliz torrão.
Tem do céu supremo amparo,
tem as bênçãos de São João.

HINO A VILA REZENDE

És à margem direita do rio,
berço nobre de grande esplendor.
Chão primeiro a acolher o plantio
da semente de seu fundador.

Hoje és grande, és ativa, és airosa,
e os teus filhos te querem, oh! tanto!
Mesmo adulta prossegues formosa
a exhibir o mais doce quebranto.

Estribilho

Feiticeira feliz na labuta
do trabalho, da fé, da justiça
a cumprir tua história impoluta
e a honradez da bigorna e do malho.

Na oficina e na escola se tecem
os valores humanos da vida.
A virtude e os amores florescem
como glória num sonho reunida.

Tem a Vila Rezende um tesouro,
nas manhãs e nas tardes douradas:
fica ouvindo das águas o coro
e do salto as endeixas magoadas.

CANTO A NOSSA SENHORA DO CENÁCULO

Virgem Santíssima do Cenáculo
Mãe soberana do Bom Jesus,
de nós afasta todo o obstáculo
guia-nos certos com tua luz.

Caminhos longos para trilharmos,
pedras e espinhos a nossos pés.
Dores e prantos quando encontrarmos,
alívios és sempre em qualquer revés.

Senhora Excelsa deste Cenáculo,
Amor e Vida vindos do Pai,
do mundo eu canto de Deus oráculo,
Mãe carinhosa por nós olhai.

Desde o surgir fetivo da aurora
ao vir sublime do pôr-do-sol
conosco fica, Nossa Senhora,
porque és eterno e doce arrebol.

E quando Deus levar-nos da vida
para o seu reino de Paz e Amor,
decerto à porta estarás, oh ! Mãe
para nos dar o eterno Esplendor.

HINO À ESCOLA DE COMÉRCIO ‘CRISTÓVÃO COLOMBO’

A labuta nos chama e convida
À conquista portanto da vida,
ó moços, de pé!
Sob o sol, entre a brisa fagueira,
o estandarte da nossa bandeira
tremule com fé.

Estribilho:

Desdobrado na altura, bendito,
carregado por nós com amor,
sobre as asas de intrépido grito
paire o dístico “Estudo e Labor”

Estudar, trabalhar, brado ovante
de vitória ; colegas, avante,
é nosso o porvir.
Seja embora estafante a jornada
e haja espinho a juncar-nos a estrada,
devemos subir .

Nossa pena uma espada certa
rasgue em golpes de fogo a cegueira
dos erros revéis.
E tenhamos nos choques da liça,
por fanais de saber e justiça
os livros fiéis.

Grande escola o teu nome norteia,
é Colombo, uma imensa candeia
ao longe a brilhar.
Esse herói de constância e realeza,
pois que soube ele só com firmeza
o oceano domar.

Recruzemos os mares da vida,
sobre a nave da escola querida,
cantando: ao porvir.
E, olhos fitos no grande luzeiro,
nós veremos em, breve altaneiro
um mundo surgir.

CANTO À VIRGEM

Mãe da gente, mãe querida,
santa imagem de Maria,
porta de que vem a vida,
temos luz, fanal e guia.

Quando a dor chega a teus filhos
és remédio que alivia,
ao passar por ínvios trilhos
és farol, mãe cara e pia.

Mestra divina e bondosa
que ensina amor e oração,
tão suave como rosa,
tão perfeita como a mão.

O próprio Deus infinito,
na imagem do Bom Jesus,
nasceu de um seio bendito
- Mãe dolorosa da Cruz.

Nas horas tristes da vida,
nos momentos de alegria,
lembramos da Mãe querida,
querida Virgem Maria.

HINO Á CIDADE DE MOMBUCA

(Participante em concurso promovido pela prefeitura daquela cidade e município - Música do maestro Vicente Gimenes)

És, Mombuca, em teu nome a abelhinha
- vivo exemplo de amor e trabalho -
do labor e progresso és rainha,
na alma tens solidez de carvalho.

Os teus filhos unidos em torno
de um feliz e sublime ideal
em si trazem qual épico adorno
da bravura o mais belo fanal.

Estrilho:

Neste canto, neste exemplo,
nestas ruas, neste chão,
nestes lares, neste templo,
pula o nosso coração.

Quando um dia bufando num berro,
pelo campo nos ares soou
o progresso da Estrada de Ferro
de Mombuca o destino traçou.

Mãos à obra, ao trabalho árduo e duro,
numa união de valores e amor,
vai, Mombuca, cumprir teu futuro
sob as bênçãos de teu protetor.

HINO AO MUNICÍPIO DE CHARQUEADA

(Composição Musical de Guido Zanlorenzi)

Tendo a serra por berço azulado
e a cortina de um céu todo anil,
és, Charqueada, um sorriso encantado,
um pedaço de chão do Brasil.

Quando o sol, despontando, redoura
a paisagem, as ruas, a cruz,
põe um beijo de amor na lavoura
e no templo uma bênção de luz.

Estrilho:

Charqueada canta, canta o teu hino,
um convite ao teu povo feliz.
E cantem todos – o velho e o menino –
desde o mestre ao brioso aprendiz.

Vereadores, Prefeito, reunidos
numa luta de sonho e labor,
por seu povo estimado, aplaudidos
no progresso, nas lutas, no amor.

Que nos lares floresça a virtude,
que nos templos a fé seja um sol.
Haja sábia e feliz, juventude,
seja a escola um divino farol.

HINO AO GRUPO ESCOLAR “DR. SAMUEL DE CASTRO NEVES”

(Letra de Luiz L. Guerrini - Música de Hoflum Junior)
(Incluído neste livro por se tratar da escola de ensino
onde o seu autor aprendeu a ler e escrever)

Em bando alegre nós vamos
à escola sempre a sorrir;
porque na escola plantamos
a semente do porvir.

A nossa escola é oficina
de bom civismo e saber;
o mestre as trevas domina
com as armas do dever.

Brasil, por ti sempre forte,
eis nosso lema escolar;
da vida pois nosso norte
vamos nós no estudo achar.

Estribilho

Lições do mais lindo exemplo,
o saber tu nos descreves
- salve o nosso amado templo -
querida escola “Samuel de Castro Neves”.

MINI-HINO AO “JORNAL DE PIRACICABA”

Letra Lino Vitti - Música Luis Ferreira Grosso

“Jornal de Piracicaba”
brilhante como um farol,
amor que jamais acaba,
eterno qual vivo sol.

Decano da nossa imprensa,
qual astro em soberbo céu
que a glória te seja imensa,
que venças todo o escarcéu.

“Jornal de Piracicaba”
cumprindo santa missão,
cacique és desta taba,
peroba és deste chão.

Amigo, sublime amigo,
de um povo forte e feliz.
“Jornal” quer dizer abrigo,
um sonho que se bendiz.

HINO AO MUNICÍPIO DE SALTINHO

(Adotado pelo Município, com música
do Maestro Vicente Gimenes)

Filho ativo de um nobre passado
és, Saltinho, uma rica promessa,
uma vida que em sonhos começa,
grande sonho afinal realizado.
Passos firmes buscando o futuro,
devaneio de gente feliz,
marco excelso, idealismo mais puro,
um pendão de esperanças gentis.

Eis à frente um caminho de lutas,
de trabalho, esforço e vontade.
Dos teus filhos porém é vaidade
conquistar a vitória impoluta.
O progresso, a grandeza, a cultura
são fanais do teu belo porvir.
Nos teus campos, da cana a cultura,
nos teus lares, o amor a sorrir.

O amanhã que te espera tem brilhos
de um aurora de encantos sonhados,
o astro-rei aquecendo os telhados
ilumina o valor de teus filhos.
Desse templo que se ergue na praça
descem bênçãos de luz divinal,
como um rio de crença e de graça,
saltinhense à vitória final.

HINO AO BELA VISTA NAUTI CLUBE

(Musicado por Luis Ferreira Grosso)

Nessas quadras de esporte e piscinas
tendo o rio por belo cenário
propicias, ó Nauti, as divinas
credenciais de lazer multi-vário.
Jovens são, são adultos, crianças
engajados no esporte e saúde
desfrutando amizade e esperanças,
cimentando o prazer e a virtude.

Estribilho:

Clube de amor predileto
realidade desportiva
é querido e lindo templo
a gerar, oh! muito afeto,
valor dando e muito à vida.

Quando o sol beija as límpidas águas
com calor de um amante glorioso,
como que se despedem as mágoas,
o associado é feliz, vitorioso.
Nauti-Clube, presença de vida,
juventude a exhibir seus valores,
em teu seio ideais têm guarida,
em teu seio cultivam-se amores.

HINO AO MUNICÍPIO DE SÃO PEDRO

(concorrente a concurso público movido pela prefeitura)
(Música de Jair Vitti)

Ao sopé vegetal e risonho
da beleza da serra a subir,
a cidade desperta do sonho
cada dia a buscar o porvir.
Recomeça São Pedro a batalha,
mais um passo fitando o futuro,
povo bom que caminha e trabalha,
céu azul, serra azul, ar tão puro.

Estribilho:

São Pedro, jóia da terra,
abençoada e feliz,
deitada em berço da serra
onde canta, ama e bendiz.
São Pedro como patrono
ocupa esse belo trono
que tem estirpe e raiz .

Neste chão, capital do bordado,
o poeta Gustavo floriu.
E a poesia do vate afamado
de beleza e de glória a vestiu.
Arte, encanto, saber e cultura
são motivos do amor são-pedrense,
onde a vida se apressa e se apura
de um destino que só a Deus pertence.

(Estribilho)

União, força, trabalho, esperança,
tudo unido a um profundo querer,
eis o lema que luz e que avança
tal o brilho de um alvorecer.
Oh! São Pedro, que sempre timbraste
em ser grande no amor, na amizade,
que a vitória se abraça e se engaste
Ao progresso, ao valor, à verdade.

(Estribilho)

HINO REVIVER

(oferecido à Escola Aberta da 3ª idade do SESI)
(Musicado por Luis Ferreira Grosso)

Reviver é desejo de quantos
aqui buscam a luz do saber.
Nesta casa encontramos encantos
porque nela se quer reviver.

Muitos anos não são empecilhos
para quem muito anseia aprender.
Há no estudo os mais vívidos brilhos
quando o ideal é querer reviver.

Estribilho:

Vamos todos vida afora
cumprir sonhos e dever.
És, escola, nossa aurora,
nosso ideal de reviver.

É por isso que estarmos presentes
com vontade, ventura e prazer,
com amigos e com dirigentes
nesta escola feliz reviver.

Está sempre de braços abertos
para nos convidar e acolher.
Nos momentos difíceis e incertos
é preciso vencer, reviver.

(Estribilho)